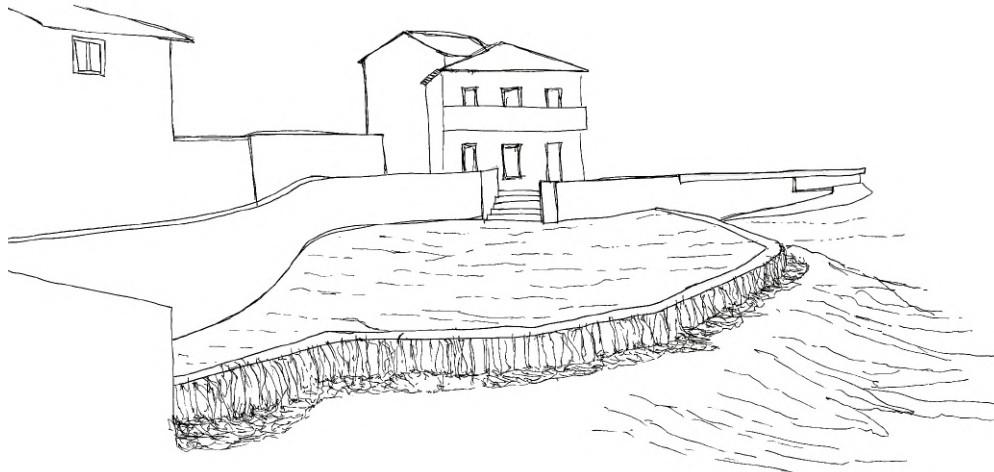




FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA



O RENASCER DO AGROAL

A proposta revitalizadora de uma estância termal para o Agroal, em Ourém

Carolina Vieira Reis

(Licenciada)

Projeto para a obtenção de grau Mestre em Arquitetura

(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientação Científica:

Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Júri:

Presidente: Professor Doutor Miguel Calado Baptista-Bastos

Vogal: Professora Doutora Margarida Maria Garcia Louro do Nascimento e Oliveira

O RENASCER DO AGROAL

A proposta revitalizadora de uma estância termal para o Agroal, em Ourém

Às gentes de Ourém...

TEMA

O RENASCER DO AGROAL

SUBTEMA

A proposta revitalizadora de uma estância termal para o Agroal, em
Ourém

AUTOR

Carolina Vieira Reis

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Mestrado em Arquitetura

Lisboa, FAUL, setembro 2020

RESUMO

A nascente de águas frias é considerada desde sempre o ex-líbris do Agroal, que aliada à paisagem encantadora do vale onde se insere é tida como um ponto de interesse e de atração na região.

As ligações do recurso destas águas às curas milagrosas são, desde sempre, associadas aos poderes medicinais da nascente de água mineral natural. Com a evolução dos tempos, o espaço foi perdendo o seu carácter terapêutico para dar lugar às práticas veraneantes, aquando o aparecimento e desenvolvimento da praia fluvial.

O RENASCER DO AGROAL – A proposta revitalizadora de uma estância termal para o Agroal, em Ourém, é um projeto que visa devolver ao Agroal a sua essência original, permitindo que os visitantes possam usufruir dos espaços criados, em busca do relaxamento e bem-estar desejados, sem nunca esquecer a ligação deste espaço à tradição dos banhos. De salientar que, todo o projeto procura aliar a memória do lugar às novas tipologias arquitetónicas, bem como à vivência do espaço urbano, possibilitando o convívio entre todos os utilizadores.

PALAVRAS-CHAVE

Agroal | Paisagem | Percursos | Termas | Turismo

TITLE

THE REBIRTH OF AGROAL

SUBTITLE

The revitalizing proposal of a thermal resort for Agroal, in
Ourém

NAME

Carolina Vieira Reis

SCIENTIFIC ORIENTATION

PhD Ana Marta Feliciano

Master in Architecture

Lisbon, FAUL, September 2020

ABSTRACT

The nascent of cold waters it is considered the ex-libris of Agroal, which combined with the charming landscape of the valley where it is inserted, makes of this one, a considered point of interest and attraction in the region.

The connections at the use of these waters to miraculous cures, have always been associated with the medicinal powers of the natural mineral water spring. With the evolution of the times, the space was losing their therapeutic character to give way to some practices of summer vacations, when the river beach was appeared.

THE REBIRTH OF AGROAL – The revitalizing proposal of a thermal resort for Agroal, in Ourém, is a project that aims to return Agroal to their original essence, allowing to the visitors enjoy the spaces created, in search of the desired relaxation and well-being, without ever forget the connection of this space to the tradition of baths. It should be noted that the whole project seeks to combine the memory of the place with the new architectural typologies, as well as the experience of the urban space, enabling the coexistence among all users.

PALAVRAS-CHAVE

Agroal | Landscape | Pathways | Thermes | Tourism

AGRADECIMENTOS

Este projeto é o culminar de um grande ciclo, para o qual contribuíram algumas pessoas que importam mencionar:

À minha orientadora Ana Marta Feliciano, um agradecimento especial, por todo o acompanhamento e incentivo, pelo interesse demonstrado no tema e por me recolocar no caminho certo, quando por diversas vezes, me afastei das questões centrais.

À minha família, que sempre foram o meu amparo em todos os momentos, principalmente os mais difíceis, pela motivação e pelo grande suporte emocional.

Aos meus companheiros de aventura, com quem partilhei e continuarei a partilhar vários momentos e várias histórias que levarei comigo toda uma vida.

A todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, cruzaram o meu caminho deixando a sua marca, mesmo sem se aperceberem.

A todos e a todas o meu sincero obrigada!

ÍNDICE

RESUMO	7
ABSTRACT	9
AGRADECIMENTOS	11
ÍNDICES DE FIGURAS	15
INTRODUÇÃO	35
I. ARQUITETURA TERMAL	43
1.1. A ÁGUA	47
1.2. TERMALISMO	51
1.2.1. A Origem do Termalismo	51
1.2.2. O Termalismo na Europa	53
1.2.3. O Termalismo em Portugal	67
1.2.4. As novas tipologias	87
1.2.5. O Hospital das Caldas da Rainha	91
1.3. O ESPAÇO ENVOLVENTE	95
1.3.1. A importância do espaço exterior	95
1.4. TERMALISMO E TURISMO	99
II. PROJETOS DE REFERÊNCIA	107
2.1. O CASO DAS TERMAS ROMANAS	109
2.2. O CASO DAS TERMAS DE RIGI	121
2.3. O CASO DAS TERMAS DE VIDAGO	125
III. AGROAL	135
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO	139
3.1.1. Contexto Geográfico e Urbano	139
3.1.2. Geologia e Geomorfologia	143
3.1.3. Contexto e evolução histórica	145
3.2. O AGROAL E O TERMALISMO	153

3.2.1. Início dos banhos no Agroal	153
3.2.2. Requalificações no Agroal	155
3.2.3. Do Termalismo aos novos usos da água do Agroal	157
3.3. AS ÁGUAS DO AGROAL	161
3.3.1. Propriedades físicas	162
3.3.2. Propriedades químicas	162
3.4. CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIAS LOCAIS	164
IV. UMA PROPOSTA REVITALIZADORA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL PARA O AGROAL, EM OURÉM	169
4.1. O RENASCER DO AGROAL	173
4.2. ESCALA URBANA	177
4.3. ESCALA ARQUITETÓNICA	183
4.3.1. Organização volumétrica da proposta e acessos	183
4.3.2 Programa organizacional e espacialidade	185
4.3.3 Materialidades e aspetos construtivos	195
4.3.4 O espaço exterior	196
CONSIDERAÇÕES FINAIS	203
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207
ANEXOS	211

ÍNDICE DE FIGURAS

01. Topografia do Agroal.	41
In: Elaborado pela autora	
02. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1990/96.	45
In: https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Hoteis/noticia/2019/06/conheca-7132-hotel-vals-com-termas-projetadas-por-peter-zumthor.html	
03. Bad Gastein (Áustria).	48
In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.	
04. Nascente de águas Termais. Thermopylae (Grécia).	50
In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.	
05. Esquema do sistema construtivo do Hipocausto.	54
In: https://www.apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/234/as-termas-romanas	
06. Hipocausto das termas de Dion (Grécia).	54
In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.	
07. Momentos sociais em termas Romanas.	54
In: https://www.apaixonadosporhistoria.com.br/artigo/234/as-termas-romanas	
08. Planta e corte longitudinal do balneário de Castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos.	56
In: https://4.bp.blogspot.com/_U5BQZnnF-EE/SvqnSoy12-I/AAAAAAAAACK0/WhjMR3eJ2HM/s280/2.jpg	
09. Ruínas do balneário de Castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos.	56
In: https://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/526/5264935.jpg	
10. Ilustração da condenação do inferno, da Igreja Católica. Autor desconhecido, 1510-20.	56
In: https://alocadosperfumes.files.wordpress.com/2013/03/inferno_autor-desconhecido_c-1510-20.jpg?w=360&h=196	
11. Representação dos banhos públicos, como eventos sociais. Autor desconhecido, 1597.	58

- In:<http://revistapiscinaseafins.com.br/blog/wp-content/uploads/2014/10/5-12-bock1597kunstfueralle.jpg>
- 12. Vista interior de Hammam Al Andalus, Granada.** 58
- In:https://d1ez3020z2uu9b.cloudfront.net/imagecache/blog-photos/77_49_Fill_670_0.jpg
- 13. Vista interior de uma das piscina das Termas Rácz, Budapeste.** 58
- In: <http://www.budapestagent.com/wp-content/uploads/2012/11/racz bath-604x300.jpg>
- 14. Interior da piscina das Termas Király, encimada por uma cúpula perfurada, Budapeste.** 58
- In:<https://www.budapest.org/en/wp-content/uploads/sites/101/bagni-termali-kiraly.jpg>
- 15. Vista interior de um dos espaços das termas de Napoleão, Plombières-les-Bains.** 60
- In: In:<https://www.tourisme-lorraine.fr/sitlorimg/1920/0/aHR0cHM6Ly93d3cuc2l0bG9yLmZyL3Bob3Rvcy84ODUvODg1MDAzMzc0XzQuanBn.jpg>
- 16. Vista exterior da piscina exterior das Termas Caracalla Baden-Baden, Alemanha.** 60
- In:<https://www.simonde.com.br/wp-content/uploads/2017/10/baden-baden-dicas-o-que-fazer-baden-wurttemberg-alemanha-1200-11-1024x682.jpg>
- 17. Fachada da rua Circus em Bath, Grã-Bertanha.** 60
- In: <https://i.pinimg.com/originals/e7/ecc3e7ecc37e4956f6d348099a19dac01670.jpg>
- 18. Alhama de Granada (Espanha).** 60
- In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores.
- 19. Termas de Caldelas, Grande Hotel de Bela Vista, galeria de repouso.** 62
- In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.
- 20. Trinkhalle das Termas de Baden-Baden, Alemanha.** 62
- In:https://db-service.toubiz.de/var/plain_site/storage/images/

orte/baden-baden/trinkhalle/trinkhalle_17_k/2994088-1-ger-
DE/Trinkhalle_17_K_front_large.jpg

21. Vestíbulo de entrada (1907). Kurhaus (Alemanha), um dos maiores casinos construídos na Europa. 62

In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.

22. Palácio da Fonte, salas de gargarejo da fonte de Chomel, Termas de Vichy. 64

In: <https://www.cparama.com/forum/cartes2013b/1376377818-Vichy-Source-Chomel.jpg>

23. Aquistas em torno da Fonte de Chomel, Termas de Vichy. 64

In: <https://www.cparama.com/forum/cartes2012a/1326947373-vichy-chomel.jpg>

24. Sala de banhos do estabelecimento termal, Termas de Vichy. 64

In: <https://www.thermes-de-vichy.fr/sites/default/files/images/Bain-historique-Thermes-de-Vichy.jpg>

25. Fonte Termal de Pedras Salgadas, Parque Termal Pedras Salgadas. 66

In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.

26. Vista geral das antigas Caldas da Rainha D. Amélia, implantação das atuais termas de São Pedro do Sul. 68

In: https://www.hotelvouga.com/wp-content/uploads/freshizer/ba5f5a2614dc215006ca3fc842faae09_historia-do-hotel-vouga-768-c-90.jpg

27. Casas dos banhos, junto ao rio, Caldas do Moledo - finais do século XIX 68

In: <https://3.bp.blogspot.com/-ECVfnIKtjXo/XGtHmCH-Y6I/AAAAAAAAAAk4/1ifSeJZQ38AUBYAxBwruyuECEov81V6YQCLcBGAs/s1600/Casas%2Bdos%2BBanhos.png>

28. Edifício dos banhos da Poça, São João do Estoril, 1890. 68

In: https://s3.amazonaws.com/gs-geo-images/d821fb1d-8272-4f8e-8b27-f7bd78905be5_l.jpg

29. Publicidade aos banhos públicos das Alcaçarias do duque 70

em Lisboa.

In: <http://estespublicitarios.blogspot.com/2013/12/alcacarias-do-duque.html>

30. Pessoas a encherem recipientes com a água das alcaçarias, no Largo das Alcaçarias, Alfama, Lisboa. 70

In: <https://www.lneg.pt/download/3834/23.pdf>

31. Termas do Estoril no início do séc. XX. 70

In: https://live.staticflickr.com/2888/10067424734_a0ac18d27e_n.jpg

32. Localização dos balneários termais mais importantes em Portugal. 72

In: Elaborado pela autora

33. Aquistas das Termas de Caldelas. 72

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

34. Vista aérea das termas e do hotel do Estoril, 1935. 72

In: https://lh3.ggpht.com/-NQEdDBpVrsY/UmQGSeGJpOI/AAAAAABDe0/B2D_yDQpDQ8/s1600-h/Termas.5%25255B4%25255D.jpg

35. Projeto dos balneários das termas de São Vicente, plantas, cortes e alçados. Agostinho Lopes Coelho, 1901. 76

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

36. Planta do balneário das Caldas das Murtas, 1945-1951. 76

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

37. Caldas da Saúde, Fernando Pires de Lima, alçado do projeto de ampliação do balneário, 1905. 76

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

38. Vista exterior dos balneários das termas de São Vicente, Agostinho Lopes Coelho, 1910. 77

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

39. Vista exterior dos balneários das termas de Santa Marta, Ericeira. 77

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

40. Vista exterior do estabelecimento termal das termas de Monfortinho. 77

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

41 e 42. Termas dos Cucos, plantas do projeto do balneário, 1892 de António Jorge Freire. 78

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

43. Caldas do Gerês, planta e alçado do projeto do balneário, 1890 de Manuel da Terra Viana. Projeto não construído. 78

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

44. Termas de Cucos, 1905. 79

In: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcQz2yGD9ArRMZ0Wry8bon_89eFhxomoACs_RQ&usqp=CAU

45. Entrada do estabelecimento dos banhos e do hotel das termas do Estoril. 79

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

46. Estabelecimento termal do Gerês, destinado à primeira classe. 79

In: <http://www.termasdogeres.pt/thumb/phpThumb.php?src=./uploads/termaspostal.jpg&w=500&h=1024>

47. Banheira em pedra mármore, encastrada no pavimento, 80

final do século XIX, Caldas de Vizela.

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

48. Banheira em folha-de-flandres, meados do século XX, Termas do Carvalhal. 80

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

49. Banheira em madeira para banho de imersão em lama. A banheira é colocada dentro de uma caixa “piscina” em pedra mármore, que recebe água quente, para manter as lamas na temperatura adequada. O mesmo compartimento tem uma banheira em mármore, semi encastrada no pavimento, 1892, Termas dos Cucos. 80

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

50. Banho individualizado, Schwarzer Bock Hotel, Wiesbaden (Alemanha). 80

In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.

51. Entrada principal do casino de Pedras Salgadas. 82

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

52. Restaurante do Antigo Palace Hotel de São Pedro do Sul. 82

In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.

53. e 54. Termas de São Pedro do Sul, Manuel da Gama, planta, alçados e corte longitudinal dos tanques de arrefecimento de água termal, 1930. 82

In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.

55. Pavilhão das nascentes do Penedo e Grande Alcalina. 84

- Nascentes de água termal das Termas de Pedras Salgadas, 1907.**
In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores.
- 56. Sala de inalação e pulverização no edifício dos banhos de São Paulo, em Lisboa.** 84
In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.
- 57. Buvette das Caldas do Gerês.** 84
In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.
- 58. Cúpula da buvette das Termas da Curia.** 84
In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.
- 59. Novos tratamentos de relaxamento, Caldas de Felgueiras.** 88
In: <http://www.senisilva.pt/wp-content/uploads/2017/11/termas.3-770x570.jpg>
- 60. SPA Termal das Taipas** 88
In: https://lh3.googleusercontent.com/proxy/KzgIn9GWC8N5R2tM23Zh0ZGVaBL0ERMFM2r7X3oogQTmNOsyGHqoSVF6yaNP7zehYCz_2ubI5E8KHqzeXENTIneB56KJuvNQ8PftO6vEWdBr0HUoqBFESbQ3TehUjQ
- 61. Reabilitação das Termas do Luso, vista da piscina interior.** 88
<https://www.termascentro.pt/application/files/6515/1845/0097/Luso.jpg>
- 62. Entrada principal do Hospital Nossa Senhora do Pópulo, Caldas da Rainha.** 90
In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.
- 63. Planta do piso térreo do Hospital Termal, desenho a tinta-da-china sobre tela imperial, finais do século XIX.** 90
In: <http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/dcarlos.html>
- 64. Piscina no interior do Hospital das Termas.** 92
In: <https://i.pinimg.com/originals/c3/a6/e0c3a6e01c1636352c45b6b35215775093.jpg>

- 65. Buvette do Hospital Termal das Caldas da Rainha D. Leonor. 92**
 In: Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia.
- 66. Pavilhões do Parque D. Carlos I, Rodrigo Maria Berquó. 92**
 In: http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/postais/C_RainhaPostais/076_CaldasRainha.jpg
- 67. Kurhaus e espaço envolvente, Bad Bruckenau (Alemanha). 94**
 In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.
- 68. Parque das Termas do Gerês. 96**
 In: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g1514529-d17717572-Reviews-Parque_Das_Termas-Geres_Braga_District_Northern_Portugal.html#photos;aggregationId=101&albumid=101&filter=7&ff=411666997
- 69. Alameda ladeada por árvores, no espaço exterior das Termas de Pedras Salgadas. 96**
 In: <https://q-cf.bstatic.com/images/hotel/max1280x900/119/11985290.jpg>
- 70. Incerção do edifício termal na paisagem natural, Bad Tarasp, Áustria. 96**
 In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.
- 71. Palace Hotel das Termas da Curia. 98**
 In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunweg Editores.
- 72. Vista da piscina exterior e da fachada do Grande Hotel das Termas do Luso. 100**
 In: <https://media.timeout.com/images/105315170/630/472/image.jpg>
- 73. Interior da zona de entrada do hotel do Luso, década de 70. 100**
 In: https://lh3.googleusercontent.com/-2BFfpFQ1XU/W7m4GtambKI/A_A_A_A_A_C_C_w_0/JAztEruQKvULxccbGU4o16STcohvOrehQCHMYCw/s1600-h/Grande%2BHotel%2Bdo%2BLuso.7%255B3%255D

- 74. Interior da zona da entrada do hotel do Luso, após reabilitação.** 100
 In: https://lh3.googleusercontent.com/-ONsInQhuT6o/W7m2Dw6eVAI/AAAAAAACCvE/6X2RSRDae1oNj0uaC_VRkkBXBvdZ26cigCHMYCw/s1600-h/Actual.0.18
- 75. Zona de entrada do Palace Hotel da Curia.** 100
 In: MOLDOVEANU, Mihail (1999). Ciudades Termales en Europa. Barcelona: Lunwerg Editores.
- 76. Eco Resort, Tree Houses de Pedras Salgadas. Spa e Nature Park.** 104
 In: <https://media.timeout.com/images/105315170/630/472/image.jpg>
- 77. Vista principal do Hotel das Termas de Monte Real.** 104
 In: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-m/1280/1b/38/f7/e4/palace-hotel-monte-real.jpg>
- 78. Vista exterior do Hotel do Bussaco, Luso.** 104
 In: <https://www.aproximaviagem.pt/wp-content/uploads/2019/06/Jardins-do-Palace-Hotel-do-Bucaco.jpg>
- 79. Postal da vista exterior do Grande Hotel do Bussaco, Luso.** 105
 In: <https://www.postais-antigos.com/melheada-o-grande-hotel-de-bucaco.html>
- 80. Ambiente diário no interior das Thermae, onde Romanos da alta sociedade são acompanhados pelos seus escravos.** 110
 In: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/a-favourite-custom-by-alma-tadema-1909.jpg?w=500&h=734>
- 81. Pintura do Apodyterium, onde os escravos vestem os seus amos. Pintura de Domenico Morelli em 1861.** 110
 In: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/il-bagno-pompeiano-pintado-por-domenico-morelli-em-1861.jpg?w=500>
- 82. Pintura da piscina principal das termas de Caracalla. Pintura de Alma-Tadema.** 110
 In: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/the-baths-of-caracalla-pintura-de-alma-tadema.jpg?w=500&h=765>
- 83. Ruínas do Tepidarium das Termas de Stabia, em Pompeia.** 112
 In: <https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/>

tepidarium-6.jpg?w=500&h=375

84. Ilustração do Tepidarium, das Termas de Stabia, em Pompeia. 112

In:https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/theodore_chasseriau_il_tepidarium_.jpg?w=500&h=327

85. Ruínas das maiores termas Romanas construídas, as termas de Caracalla, em Itália. 112

In:<https://media.ceetiz.com/activity/AMOROM009/thumbnails/642x450/Thermes%20Caracalla%20Rome.jpg>

86. Sala do Frigidarium, última fase dos banhos públicos. Pintura de Pedro Weingartner, 1897. 116

In:<https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/pompeianas-no-frigidarium-pintado-por-pedro-weingartner-1897.jpg?w=500&h=220>

87. Ruínas da fonte decorativa no Caldarium das Termas de Stabia. 116

In:<https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/caldarium-stabian-bath-2.jpg?w=500&h=375>

88. Apodyterium das termas Romanas. 116

In:<https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/an-apodyterium-pintado-por-alma-tadema.jpg?w=500&h=376>

89. Banhos e limpeza de pele com ajuda de estrígios. Pintura de Alma-Tadema, 1879. 116

In:<https://thearcheology.files.wordpress.com/2010/06/strigils-and-sponges-1879-by-alma-tadema.jpg?w=500>

90. Vista do edifício perfeitamente enquadrado na envolvente. 120

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_35caf63c-ce4d-4eb2-9327-3ff428fdc5a6.jpg

91. Vista interior de uma das piscinas termais. 120

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_e379a385-707b-4c77-9f9c-dc34428fd0a4.jpg

92. Vista da piscina exterior das termas de Rigi Kaltbad Mineral Baths. 120

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_83409bbc-1299-453a-bc66-8e564aa349e0.jpg

93. Torre circular de acesso ao interior do edifício, à cota da 120

praça da Vila.

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_9d57d2a7-c87e-4ffd-89b6-96d37d122e23.jpg

94. Claraboias da praça da Vila, com vista sob os Alpes Centrais da Suíça. 120

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_95919e22-6ede-4d6f-86bd-860d2b3be392.jpg

95, 96 e 97. Planta piso -1, planta piso -2, corte longitudinal. 122

In:<http://www.botta.ch/it/SPAZI%20RICREATIVI?idx=4>

98. Fachada e envolvente do edifício. 122

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_a8692d20-dbc6-4417-abde-6261bb4fe49e.jpg

99. Materialidades do interior da piscina. 122

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_6a9c5899-fb5b-4af3-837c-157d92cc8b98.jpg

100. Fachada com brise-soleil e cortina em granito. 122

In:https://cdn.archilovers.com/projects/b_730_62a55aee-02a7-4e0c-a577-45afa75db92b.jpg

101. Vista exterior do Vidago Palace Hotel, antes da reabilitação de Siza Vieira. 124

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

102. Alçado principal do Vidago Palace Hotel. Projeto do arquiteto António Rodrigues Silva Júnior. 124

In:<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=83985&type=PCD#&gid=1&pid=1>

103. e 104. Pavilhão da fonte termal de Vidago I, durante a euforia termal do século XX e no século XXI. 124

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

In:<https://secretsfromportugal.com/wp-content/uploads/2019/05/0-1200x900.jpg>

105. e 106. Pavilhão da fonte termal de Vidago II, durante a euforia termal do século XX e no século XXI. 124

In: Pinto, H., Mangorrinha, J., (2003) Álbum das Termas. Na coleção do centro Português de Fotografia. Lisboa: Assírio e Alvim.

In:https://www.vidagopalace.com/fotos/galerias/_tas9213f_199510778352fd1b561919c.jpg

107. Planta piso 0 do Hotel e do estabelecimento termal, Siza Vieira. 128

In: Mariz, S, M, d R., (2015). Estâncias Termas Contemporâneas: O caso de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

108. Cortes e alçado principal do Vidago Palace Hotel integrado com o estabelecimento termal, Siza Vieira. 128

In: Mariz, S, M, d R., (2015). Estâncias Termas Contemporâneas: O caso de Vidago e Pedras Salgadas. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

109. Vista exterior da envolvente do Hotel e do edifício termal. 128

In:https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/6.jpg

110. Vista frontal do Vidago Palace Hotel. 128

In:https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/18.jpg

111. Antigo balneário das termas de Vidago, atual centro de congressos. 130

In:https://www.vidagopalace.com/fotos/galerias/centro_conferencias_vidago_113955715255705f22aef45.jpg

112. Novo volume construído, que se interliga com o volume existente, relação com a topografia, Siza Vieira. 130

In:https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/7.jpg

113. Volume construído das termas de Vidago, extensão do edifício para o espaço exterior através das rampas, Siza Vieira. 130

In:https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/11.jpg

114. e 115. Relação entre o volume existente e o novo volume construído. 130

In:<https://images.adsttc.com/media/images/5001/14ac/28ba/0d2c/9f00/063d/slideshow/stringio.jpg?1414078374>

In:https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/30.jpg

- 116. Vista interior do estabelecimento termal, zona da piscina. 132**
Articulação entre materiais.
 In: <https://images.adsttc.com/media/images/5001/14a8/28ba/0d2c/9f00/063c/slideshow/stringio.jpg?1414078376>
- 117. Vista interior do corredor do estabelecimento termal. 132**
 In: https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/85.jpg
- 118. Vista interior de uma das salas das termas, conjugação entre materiais. 132**
 In: https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/88.jpg
- 119. Vista exterior da articulação entre volumes. 132**
 In: https://ultimasreportagens.com/ultimas_siza/urdata/S62/content/images/large/110.jpg
- 120. As águas da piscina do Agroal. 137**
 In: <https://i.pinimg.com/564x/db/5e/2d/db5e2d402c2814042c16e1846fb99238.jpg>
- 121. Localização do Agroal na região centro. 140**
 In: <https://www.google.pt/maps/@39.7829224,-8.7552035,69548m/data=!3m1!1e3>
- 122. Localização do concelho de Ourém. 140**
 In: <https://www.google.com/maps/@39.5194139,-7.0592423,638495m/data=!3m1!1e3?hl=pt-BR>
- 123. Crianças vislumbrando a paisagem do Agroal. 140**
 In: <https://i.pinimg.com/originals/d2/1a/8d/d21a8d39485b89e020afbc81889a0ed.jpg>
- 124. Sistema Aquífero de Sicó-Alvaiázere ao qual pertence a nascente do Agroal. 142**
 In: Vários, (2000). Sistemas Aquíferos de Portugal Continental, Lisboa: Centro de Geologia.
- 125. Canhão Fluvio-cársico do Vale do Nabão. 142**
 In: https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipO4BwrUD6gDysZxCUK_enW2I9xHXSm_c4SYU97wx=w600-h650-p-k-no
- 126. Formação Cársica da Serra do Sicó. 142**
 In: <https://solagasta.com/wp-content/uploads/home-casmilo-buracas.jpg>
- 127. Um dos primeiros registos fotográficos do Agroal. 144**

In:<https://s3.amazonaws.com/gs-geo-images/cfe93f60-eeed-4445-a3e6-5f745bcb04bb.jpg>

128. Práticas desportivas que se realizavam no Nabão, próximo do Agroal, anos 40. 144

In:<https://i.pinimg.com/originals/a3/ff/e0/a3ffe0980679fd5cb1ba084aa1c95674.jpg>

129. Práticas desportivas que se realizavam no rio Nabão, entre a cidade de Tomar e o Agroal, anos 40. 144

In:<https://i.pinimg.com/originals/e9/09/6b/e9096bf93e873f54815c55ae2f661276.jpg>

130. Decurso do rio Nabão, separando os dois municípios, anos 40. 146

In:<https://i.pinimg.com/564x/3d/82/56/3d8256e99398e6a51321d44974f3d39c.jpg>

131. Vista aérea do Agroal, 1964. 146

In:https://1.bp.blogspot.com/_EoDxDiL94Kc/SGzWpduLNtI/AAAAAAAAAAc/Ey6clC8jRT0/s400/imag309.jpg

132. Edifícios que rodeiam a piscina de águas terapêuticas. 146

In:<https://www.mediotejo.net/wp-content/uploads/2016/06/agroal-antigo.jpeg>

133. e 134. Notícias de jornal sobre alguns aspetos do Agroal. 148

In:<http://3.bp.blogspot.com/-8iguYrS5tg8/VfwcdFXBGjI/AAAAAAAAASho/RrCo1zLDRNY/s1600/13%2Bde%2Bsetembro%2B1975%2Bjornal%2BCidade%2Bde%2BTomar.jpg>

In:https://1.bp.blogspot.com/-Bj68shnnZhs/WAKLYOgl6cI/AAAAAAAAEx4/UAtPktx8fPAjqbqWgl97l_Tlgv8mEggowCK4B/s640/381672_256114691107835_100001279190563_808815_494267471_n.jpg

135. Fotografia do Agroal de 1964. 149

In:https://1.bp.blogspot.com/_EoDxDiL94Kc/SGzWkwwjaXI/AAAAAAAAAAU/cvOfJJSzrXc/s400/imag310.jpg

136. e 137. Populares desfrutando da beira-rio, onde também é perceptível uma das noras características da envolvente do rio Nabão. 150

In:<https://i.pinimg.com/564x/2f/37/b1/2f37b165ddd53b0020163c1c07607cd3.jpg>

In:<https://i.pinimg.com/originals/7e/6e/3d/7e6e3df720e6a052d4e1136b17ab1ec4.jpg>

138. Pequenas construções antigas, localizadas na margem do 150

- rio, pertencente ao município de Tomar.**
 In: <https://i.pinimg.com/564x/ce/2e/72/ce2e7207ee7f9187c9dda20a46b5986e.jpg>
- 139. Fotografia da piscina com uma ponte de madeira sobre o rio, 1975.** 151
 In: https://1.bp.blogspot.com/-1pXBPfu7_M4/VAjdxDZrxII/AAAAAAAAe5Y/rHpkocfX4-c/s1600/img005.jpg
- 140. Paisagem natural do rio Nabão.** 151
 In: https://1.bp.blogspot.com/_EoDxDiL94Kc/SGzWeEGtCQI/AAAAAAAAAAM/3-L3Zda_-gc/s400/imag311.jpg
- 141. Local destinado aos banhos quentes.** 152
 In: http://www.aguas.ics.ul.pt/santarem_img/3.jpg
- 142. Aquistas e banhistas à volta da piscina do Agroal.** 152
 In: <https://i.pinimg.com/564x/42/d4/c2/42d4c263185eeb67aedc52b7557a1b56.jpg>
- 143. Um típico dia de verão, na prais fluvial.** 152
 In: http://www.tinta.oestedigital.pt/_uploads/0189/Agroal2.jpg
- 144. Vista da zona da nascente e dos edifícios envolventes, em meados do século XX.** 154
 In: https://www.mediotejo.net/wp-content/uploads/2017/02/Agroal-meados-s%C3%A9c-XX-sabacheira-6026313175935783_n-640x418.jpg
- 145. Vista aérea da piscina e dos edifícios do Agroal, antes da grande reabilitação.** 154
 In: https://fotos.web.sapo.io/i/Be3013c45/17448209_5jtn1.jpeg
- 146. Vista aérea da piscina do Agroal, integrada com o rio Nabão, após a reabilitação.** 154
 In: https://correiodoribatejo.pt/wp-content/uploads/2020/07/prai_a_agroal.jpg
- 147. Vista da Rua das Termas, rua pedonal de acesso à piscina da nascente do Agroal.** 156
 In: *Fotografia da autora, 12 de maio de 2019*
- 148. Atual espaço urbano envolvente ao lugar.** 156
 In: *Fotografia da autora, 10 de fevereiro de 2019*
- 149. Aquista em tratamento nas águas frias da nascente de propriedades terapêuticas.** 156
 In: *Fotografia da autora, 12 de maio de 2019*
- 150. Vista sobre as águas da piscina, com alguns veraneantes.** 158

In: http://www.tintafresca.net/_uploads/Edicao%20153/agroal1.jpg

151. Atual uso da praia fluvial do Agroal. 158

In: *Fotografia da autora, 12 de maio de 2019*

152. Vista bastante danificada de todas as construções do Agroal. 160

In: <https://www.mediotejo.net/wp-content/uploads/2016/06/agroal-foto-D.R..jpg>

153. Antigo passadiço de madeira, construído para facilitar os mergulhos nestas águas, por parte da população. 160

In: https://scontent.fopo2-2.fna.fbcdn.net/v/t1.0-0/cp0/e15/q65/p240x240/1914153_177033751041_4654609_n.jpg?_nc_cat=104&_nc_sid=e007fa&efg=eyJljoibyJ9&_nc_ohc=bYFsUguocDEAX9TJwk-&_nc_hht=sscontent.fopo2-2.fna&tp=3&oh=1fa1eb580cee7a91f16e7dabebad089e&oe=5F571D7F

154. Cascata de água, que liga com o rio Nabão, Julho de 2018. 160

In: https://www.vortexmag.net/wp-content/uploads/2018/07/19872161_U2zGU-e1532245092753.jpeg

155. Valores dos metais encontrados em algumas nascentes do mesmo aquífero a que pertence o Agroal. 163

In: Vários, (2000). *Sistemas Aquíferos de Portugal Continental*, Lisboa: Centro de Geologia.

156. Aspeto do Agroal no século XX. 166

In: <https://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/188/1888989.jpg>

157. Aspeto do Agroal no século XXI. 166

Autora, Maio de 2019

158. Limites administrativos intermunicipais e localização do Agroal. 174

Elaborado pela Autora

159. Topografia envolvente à área de implantação. 174

Elaborado pela Autora

160., 161. e 162. Envolvente urbana do Agroal e do rio Nabão. 176

Autora, Fevereiro e Maio de 2019

163. Esquema da evolução da interseção entre os volumes e as rampas. 178

Elaborado pela autora

164. Zonas de entrada nos diferentes edifícios e respetivas cotas. 180

Elaborado pela autora

165. Esquemas explicativos da torção dos edifícios.	182
Elaborado pela autora	
166. Esquemas de classificação das tipologias interiores do estabelecimento termal.	188
Elaborado pela autora	
167. Esquemas de classificação das tipologias interiores da unidade hoteleira.	190
Elaborado pela autora	
168. Esquemas de classificação das tipologias interiores do restaurante.	193
Elaborado pela autora	
169. Alçado lateral direito, onde é perceptível o acentuado declive do terreno.	194
Elaborado pela autora	
170. Imagem tridimensional da proposta da estância termal e das rampas	194
Elaborado pela autora	
171. Tabela de áreas de todos os espaços, dos vários volumes da proposta.	198
Elaborado pela autora	

"Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém anseia por intemporalidade."

-Frank Gehry

INTRODUÇÃO

A água é um dos elementos mais puros da Natureza, um recurso capaz de transmitir sensações e estabelecer a tranquilidade no interior de cada ser humano, purificando-o.

Ter a água como elemento estruturante de um projeto é transpor as suas capacidades regeneradoras, para o interior desse mesmo projeto. Acresce a este significado, se em causa estiver um elemento regenerador de propriedades terapêuticas, capaz de devolver a cura aos seus utilizadores.

Desta forma, falar da nascente do Agroal é reavivar memórias antigas e gerar boas recordações e emoções, entre a população residente. Por este motivo, é fundamental que se faça uma investigação para perceber a ligação entre os demais temas apresentados, de modo a preservar a memória, que cada pessoa tem daquele lugar, dando-lhe uma visão renovada.

Há por parte de toda a população, o hábito de se deslocarem a este precioso lugar, com o objetivo de se banharem nestas águas, que dizem ser terapêuticas, em busca da cura para as suas maleitas. A capacidade transformativa da água é reforçada se, à pureza desta, aliarmos a beleza da paisagem envolvente.

A união entre estes dois valiosos elementos naturais, é o ponto de partida, para a elaboração deste projeto, cujo principal objetivo é transportar a essência dos recursos naturais para o interior dos espaços criados.

ENQUADRAMENTO

O presente documento corresponde à investigação e proposta do Projeto Final de Mestrado, cujo objeto de estudo específico é assente no Agroal, um lugar pertencente ao concelho de Ourém. Este destaca-se, por vários motivos, entre eles as suas particularidades naturais e morfológicas, sendo que a especificidade mais importante prende-se com a afamada nascente de águas com propriedades medicinais. Com já vários séculos de história, essa nascente, que dá nome ao vale, destaca-se por ser a exurgência¹ mais vasta do rio Nabão.

Atualmente, o Agroal é conhecido como praia fluvial, estando presente em diversos roteiros turísticos fluviais. Este lugar destaca-se pela particularidade de se situar entre dois municípios, Ourém e Tomar, que se encontram divididos pelo rio Nabão. As suas margens adaptadas à praia fluvial, demonstram a necessidade de uma transformação e revitalização.

Neste contexto, o desenvolvimento deste projeto, parte de uma vontade em aprofundar e conhecer os temas ligados ao termalismo, nomeadamente os exemplos portugueses, aplicando os conhecimentos adquiridos ao caso em questão, já que neste, existe uma nascente de água natural mineral, com propriedades terapêuticas. Apesar de nunca ter sido desenvolvida nenhuma valência termal, o Agroal sempre acolheu esta prática, numa piscina construída junto à nascente. Todo o espaço reflete favoravelmente

1 "Nascente de um curso de água que corresponde ao aparecimento ao ar livre de águas subterrâneas". Informação consultada a 26 de julho de 2020 em: dicionário Priberam da Língua Portuguesa, no site: <https://dicionario.priberam.org/exsur%C3%Aancia>.

uma área capaz de desenvolver um projeto mais complexo desta envergadura.

OBJETIVOS

Os objetivos relativos ao RENASCER DO AGROAL, correspondem, primeiramente, a uma análise e reflexão crítica sobre toda a programática, envolvente ao Agroal. Nomeadamente, a realização de uma investigação inicial, com a finalidade de assimilar a antiga tipologia do sítio, percebendo o seu carácter atual e em que medida a intervenção proposta poderá requalificar o lugar de forma justa, agradável e de acordo com as necessidades quer do espaço, quer dos seus utilizadores.

O projeto apresentado visa compreender historicamente o lugar, assim como, a sua envolvente natural, repensando as estratégias específicas, nas relações entre o rio, os espaços de lazer, os edifícios construídos e a futura estância termal, devolvendo assim, o carácter terapêutico sem afastar o carácter lúdico, bastante presente no espaço.

Há uma clara intenção em compreender através dos casos de estudo, todo o contexto termal, incluindo o espaço exterior aos estabelecimentos, os espaços de tratamento, de descanso e os demais espaços associados as estas programáticas. O propósito da análise dos casos de referência é a implementação de determinadas características apreendidas, no projeto em causa.

A proposta elaborada contempla ainda, medidas de desenvolvimento turístico e económico para a região, cujo objetivo é a criação de pontos atrativos e de interesse local, apostando numa unidade hoteleira capaz de complementar o elemento principal

deste projeto, o edifício termal.

Desta forma, toda a proposta prática é sustentada pelo documento teórico, de forma a que seja entendida a relação entre a reflexão elaborada e a solução apresentada.

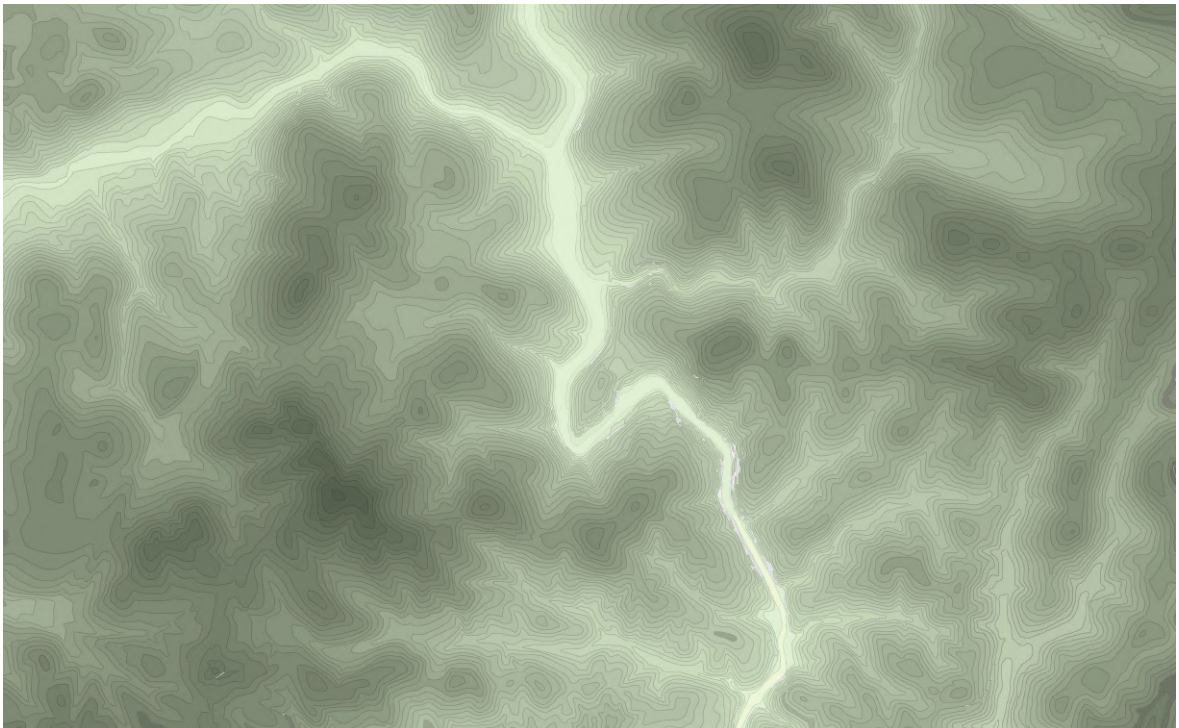
METODOLOGIA

O processo projetual reflete uma estrutura metodológica, baseada na investigação e análise crítica da mesma, aplicando posteriormente os conteúdos apreendidos ao projeto em estudo.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa sobre toda a temática termal, desde os seus primórdios até aos dias de hoje. Esta pesquisa, permitiu não só compreender todo o processo termal, bem como a importância arquitetónica dos espaços. A primeira análise possibilitou o conhecimento de um vasto leque de edifícios termais, que permitiram aprender mais sobre a história do termalismo português e europeu.

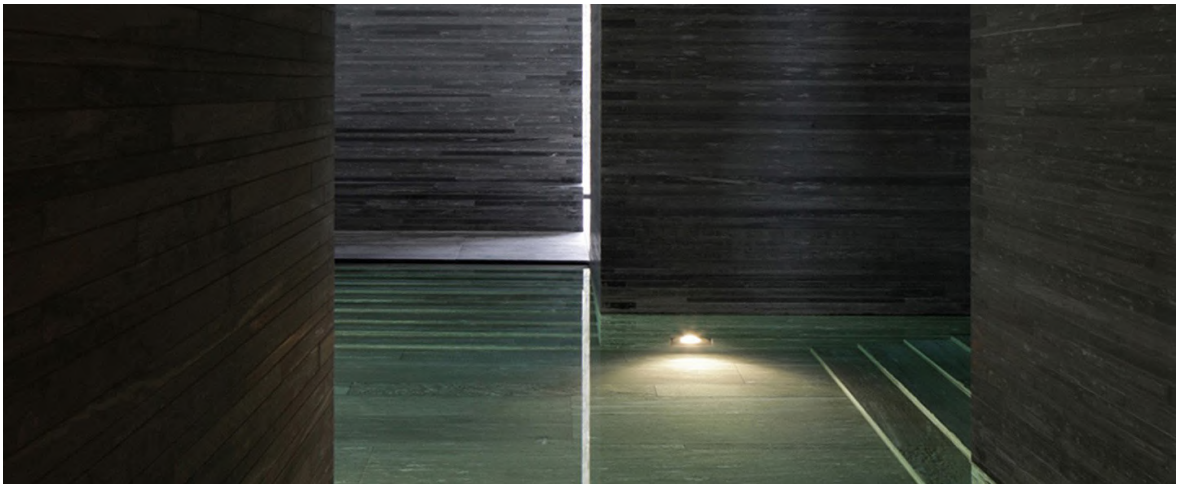
Posto isto, procedeu-se à realização da análise do lugar percebendo todas as suas particularidades. Esta foi elaborada através de referências bibliográficas existentes, consulta da cartografia e várias visitas ao local de implantação, em causa. Estes procedimentos permitiram compreender o território, definindo assim, a zona de intervenção mais pormenorizadamente, tendo em conta as necessidades do lugar.

Os programas foram definidos segundo a abordagem inicial, que culminaram na proposta apresentada, sustentada por desenhos e maquetes conceptuais, onde se pode visualizar as várias fases projetuais.



01. Topografia do Agroal.

I. ARQUITETURA TERMAL



02. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1990/96.

1.1 A ÁGUA

“Emerge das entranhas da Terra, a água é o primeiro e poderoso alimento do imaginário, do princípio de tudo, matéria vital para a sobrevivência da Humanidade, pelo que a sua preservação, bom como a de outros recursos naturais (...) têm sido aspetos importantes para a sustentabilidade de uma atividade milenar.”²

Quando se fala de termalismo³ está-se a falar de uma importante relação entre o Homem e a água, que desde cedo assumiu um papel estruturante na forma como o Homem veio a

2 Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia. p.17

3 Tratamento natural alternativo que recorre à água mineral natural e outros meios complementares para fins de prevenção, terapêutica, reabilitação ou bem-estar.



03. Bad Gastein (Áustria).

viver e a organizar-se no território. Mesmo antes dos antigos povos civilizados, como os egípcios, os celtas, os gregos e os romanos, olharem para o líquido que emana do interior da terra, como potencial “curador” de certas maleitas, a água serviu de mote para o desenvolvimento das técnicas e artefatos mais primitivos, assim como espaços criados por erosão deste recurso natural, introduzindo assim, uma primeira relação com a arquitetura.⁴

Com o aparecimento e desenvolvimento das primeiras civilizações, muitas destas começaram a explorar a água como um recurso, para diferentes fins. Este recurso natural, pode revelar-se de variadas formas, sendo que no seu estado natural, o líquido tende a deslocar-se para zonas de cotas mais baixas.⁵

Com o avançar dos tempos, a água tornou-se bastante importante para a vida Humana e passou a assumir o papel das práticas de higiene. Por um lado, os Romanos usavam as práticas de higiene e os seus banhos como carácter social, enquanto que para os gregos o ato de tomar banho assumia um carácter medicinal. O culto pelos banhos e pela água começara a despertar e foi na Antiguidade que se desenvolveu massivamente. O aperfeiçoamento da vertente dos banhos terapêuticos, ajudou ao desenvolvimento do carácter medicinal através da água.

Tanto na Europa como em Portugal, a água assume um papel determinante no desenvolvimento das termas, permitindo que todos os processos de tratamento pela água sejam aperfeiçoados,

4 Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia. p.33

5 Fadigas, L., (1970). Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte: Documentos. Braga: Edição conjunta da Direção-Geral do Turismo e Câmara Municipal de Braga.



04. Nascente de águas Termiais. Thermopylae (Grécia).

assim como a sua localização e a adaptação da arquitetura à técnica termal.

1.2 TERMALISMO

1.2.1 A Origem do Termalismo

O termalismo está por definição associado a uma nascente de água mineral natural e à exploração dessa mesma água para fins medicinais e terapêuticos. Com a prática recorrente do uso dos banhos, urgia a criação de espaços destinados a esses fins, o que levou, um pouco por toda a Europa, ao surgimento do culto dos banhos e do termalismo.

Este conceito não é possível sem o conhecimento da ciência da água, e de outras valências que se dispõe ao serviço da saúde e bem-estar. Num lugar de termas cruzam-se saúde e ambiente, mas também uma atividade económica e cultural.

Como já se tinha verificado, a água é um elemento estruturante muito forte, e como tal, é responsável pela implantação e localização das estâncias⁶ termais, se nos referirmos à água que surge de exurgências com propriedades medicinais. É ainda responsável pela sua arquitetura e pelo desenvolvimento da técnica do termalismo. Acresce o valor deste recurso, se a sua exurgência for de propriedades terapêuticas. Este tipo de nascentes assume uma grande importância na localização do edifício termal, sendo responsável pela organização e estrutura do território e em alguns casos pelo desenvolvimento de algumas cidades, tendo sempre

6 Estância termal: Área geográfica devidamente ordenada, onde existe pelo menos uma emergência de água mineral natural, explorada por um balneário termal, coexistindo as infraestruturas necessárias de apoio desse balneário, como empreendimentos turísticos, culturais, lazer, entre outros.

como ponto de partida o primeiro edifício a ser construído - as termas.

Há uma clara relação entre a expressão arquitetónica e o paradigma do ideal urbano, onde o ponto de partida é o balneário e todos os outros elementos se desenvolvem em torno deste. O conjunto de edifícios que resulta da exploração termal, acompanha de forma orgânica e racional a topografia, aproveitando os recursos naturais. A dimensão urbana ganha expressão na forma como os edifícios dialogam, com os diferentes caminhos e cursos do rio.

No séc. XIX deu-se especial importância ao controlo da higiene urbana e ao crescente interesse económico e social do termalismo em Portugal, por isso, construíram-se novos balneários elaborados pelos melhores profissionais das diferentes áreas ligadas ao termalismo.

O principal objetivo do balneário termal é a cura dos aquistas⁷, por via da água. Este é o ponto fulcral de todo o desenvolvimento do termalismo, só posteriormente vem as atividades complementares e lúdicas, para ajudar os utentes a ocupar o tempo. Desta forma, nasce uma diversidade de espaços públicos e privados, que integram a paisagem com os edifícios. O espaço que era apenas idealizado por médicos e engenheiros, passou a necessitar de intervenções arquitetónicas, contendo arquitetos nas equipas de trabalhos, pensando sempre no bem-estar do utente.

7 Palavra de origem latina “aqua”, refere-se à pessoa que faz uso das águas minerais naturais, com propriedades terapêuticas, em termas ou no local onde estas águas nascem.

1.2.2 O Termalismo na Europa

A civilização grega, foi talvez, a primeira civilização a fazer uso das águas das nascentes como fonte medicinal, de forma rudimentar. Contudo, para este povo a água era uma forma de se purificarem, limpando assim a sua aura e tornando-se mais puros.

Por esta altura despertam os cuidados relacionados com a higiene, e por conseguinte a frequência massiva de banhos públicos, onde a população se costumava reunir como prática social, por exemplo, para discutir assuntos relacionados com a cidade.

O povo Romano, que seguiu ao povo Grego, herdou o culto pelos banhos e desenvolveu melhor esta prática balnear, assumindo assim a água como elemento essencial da organização do espaço urbano.

A água termal, apropriada aos banhos terapêuticos, era caracterizada segundo as suas qualidades e peculiaridades, que faz com que haja uma distinção entre os vários complexos balneares.

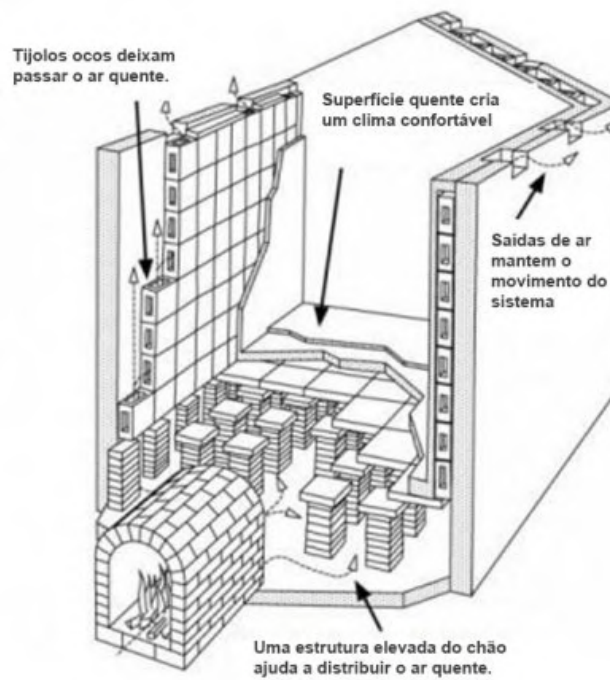
Desta forma, é possível encontrar dois tipos de balneários romanos:

As THERMAE⁸ - estâncias que utilizavam a água doce para funções higiénicas e estéticas, a sua implantação localizava-se juntos aos centros urbanos e são associadas aos grandes complexos de banhos;

As BALNEAE⁹ - como estâncias que para além das funções higiénicas, contêm também a vertente curativa que resulta da exploração de águas termais, geralmente são de menor escala.

8 Palavra de origem grega, que significa calor. Esta poderá também ser usada, para denominar um espaço.

9 Palavra de origem grega, que significa banho. Poderá estar também associada à designação de estabelecimento para banhos públicos.

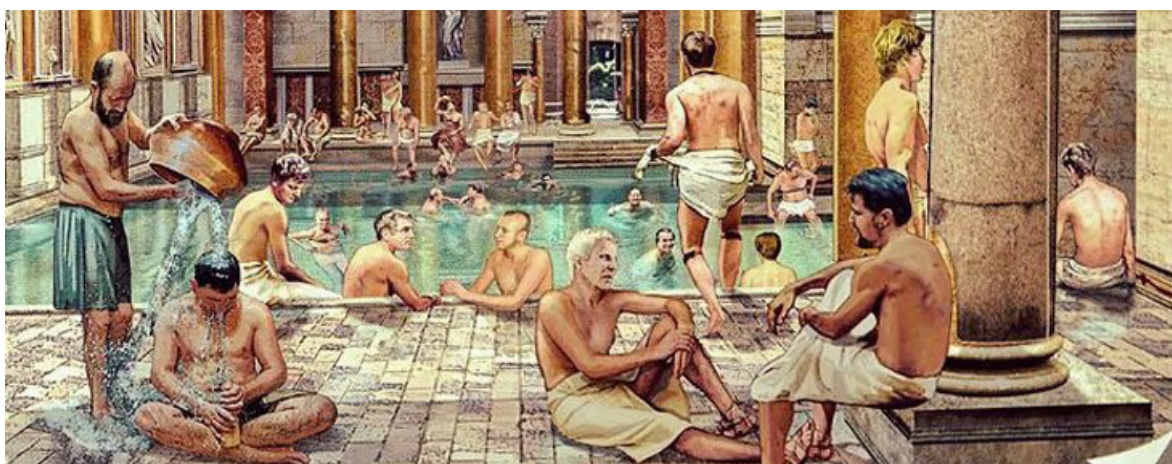


05. Esquema do sistema construtivo do Hipocausto.

06. Hipocausto das termas de Dion (Grécia).



07. Momentos sociais em termas Romanas.



Esta exploração influencia a localização da estância, que normalmente é junto às nascentes termais. Apesar de tudo, esta distinção entre os dois tipos de balneários romanos, não se relaciona com a tipologia dos seus edifícios.

O povo Romano é pioneiro no desenvolvimento das técnicas termalistas, desde o desenvolvimento das tipologias, dos edifícios que albergam estas funções, até ao desenvolvimento do sistema de aquecimento das águas termais, chamado hipocausto¹⁰, esta técnica foi inventada e aperfeiçoada pelos romanos.

O ato de tomar banho nos balneários públicos tem um ritual iniciado, normalmente, pela emersão do corpo no *tepidarium*¹¹, seguindo-se o *caldarium*¹², fazendo com que o corpo do aquista transpire. Finalmente é aplicado azeite no corpo através de uma massagem, e o processo termina na sala *frigidarium*¹³.

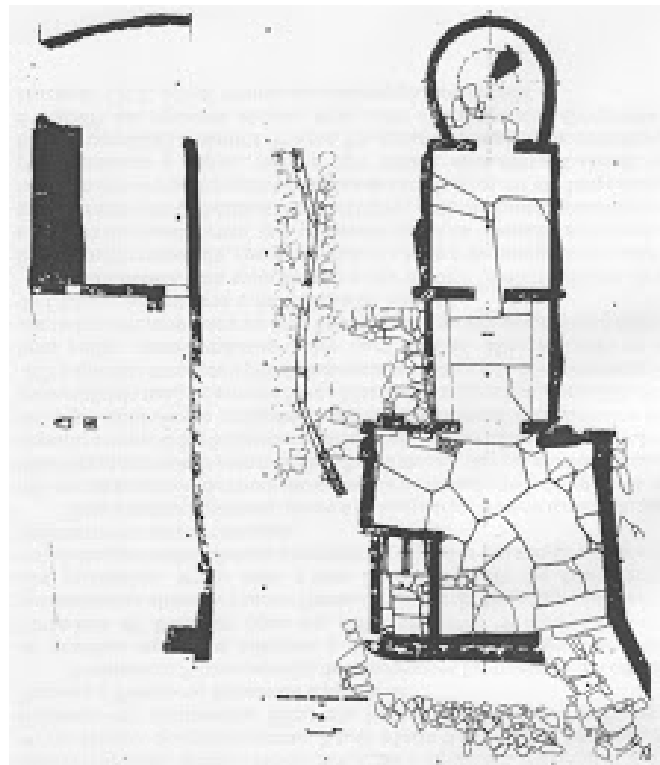
Graças à expansão do Império Romano, o ritual dos banhos estendeu-se um pouco por toda a Europa, o que originou a construção de edifícios que, em muitos casos, não seguiam obrigatoriamente a estrutura desenhada inicialmente pelos romanos. Com a queda do Império Romano o termalismo acabou por sofrer algumas consequências derivadas da mesma, o que provocou uma contínua perda de adeptos, provocando o seu abandono no século V.

10 Sistema de aquecimento, através de uma estrutura no subsolo, onde há a circulação de ar quente, distribuído estrategicamente pelo piso superior controlando a temperatura específica em cada sala.

11 Designação latina, para se referir a sala de banhos a uma temperatura amena para o corpo humano, nas termas romanas.

12 Designação latina, para se referir a sala de banhos onde a temperatura é extremamente quente, nas termas romanas. Por norma, o hipocausto ficava por baixo destas salas.

13 Designação latina para se referir a sala de banhos com a água a temperaturas muito baixa.



08. Planta e corte longitudinal do balneário de Castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos.

09. Ruínas do balneário de Castrejo de Santa Maria de Galegos, Barcelos.



10. Ilustração da condenação do inferno, da Igreja Católica. Autor desconhecido, 1510-20.

IDADE MÉDIA

A Idade Média foi um período histórico bastante conturbado, a nível mundial. Em meado do séc. IV, deram-se as invasões bárbaras, que deixaram um rasto de destruição, que também afetou os balneários termais que existiam, na altura.

No início da Idade Média, a Igreja Católica controlava praticamente tudo e condenava severamente as práticas de higiene, tanto que, locais como saunas, foram considerados como de pecado. Esta consideração não se deveu apenas à exposição do corpo nu, mas também ao facto de se considerar que o banho de corpo inteiro era um ato de luxúria. Desta forma, as pessoas deixaram os rituais sofisticados que tinham adquirido na Antiguidade e tornaram-se pessoas sujas, sem hábitos de higiene. Acreditavam que tomar banho lhes abria os poros e por isso, estavam mais expostos a apanhar doenças.¹⁴

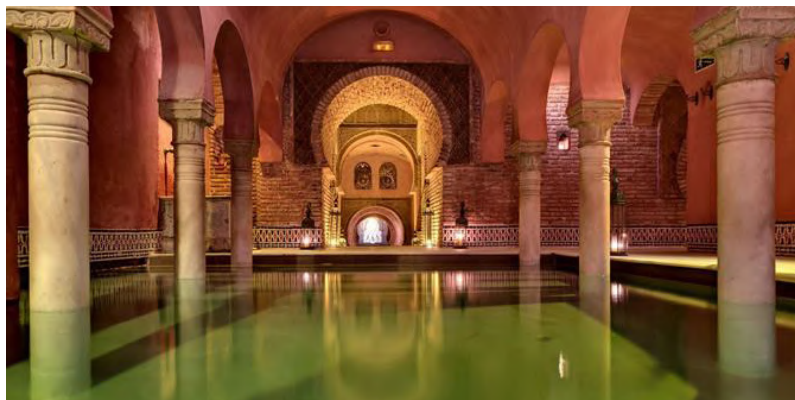
As faltas de higiene que caracterizavam este período devem-se à ausência dos banhos. Com o passar do tempo e com a clarividência dos ideais, a Igreja foi percebendo, que tal situação de falta de higiene, estava a ter consequências imundas por toda a Europa. Tal situação, era responsável pelas epidemias que assombravam esta época. Apesar da Igreja continuar a censurar atos de luxo e prática pagãs, no final da Idade Média, esta entidade atribuiu ao banho e à água, a ideia de santidade e purificação, e por isso, já era permitido ao Homem tomar banho.

Em meados do século XVII, os banhos públicos voltaram a ser bem vistos e a ganhar adeptos. O novo ritual de ir, aos balneários

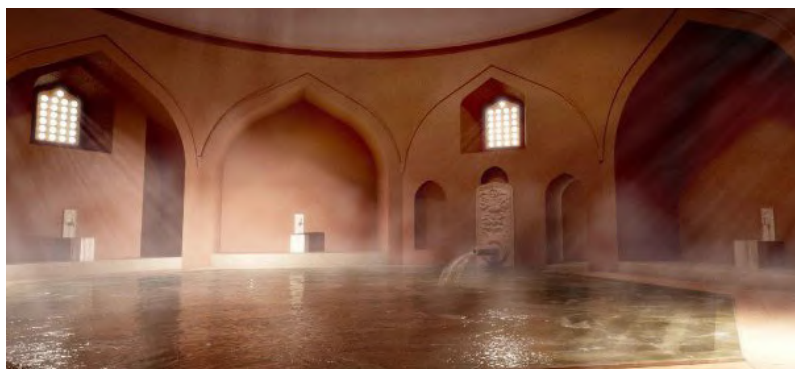
14 Informação consultada a 10 de junho de 2020 em: <https://tsarapraia.wixsite.com/tsara/single-post/2014/09/28/O-Culto-do-Banho-na-Europa-I>



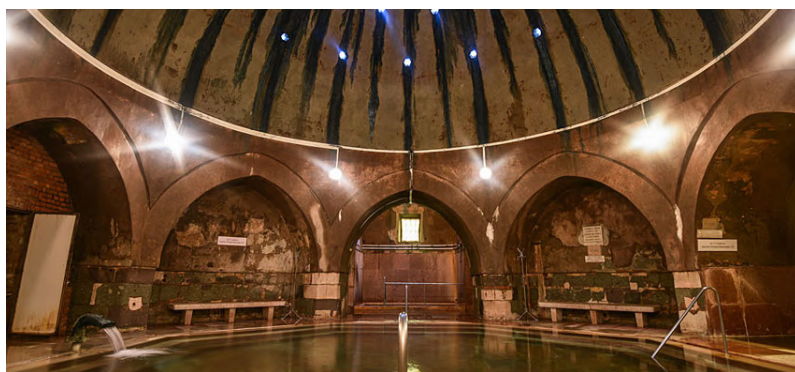
11. Representação dos banhos públicos, como eventos sociais. Autor desconhecido, 1597.



12. Vista interior de Hammam Al Andalus, Granada.



13. Vista interior de uma das piscinas das Termas Rácz, Budapeste.



14. Interior da piscina das Termas Király, encimada por uma cúpula perfurada, Budapeste.

públicos, era visto como um ato social. Há inclusive algumas representações desta época onde são retratadas pessoas a comer e a beber, ilustrando assim a ideia de que estas reuniões eram eventos sociais.¹⁵

Para além dos povos Grego e Romano, também os Árabes tiveram uma relação com os banhos e com o termalismo em geral, durante a invasão árabe à Península Ibérica. Esta cultura é responsável pela renovação de alguns complexos balneares, conjugando os traços romanos e ibéricos aos ideais muçulmanos. Na Península Ibérica os seus vestígios são mais evidentes em território espanhol, mais concretamente em Granada, província onde os árabes permaneceram mais tempo, até finais do séc. XV.

À medida que os árabes iam deixando o território ibérico, os Turcos iam dominando a zona leste da Europa, e também eles têm algumas práticas ligadas aos banhos. Este povo colocou a água no centro das suas vidas sociais e religiosas e construíram alguns complexos balneares chamados Hammam¹⁶, sob influências que receberam das tradições da Ásia Central. Este tipo de balneários era composto por piscinas circulares cobertas por cúpulas.

A tipologia destes edifícios era bastante importante para as populações locais, e conseguimos perceber essa importância através da imponência demonstrada em dois dos edifícios termais que se encontram na Bulgária, as termas Rác e Király. Estas termas são uma referência de modelo, pois primam pelas tradições romanas conjugadas com a civilização islâmica.

15 Informação consultada a 10 de junho de 2020 em: <http://revistapiscinaseafins.com.br/blog/?p=1605>

16 Hammam é a palavra árabe para designar banho. Por norma este conceito está mais ligado com o banho turco, por combinar os banhos com vapores.



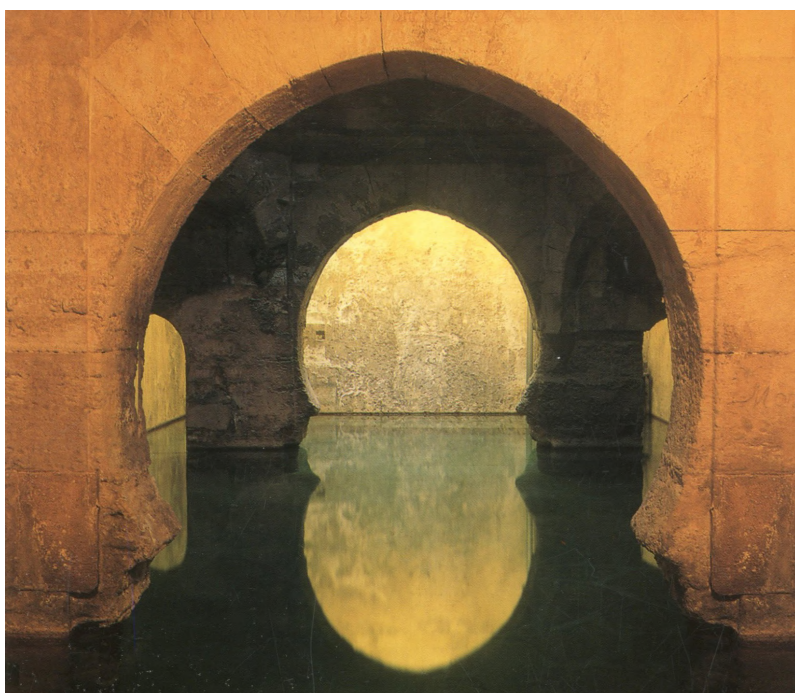
(da esquerda para a direita)

15. Vista interior de um dos espaços das termas de Napoleão, Plombières-les-Bains.

16. Vista exterior da piscina exterior das Termas Caracalla Baden-Baden, Alemanha.

17. Fachada da rua Circus em Bath, Grã-Bertanha.

18. Alhama de Granada (Espanha).



RENASCIMENTO

O período do Renascimento foi também marcado pelo culto dos banhos. Nesta época houve uma reestruturação no termalismo, voltando-se a sobrevalorizar a sua atividade. Sendo esta uma época caracterizada pelo intelecto, a reforma termal foi desenvolvida para usufruto das diferentes elites da altura, que costumavam frequentar os balneários termais mais significativos, usando todas as valências que compõem o espaço termal.

Foi durante os tempos áureos do termalismo, na época do Renascimento, que esta atividade se coligou com o turismo. Assim sendo, o termalismo, reforçou a ligação com outras características, nomeadamente a importância de incluir a Natureza nos tratamentos, através de passeios ao ar livre, que ajudam na recuperação do aquista.

EUFORIA TERMAL DO SÉC. XIX

No séc. XIX, o termalismo abandona o estilo nacionalista, pelo qual era caracterizado até então, assumindo outras dimensões. Por esta altura já se tinha percebido que a cura dos aquistas não dependia apenas das águas termais, mas sim do conjunto da tipologia interior aliada às potencialidades naturais exteriores. Os espaços dos banhos foram aperfeiçoados e introduziram-se novas tipologias como os hotéis, salas de baile, nas quais se faziam grandes festas, e o casino passou a fazer também parte de estâncias termais mais sofisticadas.

Estas novas valências que compõem o espaço termal, bem como toda a inovação que caracteriza o século, fazem com que os complexos termais sejam autênticas Vilas Termais, indicadas sobretudo para pessoas que procurem ambientes distintos dos



19. Termas de Caldelas, Grande Hotel de Bela Vista, galeria de repouso.

20. Trinkhalle das Termas de Baden-Baden, Alemanha.

21. Vestíbulo de entrada (1907). Kurhaus (Alemanha), um dos maiores casinos construídos na Europa.



centros urbanos, uma vez que na grande maioria dos casos, estas vilas, se localizam longe destes meios.

As termas Baden-Baden, na Alemanha são um exemplo da renovação e inovação do conceito termal do séc. XX, que se refletiu um pouco por toda a Europa. Estas, destacam-se na criatividade desencadeada pelas novas tipologias arquitetónicas ligadas ao termalismo, conciliam a saúde e o bem-estar aos tratamentos medicinais característicos das termas, através da criação de espaços como *Kurhaus*¹⁷, recuperando uma técnica antiga através do *Trinkhalle*¹⁸.

Noutras partes da Europa, como em França, no pós Revolução Francesa, Napoleão III, tornou as estâncias termais de Vichy e Plombières em complexos de luxo, incluindo o seu espaço exterior. Todos os espaços foram desenvolvidos com requinte e elegância característicos da *art nouveau*, bem como o espaço exterior, reforçando a ideia de que estes complexos são pequenas cidades.

O séc. XIX, representa uma época de mudança a todos os níveis para a vertente do termalismo. Uma das razões que despertou essa mudança foi a significativa evolução e melhoramento das acessibilidades dos caminhos de ferro. Uma vez ser este o meio de transporte mais comum à época, esta evolução veio aumentar a procura pelas termas. Nesta altura, apenas a burguesia poderia usufruir destas atividades de lazer, por isso, nestes centros desencadeavam-se alguns lugares de produção cultural e artística, direcionadas a esta classe social.

17 Designação dada a uma casa de diálogo e de conversação, em contexto termal.

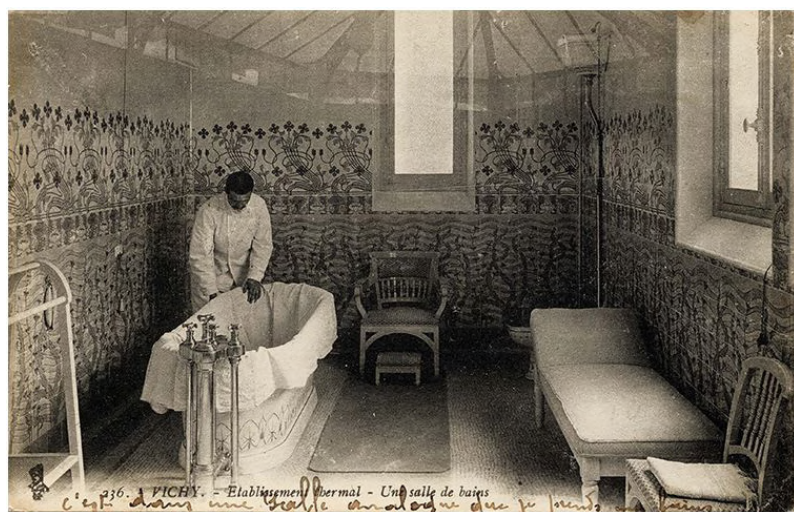
18 Designação dada à galeria destinada à deambulação dos aquistas após a ingestão de água termal.



22. Palácio da Fonte, salas de gargarejo da fonte de Chomel, Termas de Vichy.

23. Aquistas em torno da Fonte de Chomel, Termas de Vichy.

24. Sala de banhos do estabelecimento termal, Termas de Vichy.



Uma vez que o paradigma termal mudara, as estâncias termais passaram de lugares de culto a lugares de encontros sociais, por este motivo desenvolveram-se outros lugares de lazer, ligados ao setor termal, como o caso de casinos, espaços culturais, de estar, entre outros espaços com outras valências.

Em meados séc. XX, devido a vários acontecimentos históricos que abalaram a Europa, nomeadamente as guerras mundiais e, conseqüentemente, a conquista pela liberdade individual, a procura por práticas termalistas foi caindo em desuso, uma vez que a utilização das praias, como forma de lazer, estava a aumentar. O facto da utilização destas poder ser de forma igualitária, sem qualquer tipo de restrições e ainda de forma gratuita, atraía muito mais a população a frequentar as praias, como ocupação de tempos livres¹⁹. Esta sucessão de acontecimentos, que acabou por abalar o termalismo em toda a Europa, teve também efeitos em Portugal.

A onda de mudança que se reflete por toda a Europa, chega também a Portugal, enfrentando assim um pós-guerra conturbado e com algumas transformações no campo do termalismo. Há uma mudança no tipo de utilizador termal, o novo aquista é uma pessoa de idade avançada e de uma classe social mais modesta, cujo objetivo é a busca de cura para as suas maleitas, através das propriedades terapêuticas das águas, para doenças como o reumatismo, doenças respiratórias e crónicas. A partir desta fase as termas passam a ser procuradas pela fama medicinal e não pela vertente recreativa.

19 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.91



25. Fonte Termal de Pedras Salgadas, Parque Termal Pedras Salgadas.

1.2.3 O Termalismo em Portugal

Ao longo do tempo, com a evolução do pensamento humano, da sua criatividade e dos engenhos por ele manuseado, foi permitida a construção de estruturas de apoio à utilização lúdica e medicinal da água.

A história da arquitetura termal e do culto pelo termalismo português, assemelha-se em muito à evolução histórica que se refletiu em toda a Europa. Também em Portugal, a água teve um papel determinante, no desenvolvimento das termas, permitindo que todos os processos de tratamento pela água fossem aperfeiçoados, assim como a sua localização e a adaptação da arquitetura ao desenvolvimento da técnica termal. A sua ascensão em Portugal deu-se no séc. XIX e XX, inspirada sobretudo pelo povo romano. A cultura termal em Portugal também passou por períodos conturbados e voltou a erguer-se com a ajuda da Igreja, que inicialmente via os banhos como uma atividade profana, mas com o passar do tempo e com a crescente procura, devido aos benefícios dos banhos, atribuíram a estes a capacidade curativa, ficando algumas águas termais conhecidas como águas santas. E as termas equiparadas com lugares de culto.

A maioria das estâncias termais em Portugal, encontram-se em território rural, dada a necessidade da procura por um meio afastado dos grandes centros urbanos. O conjunto de edifícios que compõem as estâncias termais e lhe conferem a fama de cidade termal, não são mais que a simulação de um pequeno núcleo urbano em meio rural e natural. Esta funciona como um escape, muitas vezes da vida citadina, que alguns dos aquistas levavam, com o desejo de contemplar outros prazeres nas suas vidas.

Este tipo de estância leva o aquista a criar no seu imaginário a



26. Vista geral das antigas Caldas da Rainha D. Amélia, implantação das atuais termas de São Pedro do Sul.



27. Casas dos banhos, junto ao rio, Caldas do Moledo - finais do século XIX.



28. Edifício dos banhos da Poça, São João do Estoril, 1890.

ideia utopista de cidade ideal, enaltecida pelo requinte e elegância destes espaços, pela forma como foram projetados e pensados.

Para que uma estância termal tenha o carácter de Cidade Termal é necessário ter em consideração a essência desse mesmo espaço, deve de existir simbiose entre o património construído com o património natural do lugar, destacando sempre os aspetos principais que valorizam estes espaços.

Com o desenvolvimento da prática termal em Portugal, houve uma grande aposta na qualidade do termalismo português, tanto que, este começou a ser comparado com as mais celebres estâncias europeias. No entanto, o usufruto das estâncias era feito essencialmente por aqúistas portugueses e alguns espanhóis.

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

A evolução das estâncias termais obedece a vários fatores, tanto geográficos, geológicos, sociais como históricos. Estes fatores são imprescindíveis para o desenvolvimento do território, uma vez que são responsáveis pela forma de implantação e pelo volume dos aglomerados mais ou menos extensos. Como já referido, o fator responsável na localização de uma estância termal é a localização da nascente de água mineral natural. Tendo em conta esta localização, as termas, são consideradas em alguns casos, o elemento matriz na localização, origem e desenvolvimento dos locais em que se inserem. A proximidade entre o balneário termal e a nascente de água mineral, visa a preservar as características medicinais e terapêuticas dessa nascente. Este aspeto tornou-se cada vez menos

ALÇAÇARIAS DO DUQUE
Estabelecimento termal aberto todo o ano
Banhos, Duches, Irrigações, Inalações e Tratamentos Electricos, applicados na cura de doenças de pele, reumatismo, doenças de senhora e afecções nervosas
Aguas bacteriologicamente puras Desinfecções a vapor
Rua do Terreiro do Trigo, 56 --- LISBOA --- Telefone C. 2432



29. Publicidade aos banhos públicos das Alcaçarias do duque em Lisboa.

30. Pessoas a encherem recipientes com a água das alcaçarias, no Largo das Alcaçarias, Alfama, Lisboa.

31. Termas do Estoril no início do séc. XX.



importante, uma vez que se traçaram redes de adução²⁰, que possibilitaram uma localização mais afastada da implantação dos edifícios termais. Esta rede foi desenvolvida devido à proximidade que alguns edifícios termais tinham do rio e, em alguns casos, da topografia poder causar dificuldades na construção de edifícios.

Por todo o país a cultura dos banhos públicos, foi desenvolvida, destacando as famosas Alcaçarias²¹ de Alfama. No séc. XVIII, enquanto não eram construídos os edifícios termais, as pessoas tomavam banhos em poças que escavavam na terra e cobriam com ramos. A partir da ritualização dos banhos, começaram a aparecer os primeiros balneários, primeiramente construídos em barracas de madeira nos locais dos banhos, para albergar esta função de forma embrionária. Exemplo destas, são as termas do Estoril, que surgiram inicialmente em S. João do Estoril, por meados do séc. XIX, onde existiam duas barracas de madeira, uma delas, dividida em quatro secções cada uma com a sua banheira de pedra. Estas, onde cada pessoa tomava o seu banho de forma individual, eram alimentadas pelas águas de uma nascente de Lisboa, a outra barraca de madeira servia para as pessoas aguardarem a sua vez.

Foi assim começada, a construção de pequenos edifícios destinados aos banhos, em torno da fonte santa. Estas primeiras construções modestas, mostram uma arquitetura vernacular, ou seja, caracterizada pelas técnicas construtivas disponíveis em cada localidade, ao invés do gosto específico. Os edifícios eram

20 Rede de transporte de águas que liga o ponto de captação de água, à rede de distribuição de águas ou a um reservatório, onde posteriormente a água poderá ser aquecida.

21 As Alcaçarias são lugares onde se lavavam as lãs e os curtumes, e que serviam também para os banhos públicos.



(de cima para baixo)

32. Localização dos balneários termais mais importantes em Portugal.

33. Aquistas das Termas de Caldelas.

34. Vista aérea das termas e do hotel do Estoril, 1935.



executados pelos populares e construtores locais, através do conhecimento, técnicas e materiais da região.

Até então os aquistas faziam filas para se banharem nas nascentes, de fracas condições para o efeito. Contudo, com a construção de balneários e a sua constante modernização, com mais qualidade nos banhos públicos e individuais, fez aumentar o estatuto dos banhos, multiplicando assim os espaços destinados a este ritual, aumentando o número de cabines destinadas a um ato tão intimista.

Com o terramoto de 1755, muitas estâncias termais do país ficaram afetadas, sendo por isso, fundamental, a sua reconstrução e recuperação. Estas intervenções realizadas no pós-terramoto foram feitas com recurso a materiais mais nobres como madeira e alvenaria de pedra.

Durante o séc. XVIII, passou a existir um controlo na forma de como eram feitos os tratamentos termais, cujos avanços permitiram a multiplicação da construção de vários balneários termais a nível nacional, como é o caso de Longroiva, Monfortinhos ou até mesmo Lisboa.

No séc. XIX, o termalismo português foi atingindo, novamente, o seu auge, e as termas foram reconquistando o seu lugar, lentamente, depois de terem passado por alguns períodos conturbados. À vista disso, houve uma regularização neste setor, bem como nas práticas terapêuticas, o que provocou, simultaneamente, um melhoramento nos acessos a muitas termas, nomeadamente os eixos viários e a construção de uma linha férrea que os liga aos centros urbanos, colocando as estâncias termais como destino turístico. Durante este século, e com a crescente procura, houve também um melhoramento científico e um desenvolvimento das

técnicas e tecnologias inovadoras na altura. O crescente interesse pelas águas minerais naturais levou à criação de alguns decretos lei que davam orientações relativas às explorações comerciais de aquíferos.

Já durante a primeira metade do séc. XX as intervenções feitas a alguns edifícios termais não salvaguardavam o valor histórico e patrimonial, que aquele edifício tinha adquirido até então, perdendo-se por isso partes integrantes e fundamentais para a história do termalismo nacional. A partir de 1970 houve uma tomada de consciência e uma atitude em relação à forma de intervir neste tipo de edifícios, salvaguardando então, o património termal.

O século XX foi marcado por alguns altos e baixos, no termalismo português. Se entre 1945 e 1955 houve uma decadência na procura, a partir daí a procura termal começou a subir até aos anos de 1974 e 1975, altura em que se dá o 25 de abril e a conquista da liberdade.²²

OS BANHOS E A ARQUITETURA TERMAL PORTUGUESA

Em Portugal existem, atualmente, várias estâncias termais no ativo, que se localizam sobretudo no centro norte do país, como ilustra a figura 32. Na altura em que começaram a construção das mesmas, as suas tipologias e soluções arquitetónicas, espelhavam as possibilidades e os investimentos dos promotores. A maioria das estâncias termais de tipologias mais modestas eram erguidas através dos saberes e conhecimentos dos locais, bem como os materiais empregues, que eram da região. Estas estâncias de

22 Mendes, M. C. T., (1982). As estâncias termais portuguesas. Arquitetura: planeamento, design, construção, equipamento, 51-55.

carácter mais modesto e de dimensões controladas, tem a sua planta delineada de forma bastante simples, assim como os respetivos alçados, cujo traço é bastante contido, não tendo sido empregues materiais ostensivos. Enquanto que os balneários mais completos e com base numa economia mais abastada, seguiam um desenho arquitetónico que obedecia à regra e disciplina, com uma planta baseada na simetria. Estas características, quer das termas mais modestas, quer das termas cujos traços arquitetónicos eram mais abastados, podem ser percebidas através das figuras das páginas seguintes; (da figura 35 à 46). No entanto, para os projetistas, o desenvolvimento da arquitetura termal era um tema delicado porque necessitava de outros conhecimentos de várias áreas inerentes ao termalismo, como é o caso da mineralização, geologia, terapêutica, entre outras.

Na época da ascensão do termalismo português era tradição as famílias mais abastadas deslocarem-se até à estância termal para usufruir do ócio, com as águas minerais naturais emergentes do interior da terra.

Nesta época era comum fazer-se a distinção entre as 1ª e 2ª classes sociais e até mesmo a 3ª classe, através da tipologia, dos materiais e da forma de construção. Por vezes as classes sociais frequentavam o mesmo balneário, mas havia uma separação para evitar o contacto entre estas. Foram as primeiras construções destinadas aos banhos que impulsionaram a construção de complexos balneares, cujos vestígios dos primeiros dão conta de que em Portugal, não se seguia a lógica termal, que é característica do povo Romano, como é o caso da sucessão de banhos. Esta é uma particularidade que pode ser observada nos vestígios deixados nas termas de Chaves e de S. Pedro do Sul.

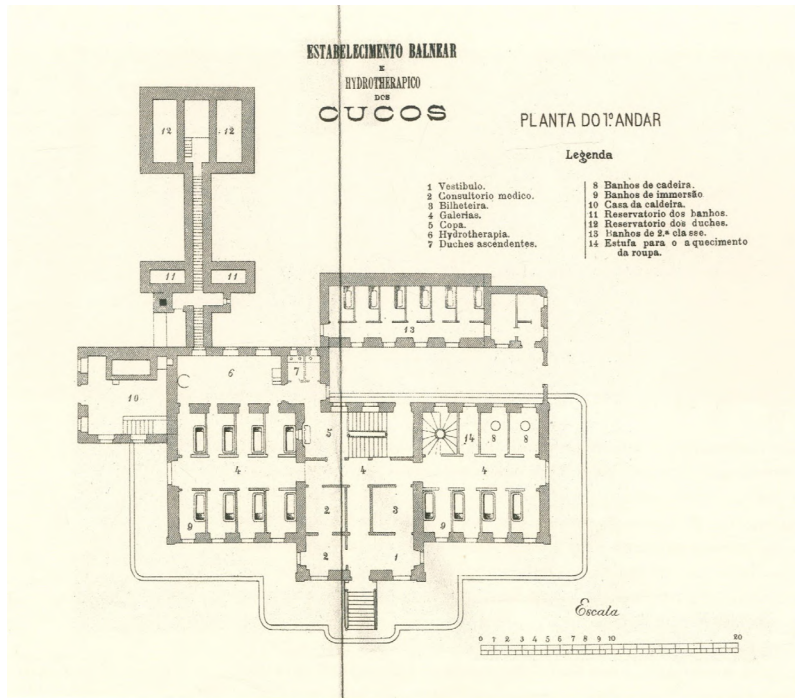


Vistas exteriores dos balneários termais de linhas simples:

38. Vista exterior dos balneários das termas de São Vicente, Agostinho Lopes Coelho, 1910.

39. Vista exterior dos balneários das termas de Santa Marta, Ericeira.

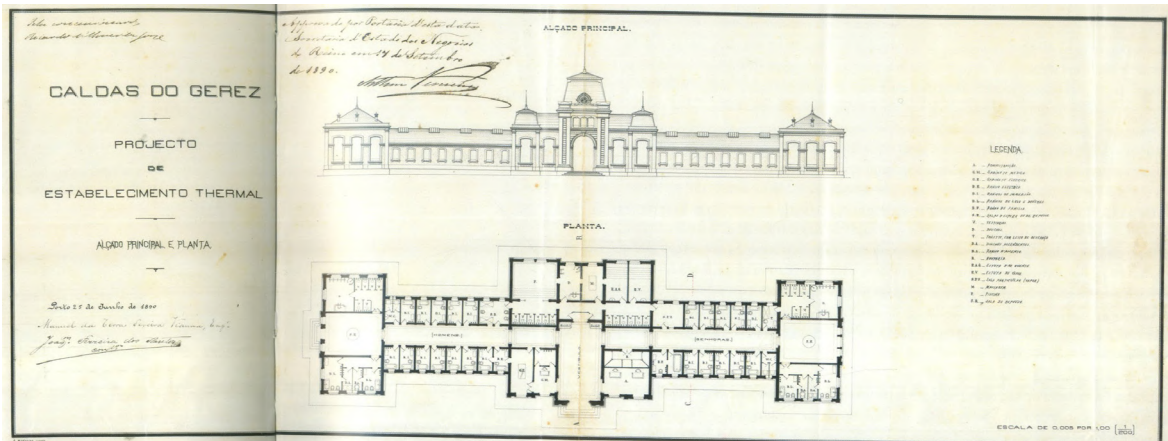
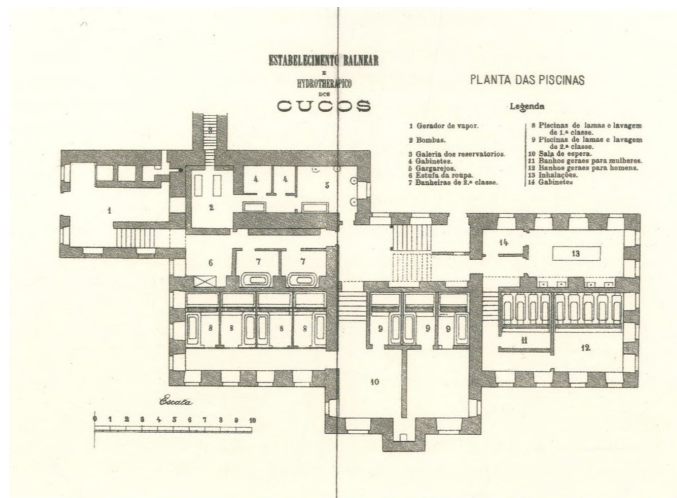
40. Vista exterior do estabelecimento termal das termas de Monfortinho.

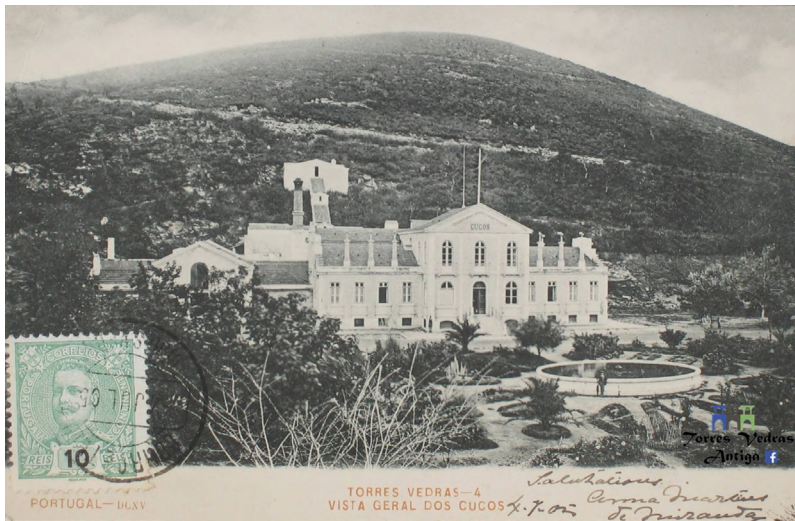


Desenhos técnicos de balneários com dimensões e organizações desenvolvidas:

41 e 42. Termas dos Cucos, plantas do projeto do balneário, 1892 de António Jorge Freire.

43. Caldas do Gerês, planta e alçado do projeto do balneário, 1890 de Manuel da Terra Viana. Projeto não construído.





Vistas exteriores dos balneários termais mais abastados:

44. Termas de Cucos, 1905.

45. Entrada do estabelecimento dos banhos e do hotel das termas do Estoril.

46. Estabelecimento termal do Gerês, destinado à primeira classe.



(da esquerda para a direita)

47. Banheira em pedra mármore, encastrada no pavimento, final do século XIX, Caldas de Vizela.



48. Banheira em folha de flandres, meados do século XX, Termas do Carvalhal.

49. Banheira em madeira para banho de imersão em lama. A banheira é colocada dentro de uma caixa “piscina” em pedra mármore, que recebe água quente, para manter as lamas na temperatura adequada. O mesmo compartimento tem uma banheira em mármore, semi encastrada no pavimento, 1892, Termas dos Cucos.



50. Banho individualizado, Schwarzer Bock Hotel, Wiesbaden (Alemanha)

Por esta altura, algumas das termas menos abastadas, que se estavam a desenvolver, não tinham as suas casas de banho divididas, desta forma os rituais de higiene eram feitos com utensílios ergonómicos e devidamente dimensionados a cada parte do corpo que pretendiam tratar. Exemplo disto, são as botas que permitiam fazer o tratamentos dos membros inferiores até ao joelho, ou até mesmo das banheiras portáteis que eram cheias de água aquecida, que teria sido transportada desde a nascente, através de cântaros, e aquecida em grandes caldeiras ao lume. Mais tarde estas banheiras deram lugar aos duches que obrigavam a uma especialização da mão-de-obra e um redimensionamento das salas de banhos. As salas de tratamento que compõem o balneário termal são por norma, dimensionadas segundo as doenças a que se destinam tratar, pois depende dos utensílios, materiais e mobiliário que esses tratamentos necessitem. Também existia um cuidado na criação de salas de banho comuns ou individuais, tendo em conta algumas doenças contagiosas que ofereciam mais cuidados por parte dos aquistas e profissionais dos balneários.

A maioria dos balneários criados por todo o país, não tinham alojamento e muitos eram improvisados pelos locais, que disponibilizavam quartos das suas casas, para que os aquistas pudessem pernoitar, durante os tratamentos. Com a reestruturação da forma e do sistema termal, foram criadas unidades de alojamento para responder a esta necessidade. As tais unidades de alojamento, começaram por surgir nos pisos superiores das casas particulares, que davam lugar aos banhos e recebiam as pessoas para os tratamentos.

Com a crescente procura pelo termalismo, rapidamente o alojamento deu origem a edifícios de unidades hoteleiras

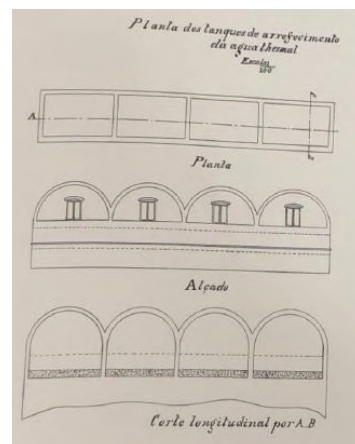
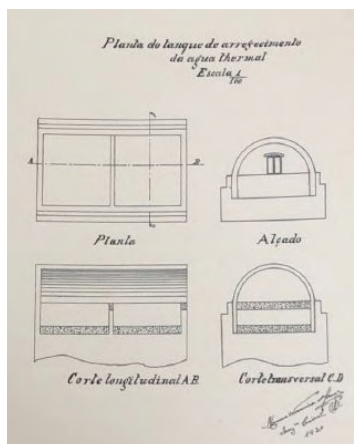


51. Entrada principal do casino de Pedras Salgadas.



52. Restaurante do Antigo Palace Hotel de São Pedro do Sul.

53. e 54. Termas de São Pedro do Sul, Manuel da Gama, planta, alçados e corte longitudinal dos tanques de arrefecimento de água termal, 1930.



independentes, adjacentes aos balneários e estruturados pelo edifício principal. Esta renovação ajudou no desenvolvimento turístico e económico de cada lugar. Como consequência pelo crescimento do termalismo, foi necessário criar uma série de novos espaços de complementação ao tradicional balneário, como é o caso do alojamento, zonas de lazer, espaços culturais e equipamentos que levem a práticas desportivas, e em algumas termas mais abastadas desenvolveram-se casinos. A este conjunto de edifícios que em simultâneo proporcionam ao aquista a melhor e rápida cura, chamamos de estância termal.

Dentro da estância termal, é o balneário que concentra as partes mais importantes dos tratamentos terapêuticos. Por isso, a sua implantação é tão importante e localiza-se o mais próximo da nascente possível, para evitar que as águas subterrâneas no seu máximo esplendor sejam contaminadas por águas superficiais. A sua captação é feita com a ajuda de mecanismos próprios.

Dependendo do volume de procura por parte dos aquistas, são acrescentados ao equipamento principal outros volumes, com o objetivo de responder à elevada procura da busca pelos tratamentos.

O elemento da piscina foi o principal responsável pela criação dos novos balneários, mas acabou por perder o seu protagonismo, devido à procura pelo banho individual em meados do séc. XVIII. Esses banhos eram realizados em banheiras, construídas para esta finalidade. Durante o séc. XX o elemento da piscina voltou a ganhar destaque, e os banhos nas mesmas passaram a ser feitos tanto no interior como no exterior do balneário.

A organização do conjunto de edifícios, interna e externamente, é determinada pela ordem racional e higiénica



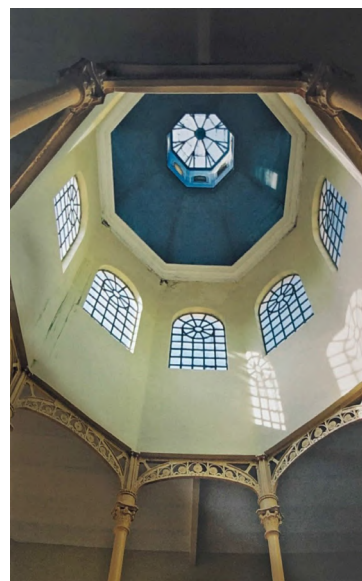
55. Pavilhão das nascentes do Penedo e Grande Alcalina. Nascentes de água termal das Termas de Pedras Salgadas, 1907.

56. Sala de inalação e pulverização no edifício dos banhos de São Paulo, em Lisboa.

(da esquerda para a direita)

57. Buvette das Caldas do Gerês.

58. Cúpula da buvette das Termas da Curia.



comum a todos os equipamentos de saúde, diferenciando-se apenas pela decoração sofisticada. A questão da higienização e salubridade dos espaços é uma questão bastante importante, tanto que, por volta dos anos 80, a reestruturação destes equipamentos, a criação de circuitos “pés limpos” e “pés sujos” foi uma imposição, para que os ambientes não fossem contaminados, mantendo a rigorosa desinfecção e higienização dos espaços interiores e privados.

O interior do edifício principal e mais importante, organiza-se através da articulação entre os gabinetes e salas de tratamento com a distribuição de circulações comuns. Esta articulação de salas está também relacionada com a pluralidade dos tratamentos e na divisão dos aquistas por extratos sociais e sexos, como era característica dos séculos XIX e XX.

Em alguns espaços termais a própria fonte termal ou *buvette*²³, como é vulgarmente conhecida, tem uma capacidade organizadora, localizando-se numa zona central do balneário, ocupando um lugar de destaque. A localização destes elementos é normalmente o átrio principal do edifício. Por ser um ponto bastante importante do balneário, as *buvette* são responsáveis pela interação e convívio entre os vários aquistas. Normalmente, este elemento da fonte é um elemento de decoração bastante rica, não só em elementos decorativos, mas também no tipo de revestimentos empregues, sempre com um simbolismo associado.

Cada espaço foi pensado para satisfazer as etapas do termalismo, o balneário para as áreas de tratamento, as *buvettes*

23 Espaço associado ao termalismo, designando o lugar onde se efetua a ingestão da água termal. Informação consultada a 22 de julho de 2020 em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-e-a-origem-do-galicismo-buvete/25375>

para a ingestão de águas e engarrafamento, e nos modelos de balneário mais recentes, os espaços privados foram pensados, como zonas intimistas e de recolhimento, dedicados ao repouso e à leitura.

A arquitetura procura responder favoravelmente à qualidade dos espaços e à durabilidade dos materiais nas diferentes áreas, uma vez que estes aspetos influenciam a permanência dos aquistas nos espaços. A forma como a luz entra no edifício é um ponto bastante importante, pois ajuda na transição dos espaços comuns para os espaços mais intimistas, assim como, na criação de ambientes nas diferentes zonas.

As características da água influenciam diversas escolhas, nomeadamente o tipo de material construtivo a estar diretamente em contacto com a água, uma vez que se a sua composição não tiver sulfato, por exemplo, o seu depósito pode ser de betão armado e cimento no reboco interior, misturado com uma percentagem de diatomite, para torná-lo o mais impermeável possível.

Conforme a temperatura das nascentes seja mais ou menos elevada, é necessário recorrer a técnicas de aquecimento ou arrefecimento. Embora existam médicos não concordantes com esta prática, por acharem que a técnica pode alterar as condições das águas. Em alguns balneários, tal como o das Caldas da Saúde, a água entrava dentro de uma serpentina que se encontrava dentro de um cilindro, para aquecer as águas sem que estas tivessem contacto com o ar exterior. Por outro lado no balneário das termas de São Pedro do Sul, foram construídos tanques de arrefecimento de águas.

Com o passar do tempo alguns dos sistemas de aquecimento/arrefecimento mostraram-se insustentáveis. Assim sendo, e com

o intuito de resolver estas questões, foram repensadas novas estratégias, como por exemplo, a localização destas infraestruturas em galerias de acesso fácil, para que pudessem ser reparadas e vigiadas constantemente.

A arquitetura termal procura responder a estas questões, desenvolvendo caves sob as piscinas, para o aquecimento das águas e desenvolvendo também espaços técnicos, ou até mesmo pequenos edifícios de apoio à estrutura do edifício principal.

1.2.4. As novas tipologias

O desenvolvimento das novas estâncias termais centra-se na procura pela modernidade e requalificação criativa dos espaços termais.

O termalismo atual reinventou-se, tendo em consideração os novos padrões da procura. Se até aqui o aquista procurava as estâncias termais em busca da sua cura, agora o aquista procura sobretudo "*atividades de bem-estar e de recuperação física e psíquica, dentro do espaço termal*"²⁴. Por isto mesmo, as várias valências ligadas ao termalismo, tiveram também elas de se reinventar, nomeadamente a vertente arquitetónica, desenvolvendo novos programas funcionais e estéticos.

É neste clima de renovação da tipologia termal, que aparece uma nova tipologia os SPA's²⁵, que continuam a fazer o uso da água para fins de bem-estar, abdicando das tradicionais termas, que primam pelo carácter medicinal e mineral. Os Spa's ainda se

24 Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia, p. 304.

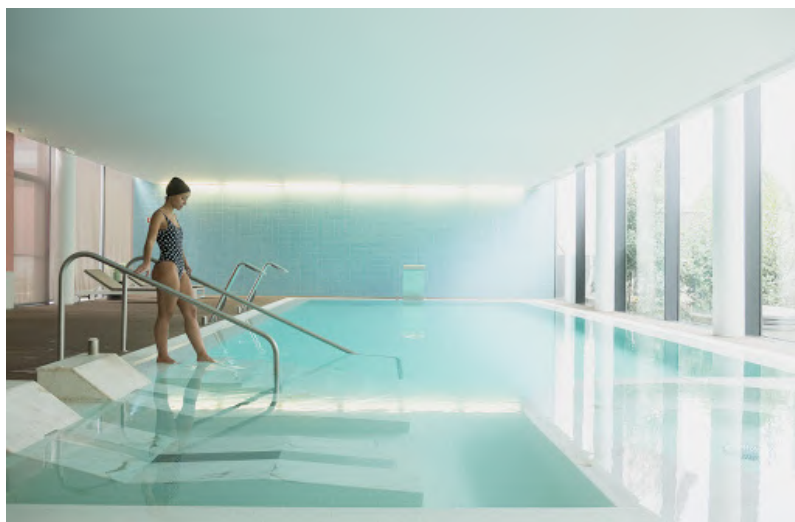
25 Acrónimo de origem latina que significa «Salutem per Aqua», *Saúde pela água*.



59. Novos tratamentos de relaxamento, Caldas de Felgueiras.

60. SPA Termal de Taipas.

61. Reabilitação das Termas do Luso, vista da piscina interior.



destacam pela sua localização, pois não necessitam de se situarem junto às nascentes de águas minerais, uma vez que esta valência já não é uma prioridade.

As novas tipologias e a revitalização do termalismo faz com que estes estabelecimentos desenvolvam novas competências face aos SPA's , para poderem combater esta nova tipologia de bem-estar. Introduziram-se a sauna, o banho turco, a acupuntura, a dietética, massagens, ioga, entre outras valências semelhantes.

Entre tantas coisas, as estâncias termais refletem, nos dias de hoje um abrigo das vidas banais e *stressantes* de muitas pessoas. Em algumas zonas percebe-se que o aumento da procura hoteleira, não é necessariamente pelo termalismo propriamente dito, mas sim, pela necessidade do ser individual procurar um escape à vida dita normal.

Por norma estes locais são considerados fortes pontos turísticos, devido a um grande percurso histórico marcado inicialmente pelo culto dos banhos e tratamentos medicinais, mais tarde pelo lazer, pelos eventos sociais e culturais e atualmente pela vertente mais turística.

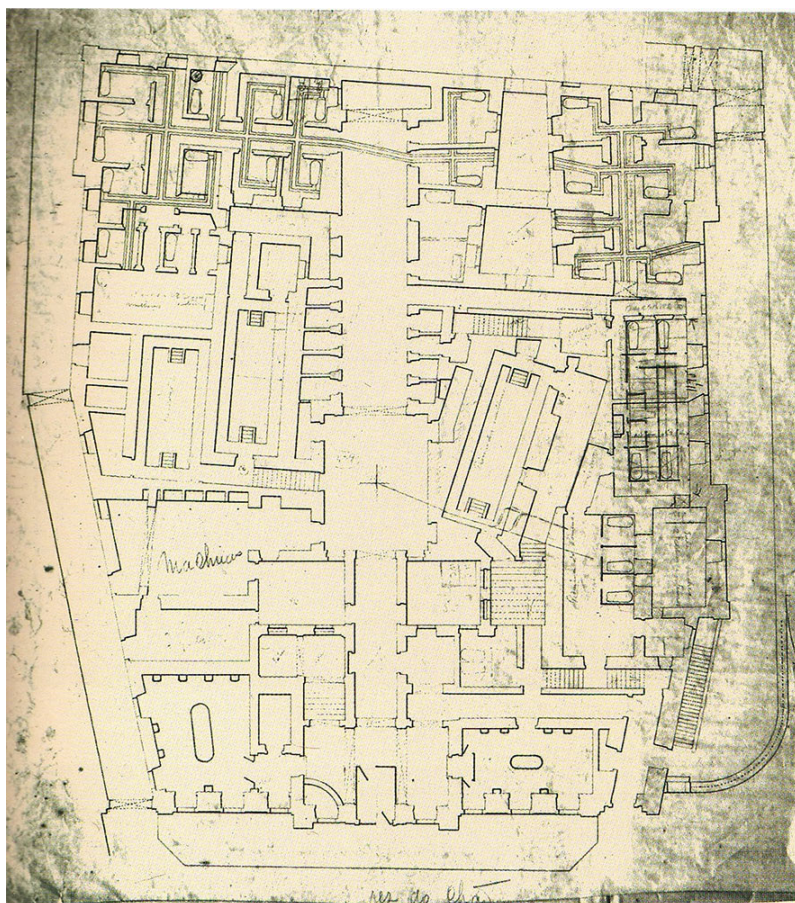
As novas tipologias termais concentram-se cada vez mais na saúde e não na doença²⁶. Existe cada vez mais a preocupação com o bem-estar pessoal e não com a cura das maleitas que até então eram o principal motivo pela procura destes estabelecimentos.

Existe uma clara necessidade de fazer uma reestruturação no sistema termal português, da mesma forma, este sistema necessita de

26 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.138



62. Entrada principal do Hospital Nossa Senhora do Pópulo, Caldas da Rainha.



63. Planta do piso térreo do Hospital Termal, desenho a tinta-da-china sobre tela imperial, finais do século XIX.

apoios capazes de devolver os aquistas aos espaços termais. Uma das alternativas à revitalização, poderá passar pela proposta de outro tipo de atividades e serviços, privilegiando uma oferta original, onde se destacam outros programas para além dos habituais curativos.²⁷

1.2.5. O Hospital das Caldas da Rainha

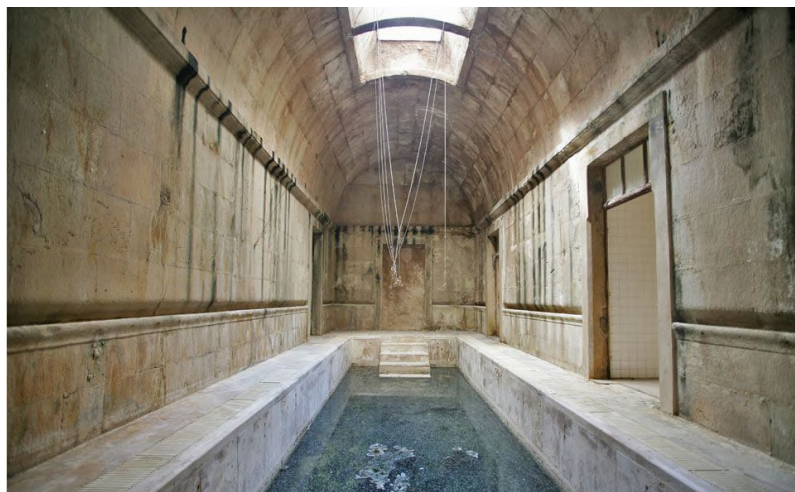
Durante todo o progresso da história da arquitetura termal é imperativo falar-se do 1º Hospital Termal do mundo, o Hospital Termal das Caldas da Rainha, mandado construir por D. Leonor.

O nome Caldas da Rainha denota uma grande importância histórica, ligada ao termalismo português. No hospital termal, existe uma sala destinada aos banhos da rainha D. Leonor, de nome, "Banhos da Rainha", uma vez ter sido ela a responsável pela construção deste importante hospital. À cidade foi então nomeada por Caldas da Rainha, devido à fundação dos Banho de D. Leonor.

Este icónico Hospital Termal, marcaria para sempre a história do termalismo Português, de seu nome Hospital de Nossa Senhora do Pópulo.

A construção deste hospital é reflexo da lógica renascentista que se vivia por toda a Europa. A construção do hospital ajudou ainda, na investigação, no desenvolvimento e na inovação das técnicas e tecnologias termais, que contribuíram bastante para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da arquitetura termal em Portugal. O prestigiado Hospital, apesar de ter sido construído no séc. XV, só três séculos mais tarde ganhou fama entre os aquistas

27 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.516



64. Piscina no interior do Hospital das Termas.



65. Buvette do Hospital Termal das Caldas da Rainha D. Leonor.



66. Pavilhões do Parque D. Carlos I, Rodrigo Maria Berquó.

do norte da Europa.

A água usada para os banhos era extraída de um poço de captação, impedindo a sua contaminação, através do contacto com o ar ou até mesmo com outras águas. Estas eram conduzidas até aos tanques e banheiras de pedra, que posteriormente eram levadas até depósitos construídos em metal e cimento, de maneira a proteger a água das influências externas, salvaguardando a contaminação no seu interior.²⁸

A arquitetura deste hospital, tentou integrar estes depósitos no plano do balneário, desejavelmente a uma cota superior. Com a crescente inovação tecnológica foram incrementados equipamentos e máquinas de ajuda aos tratamentos e manuseamento das águas, esta mecanização despertou a necessidade do projeto arquitetónico necessitar também de integrar casas de máquinas.

A história dos banhos das Caldas, foi sofrendo algumas alterações, adaptando-se às novas tipologias termais. A grande reestruturação efetuada, ficou a cargo do engenheiro e arquiteto Rodrigo Maria Berquó. Este centrou-se na recuperação do antigo passeio da Copa, atual Parque D. Carlos I, com a proposta da construção de um novo hospital termal, que contemplava também as funções de Hotel. "O projeto de Rodrigo Berquó propunha a construção de sete pavilhões, destinados a enfermarias, uma galeria com 55 metros de comprimento e instalações sanitárias."²⁹

Apesar do projeto ter sido concluído após a morte de

28 Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., 2009. O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa. Lisboa: Ministério da Economia, p. 42

29 Informação consultada a 19 de julho de 2020 em: <https://nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/10-22-2016-edificios-abandonados-as-ruinas-dos-pavilhoes-no-parque-das-caldas-da-rainha>



67. Kurhaus e espaço envolvente, Bad Brückenau (Alemanha).

Rodrigo Berquó, nunca chegou a ser um hospital Termal devido aos climas de grande instabilidade que se faziam sentir na altura. Atualmente, os pavilhões do parque estão abandonados, podendo ser vislumbrados a partir do parque envolvente, o parque de D. Carlos I, que se encontra aberto à população.³⁰

1.3 O ESPAÇO ENVOLVENTE

1.3.1 A importância do espaço exterior

“A arquitetura conhece a sua máxima expressão na sua relação com a paisagem. E a paisagem com o seu carácter, com as suas sugestões, com as suas mesmas dificuldades ambientais, guia o homem na eleição do seu espaço de vida.”³¹

O espaço exterior e a natureza envolvente adquiriram uma importante função na cura dos utentes das termas, desta forma, foram desenvolvidas estratégias arquitetónicas que valorizem e integrem a paisagem com os demais elementos arquitetónicos. Estas estratégias têm vindo a ser pensadas e estudadas desde o séc. XVIII, com objetivo de melhorar a qualidade da cura dentro dos espaços termais. As novas estratégias arquitetónicas passaram a incluir a paisagem e a natureza como uma nova tipologia, de modo a que estivesse presente em todas as fases dos tratamentos.

Por conseguinte, desenvolveram-se Parques Termais a uma escala urbana, nos quais se via refletido o alargamentos dos

30 Informação consultada a 19 de julho de 2020 em: <https://nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/10-22-2016-edificios-abandonados-as-ruinas-dos-pavilhoes-no-parque-das-caldas-da-rainha>

31 Pinto, J. C., 2005. *Paisagem, Arquitetura e Água. Cadernos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.*



68. Parque das Termas do Gerês.

69. Alameda ladeada por árvores, no espaço exterior das Termas de Pedras Salgadas.

70. Inserção do edifício termal na paisagem natural, Bad Tarasp, Áustria.



tratamentos termais para o exterior, como é o caso do Parque das Termas do Gerês, caracterizado pela sua envolvente encantadora, com alamedas ladeadas por árvores e espaços de estar bastante agradáveis.

Muitas das vezes estes novos espaços comunitários, ao ar livre eram também palco de eventos sociais e culturais.

A valorização pelo espaço termal reforça o papel da água. A paisagem natural corresponde a um elemento de beleza única, composta por outros elementos naturais, como água, vegetação, montes e vales e os demais elementos que compõem este quadro sobre a natureza. Este tipo de elementos é capaz de despertar emoções às pessoas que vislumbram tal obra de arte no seu estado mais puro.



71. Palace Hotel das Termas da Curia.

1.4 TERMALISMO E TURISMO

Com a evolução do termalismo desenvolveram-se diversas vertentes ligadas a esta modalidade. Nomeadamente o aparecimento de unidades hoteleiras junto dos balneários termais, integrando assim, um complexo de edifícios organizados entre si e capazes de funcionar em sintonia, auxiliando-se mutuamente.

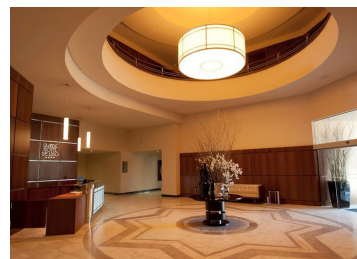
No decorrer dos temas anteriores, compreende-se que, em algumas situações, o desenvolvimento do turismo é uma consequência do desenvolvimento do termalismo.

Esta valência turística deve-se à hospitalidade de cada lugar e à necessidade de existirem unidades de alojamento, capazes de albergar os aquistas nas suas fases de tratamento. Existe uma prestação de serviços comerciais, por parte da população das regiões, o que, por conseguinte, ajuda o desenvolvimento económico desta mesma região.³²

A hospitalidade das regiões onde as estâncias termais se inserem, permite ao aquista pernoitar e refugiar-se perto do espaço termal e dos seus tratamentos, de forma a torná-los mais eficientes. Esta aproximação entre o espaço termal e o espaço hoteleiro contribui para o sucesso dos tratamentos, uma vez que ajuda no relaxamento e bem-estar do aquista. Desta forma, é possível afirmar que os hotéis são uma estância prolongada e sofisticada das termas.

O turismo ligado ao termalismo, classifica-se de turismo de saúde e bem-estar, ambos os conceitos beneficiaram com a evolução das infraestruturas e dos meios de transporte, que ajudaram no

32 Mangorrinha, J., (2002). *À Volta das Termas*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia.



72. Vista da piscina exterior e da fachada do Grande Hotel das Termas do Luso.

(da esquerda para a direita)
73. Interior da zona de entrada do hotel do Luso, década de 70.

74. Interior da zona da entrada do hotel do Luso, após reabilitação.

75. Zona de entrada do Palace Hotel da Curia.



desenvolvimento tanto da valência termal como da turística. Esta conjuntura desencadeou uma série de novas valências ligadas ao lazer, cuja intenção sempre foi a valorização dos espaços termais, ajudando-os a atrair a população aquista.

“Em vários destinos, o turismo de saúde e bem-estar é considerado um dos principais, se não o principal, motor de desenvolvimento local, especialmente em destinos desprovidos de indústrias ou de outras atividades potenciadoras dos recursos locais.”³³

O turismo de saúde e bem estar está inteiramente ligado às estâncias termais e deve parte do seu crescimento, às condições naturais onde estes equipamentos se inserem. Por norma, são zonas que privilegiam o contacto com a natureza e com todos os recursos naturais, entre eles as águas cristalinas. Este é um turismo que se preocupa essencialmente com os cuidados de saúde.

Vários hotéis de referência nacional, foram construídos entre as décadas de 1880 e 1940, o que levou à caracterização desta época como sendo um período áureo do termalismo português.³⁴ A chamada década de ouro do turismo português, registou-se por volta dos anos 60, com a ajuda do Estado português.³⁵

Anteriormente a estas décadas, o termalismo português passou por um período conturbado. Foi graças a uma reestruturação

33 Guerra, R. J., & Gonçalves, E. C. (Abril-Junio 2019). O turismo de saúde e bem estar como fator de desenvolvimento local: uma análise à oferta termal portuguesa. *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 453-472. Obtido em 05 de julho de 2020, de <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.030>. p.468

34 Mangorrinha, J., (2002). *À Volta das Termas*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia. p.169

35 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.90

na vertente curativa e ao seu impacto nas regiões afetadas, que a vertente turística também se desenvolveu com notoriedade.

De acordo com uma publicação periódica *“Gazeta dos Caminhos de Ferro”*, escrita por Armando Ferreira, Portugal não possuía uma qualidade e quantidade de hotéis razoável, face ao panorama Europeu no mesmo período, no entanto, existiu um conjunto de hotéis que contribuíram para o crescimento do parque hoteleiro, são eles o hotel *“Avenida Palace”* em Lisboa, o hotel *“Palácio na Costa do Sol”*, o *“Palace do Buçaco”*, o *“Grande Hotel da Curia”*, o *“Grande Hotel Luso”*, e o *“Hotel Termal de Vidago”*.³⁶

Segundo Jorge Mangorrinha, em *“À Volta das Termas”*, um jornalista da época, distinguiu dois tipos de hotéis; os hotéis de cidade ou passagem, e os hotéis de termas ou de estar. Segundo esse mesmo jornalista:

*“Quem passa, do que precisa é de uma boa cama, um bom banho e uma boa mesa. O resto não interessa. Quem está necessita de mais alguma coisa, dum sala onde se entretenha, dum salão onde se distraia.”*³⁷

Para algumas zonas do país o turismo é o principal setor socioeconómico da região³⁸, ajudando o seu desenvolvimento, no combate ao desemprego e à migração, uma vez que, na maioria dos casos as estâncias termais situam-se em zonas de fraca

36 Ramos, A. R. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.89

37 Mangorrinha, J., (2002). *À Volta das Termas*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia. p.169

38 Vários. (1970). *Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte: Documentos*. Braga: Edição Conjunta da Direção-Geral do Turismo e Câmara Municipal de Braga.

densidade populacional. Para além desta função motora, que é o desenvolvimento de uma região, o turismo pode ter um forte impacto no desenvolvimento económico de um país, como é o caso de Portugal. É de notar, que as regiões, onde o turismo termal é mais evidente, são sobretudo, as zonas a norte do rio Douro, uma vez que estas têm um grande impacto na economia da região.

Desta forma, a atividade turística assumiu um papel importante, no desenvolvimento do país. Para além do já referido, desenvolvimento socioeconómico, esta vertente é responsável pelo investimento estrangeiro e nacional, que contribuem para o constante desenvolvimento e melhoramento de infra-estruturas, acessibilidades, equipamentos e a constante valorização do património arquitetónico.³⁹

Com o evoluir dos tempos e das mentalidades, o termalismo foi-se reinventado para fazer face às novas exigências, da mesma forma, que o turismo teve também que se adaptar a novas realidades. Atualmente, existem novos conceitos que se inserem dentro do turismo de saúde, como é o caso de conceitos como wellness e fitness, cujas preocupações são o bem-estar e aptidão física.⁴⁰

Uma vez que as tipologias do termalismo mudaram consideravelmente o seu conceito inicial, os programas destas

39 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.99

40 Guerra, R. J., & Gonçalves, E. C. (Abril-Junio 2019). O turismo de saúde e bem estar como fator de desenvolvimento local: uma análise à oferta termal portuguesa. *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 453-472. Obtido em 05 de julho de 2020, de <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2019.17.030>. p.455



76. Eco Resort, Tree Houses de Pedras Salgadas. Spa e Nature Park.

77. Vista principal do Hotel das Termas de Monte Real.

78. Vista exterior do Hotel do Bussaco, Luso.



tiveram de se readaptar e reajustar às novas visões ligadas sobretudo ao bem-estar, afastando-se cada vez mais dos poderes curativos. Assim sendo, também o turismo de saúde a este adjacente adaptou os seus conceitos para uma melhor oferta de serviço.



79. Postal da vista exterior do Grande Hotel do Bussaco, Luso.

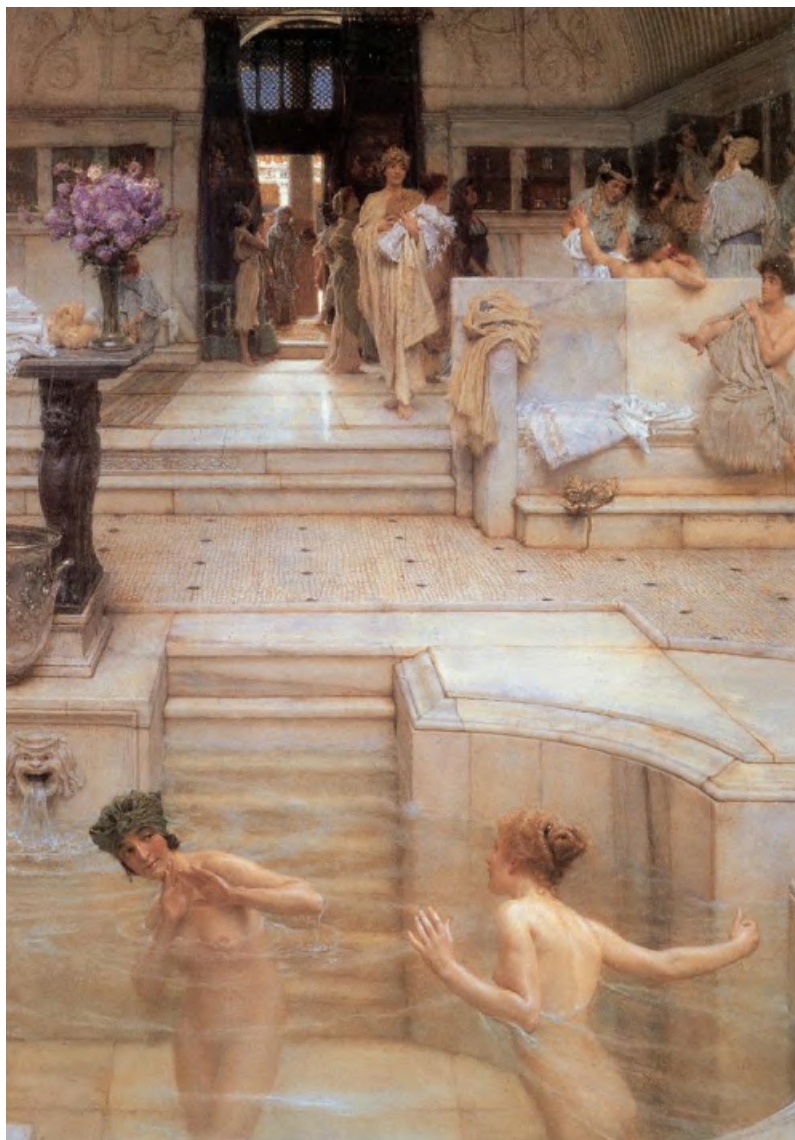
II. PROJETOS DE REFERÊNCIA

2.1 O CASO DAS TERMAS ROMANAS

“A água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. Que seria a ideia de pureza sem a imagem de uma água límpida e cristalina...”⁴¹

As termas Romanas e toda a poética a estas associadas são um dos elementos que eterniza o povo romano, como um povo verdadeiramente excepcional e de grandes feitos. Para além de reinventar a vertente do banho, como ritual de higienização, também reinventou o espaço a ele associado, ainda para mais se esse mesmo espaço for os banhos públicos.

41 Bachelard, G., (1998). *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. p.15



80. Ambiente diário no interior das Thermae, onde Romanos da alta sociedade são acompanhados pelos seus escravos.

(da esquerda para a direita)

81. Pintura do Apodyterium, onde os escravos vestem os seus amos. Pintura de Domenico Morelli em 1861.

82. Pintura da piscina principal das termas de Caracalla. Pintura de Alma-Tadema.



A civilização Romana herdou a cultura dos banhos da civilização antecessora, a Grécia Antiga, onde o povo grego começou a fazer uso deste procedimento como prática recorrente. No entanto, foi durante o período da Roma Antiga, que este ritual de higienização tomou outras proporções, a fim de todo o pensamento em torno desta temática, sofrer uma grande reestruturação. Apesar das influências recebidas por parte do povo Grego, a civilização Romana destacou-se pelo tamanho e complexidade exibidos pelos edifícios.

O tempo passado pelo povo romano a banhar-se em frias correntes de ribeiras ou até mesmo alguns lagos, fortaleceu desde cedo a sua relação com a temática dos banhos. À semelhança, do povo grego, o banho em águas frias e cristalinas, refletia-se na saúde, promovendo o estímulo do próprio corpo e reforçando a energia pessoal, para que se sentissem em plenitude. Com o avançar dos tempos, a sociedade Romana começou a procurar correntes de água mais quente, até que estes banhos de água quente tomaram uma grande importância e começaram a ser construídos espaços dedicados a esses banhos quentes - as balnæ. Estes espaços dedicados aos banhos eram privados e por vezes pagos.⁴²

É desta forma, que a sociedade romana da altura, reconhece o seu próprio bem-estar, através do culto dos banhos, intercalando as águas quentes com as águas frias. Assim sendo, em meados do ano 19 a.C., durante o império de Agripa, foi inaugurada uma nova

42 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.27



83. Ruínas do Tepidarium das Termas de Stabia, em Pompeia.

84. Ilustração do Tepidarium, das Termas de Stabia, em Pompeia.

85. Ruínas das maiores termas Romanas construídas, as termas de Caracalla, em Itália.



era de banhos públicos - as *thermæ*.⁴³

Estes espaços eram procurados pelo povo, sobretudo para a higienização corporal, porém, os banhistas também se deslocavam a estes espaços no sentido da procura pelo alívio de certas maleitas, nomeadamente artrite e reumatismo.

O desenvolvimento e notoriedade que as termas romanas atingiram, deve-se aos imperadores romanos que controlavam o território naquela altura, pois estes investiram na temática termal, garantindo a total exuberância transparecida pelos edifícios destinados a estas práticas. Esta é uma realidade que se pode constatar através dos edifícios erguidos na altura, cujos seus nomes faziam tributo ao imperador que os mandara construir, como é o caso dos estabelecimentos termais de Caracalla, Nero e Trajano.⁴⁴

O Império Romano, espalhou-se por toda a Europa, sendo que, durante as expansões, este povo construíra edifícios termais por onde passara. Por toda a Europa há vestígios de balneários outrora erguidos segundo a arquitetura termal romana, como é o caso das Termas de Bath, em Inglaterra, de Vichy, em França, Baden, na Áustria e Aquincum, na Hungria.⁴⁵

Os primórdios edifícios termais eram um pouco desorganizados. Por norma, cada edifício construído e dedicado à valência dos banhos, era consagrado a um deus ou uma ninfa,

43 Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., (2009). *O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia. p.18

44 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.27

45 Informação consultada a 29 de maio de 2020 em: <https://the archeology.wordpress.com/category/roma-antiga/termas-romanas/>

a quem os usufrutuários faziam dádivas ou pagavam alguma promessa. Para a civilização romana o ato de tomar banho era acima de tudo, uma prática religiosa, onde o banhista lavava a alma e se purificava. As termas romanas construídas em Bath, Inglaterra, por exemplo, prestavam tributo à deusa Minerva, adjacente às quais foi erguido um templo dedicado a esta deusa da mitologia Romana.⁴⁶

Uma vez que o caso das termas romanas é bastante importante para a compreensão da evolução histórica e arquitetónica termal, ao longo do tempo, estes edifícios têm vindo a ser objeto de estudo, a fim de se compreender toda a vivência deste espaço por parte dos seus utilizadores. Os mesmos estudos permitiram perceber os processos de ritualização e higienização dos usufrutuários, desde que estes entram no edifício termal, até ao fim dos seus rituais. Estes banhos públicos eram frequentados por todas as classes sociais, das mais altas às mais baixas e alguns balneários exigiam o pagamento de uma taxa, porém esta era acessível a todos os utentes.

Segundo uma investigação levada a cabo pela Dr.^a Adília Ramos, os banhos eram um ritual sequencial. Chegados às termas os banhistas entravam para o *Apodyterium*, onde se podiam despir e guardar os seus pertences, por norma os banhistas mais abastados, dispunham de escravos que os acompanhavam e ajudavam nas tarefas dos banhos. Posto isto, os frequentadores termais, passavam então para o *Tepidarium*, uma sala cujo o ambiente era tépido, de maneira a que o aquista se adaptasse à temperatura do espaço termal. Passavam então ao *Onctuarium*, uma sala dedicada

46 Informação consultada a 29 de maio de 2020 em: https://www.youtube.com/watch?v=o85ff-orCUk&feature=emb_rel_end

à untação do corpo com óleos e cremes gordos, para seguidamente repousarem numa sala, que podia ser comparada a uma estufa de ar quente, *Laconicum*. Seguindo esta narrativa, os aquistas entravam no *Caldarium*, onde se banhavam nas águas mais quentes das termas.⁴⁷ As águas que se encontravam no *Caldarium*, eram aquecidas através do sistema do *Hypocaustum*, este correspondia à camada de betão do *Caldarium*, apoiada em pilares feitos de tijolo espaçados entre si, permitindo a passagem do fluxo de ar quente.⁴⁸

Durante o tempo que os banhistas passavam nos balneários, dispunham de várias zonas dedicadas à interação e convívio social, onde inclusive, realizavam alguns negócios e se dedicavam a práticas desportivas, para cuidar do seu bem-estar.

Para terminarem o seu ritual de higienização, os romanos limpavam a pele, com auxílio de um *Estrígio*⁴⁹, e por fim mergulhavam-se numa piscina de águas frias, que se encontrava na sala do *Frigidarium*. O ritual de banhos nesta piscina era guardado para último lugar, uma vez os romanos acreditavam, que a água fria lhes fechava os poros da pele, impedindo-os assim de contrair certas doenças.

Haviam balneários mais privilegiados que tinham espaços e banheiras individuais, de forma a promover uma melhor

47 Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.29

48 Informação consultada a 29 de maio de 2020 em: <https://thearcheology.wordpress.com/category/roma-antiga/termas-romanas/>

49 Instrumento de raspagem da pele, que o povo romano utilizava, a fim de remover toda a sujidade acumulada na pele, que foi libertada ao longo do processo banhear.



86. Sala do Frigidarium, última fase dos banhos públicos. Pintura de Pedro Weingartner, 1897.



87. Ruínas da fonte decorativa no Caldarium das Termas de Stabia.

(da esquerda para a direita)

88. Apodyterium das termas Romanas.

89. Banhos e limpeza de pele com ajuda de estrígios. Pintura de Alma-Tadema, 1879.



privacidade.

Relativamente à orientação de certas dependências, o *Caldarium*, por norma, tendia a ser construído na ala sul, de modo a potencializar o calor proveniente do sol, embora dependesse sempre da estrutura do *Hypocausto*, para fazer o devido aquecimento. No que dizia respeito ao espaço dedicado ao *Frigidarium*, este ocupava a ala Norte, uma vez que não existia sol nesta orientação, era mais fácil conservar as temperaturas frias neste espaço.

A nível arquitetónico tentava-se sempre empregar materiais nobres e luxuosos, de maneira a enaltecer o espaço termal. Neste sentido, e com a preocupação da visão que estes edifícios davam a Itália, os arquitetos e responsáveis políticos desdobravam-se para construir cúpulas cada vez mais altas, como símbolo de riqueza. Permitindo que estas pudessem ser abertas de maneira a que a luz solar perfurasse o seu interior. Os espaços começaram a ser projetados detalhadamente, tanto exterior como interiormente, dando-se especial atenção às materialidades, de forma a que estas deixassem transparecerem a sofisticação e luxo pretendido.

“colunas de granito ou de pórfiro, paredes ornamentadas de magníficas pinturas, cadeiras, bancos e tinas ou vasos, ornamentados com pés ou bases esculpidos e pintados com símbolos da mitologia e da natureza; no solo, mármore exóticos, mosaicos vários nas paredes, ilustrando a fauna, a flora e as divindades dos mares e dos rios... e água..., água por todo o lado, escoada por torneiras de prata, e encaminhadas em levadas ornamentadas com os mais sofisticados décors. Todo este fausto e luxuosidade, colocados nas termas romanas, destinavam-se ao desfrute do prazer de todos os seus utilizadores, sem nenhuma forma de

exclusão.”⁵⁰

A matriz de pensamento arquitetónico, contemplava ainda alguns aspetos bastante importantes para todo o funcionamento deste espaço, como o facto de existir uma separação entre os banhos femininos dos banhos masculinos. O espaço dedicado às mulheres encontrava-se do lado oposto ao espaço dedicado aos homens, e por norma era um espaço mais pequeno, devido ao facto de existirem menos mulheres a frequentar o espaço termal.

A mesma matriz desenvolveu zonas dedicadas aos escravos, que tanto homens como mulheres de extratos altos da sociedade, levavam consigo, para ajudar nas práticas banhistas. Desta forma, o edifício termal era planeado com três entradas diferentes, a entrada dos homens, a entrada das mulheres e a entrada para os escravos.⁵¹

Com a evolução dos tempos, bem como com a modernização destes espaços, introduziram-se novos usos, que pretendiam completar o espaço termal e as suas atividade. Portanto, foram incluídas áreas dedicadas ao desporto e exercício físico, piscinas exteriores, espaços culturais, como bibliotecas e teatros, restaurantes, espaços indicados à realização de eventos sociais, entre outras áreas necessárias e fundamentais para a valorização do espaço termal da civilização romana.

Os locais apropriados à prática de exercício físico, tinham por

50 Ramos, A. R. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo. p.31

51 Informação consultada a 29 de maio de 2020 em: <https://thearcheology.wordpress.com/category/roma-antiga/termas-romanas/>

norma, uma zona exterior, que se encontrava adjacente ao principal edifício termal, para a realização dessas mesmas atividades, normalmente, o espaço, denominado por *Palaestra* era construído em forma de colunata.

As termas de Caracalla são um dos maiores balneários da Itália, ocupando uma grande área territorial. Consideradas as termas mais famosas da Antiguidade Clássica⁵² foram tidas como uma das sete maravilhas de Roma, cujos interiores eram magníficos e luxuosamente forrados a mármore. As termas de maiores dimensões, as de Diocleciano, continham capacidade para 3.000 pessoas dentro do balneário, em simultâneo.

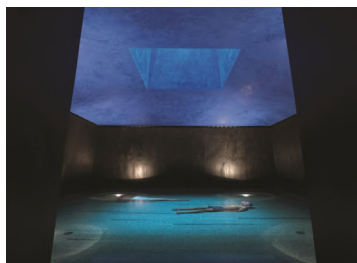
Mais do que uma mera atividade lúdica, a utilização das águas termais com temperaturas adequadas e diversificadas, permitia que o povo romano executasse o ritual de banhos da melhor forma. Neste, o utilizador despia-se, banhava-se nas várias salas, transpirava, recebia massagens e descansava, garantindo o melhor aproveitamento do ambiente termal.⁵³

52 Período da história cultural correspondente entre o século VIII a.C. e o século V d.C.

53 Informação consultada a 29 de maio de 2020 em: <https://thearcheology.wordpress.com/category/roma-antiga/termas-romanas/>



90. Vista do edifício perfeitamente enquadrado na envolvente.



(da esquerda para a direita)
91. Vista interior de uma das piscinas termais.

92. Vista da piscina exterior das termas de Rigi Kaltbad Mineral Baths.



93. Torre circular de acesso ao interior do edifício, à cota da praça da Vila.

94. Claraboias da praça da Vila, com vista sob os Alpes Centrais da Suíça.



2.2 O CASO DAS TERMAS DE RIGI KALTBAD BATHS

Mario Botta, 2012

RIGI KALTBAD MINERAL BATHS & SPA assume-se como um Spa que incorpora um resort suíço, situado perto do Lago Lucerna, na Vila de Rigi Kaltbad. Tida como um ponto atrativo, esta vila apresenta uma maravilhosa paisagem natural sob o lago Lucerna e, no horizonte, uma vista sobre os Alpes centrais, o que proporciona um projeto profundamente relacionado entre a Vila e o contexto de paisagem natural.

A conceção deste projeto assenta no valor histórico que o lugar tem com as águas termais. Mario Botta centra-se na busca do bem-estar físico e mental, tendo em conta as tradições ligadas ao termalismo desta Vila, onde existe uma fonte de água termal.

Com tradição ligada aos banhos com mais de 600 anos, o acesso à vila de Rigi Kaltbad pode ser realizado em pleno contacto com a natureza seja por teleférico, desde a aldeia de Weggis, ou por comboio, desde a aldeia de Witznau.

A coerência e rigor na criatividade permitiram ao arquiteto Mario Botta, desenvolver um conceito projetual, com base na relação entre as qualidades naturais e a própria vila. O projeto divide-se em duas partes que se relacionam entre si, sendo que denota a praça da Vila e abaixo da cota desta, o edifício dos banhos termais e Spa.

A praça funciona com um espaço de estar, delimitada pela estação do teleférico a este e por uma torre circular a oeste, esta torre serve de entrada ao edifício dos banhos localizado sobre a praça.

Esta superfície exterior reflete um jardim mineral, no qual

(de cima para baixo)

desenhos técnicos do edifício

95. Planta piso-1

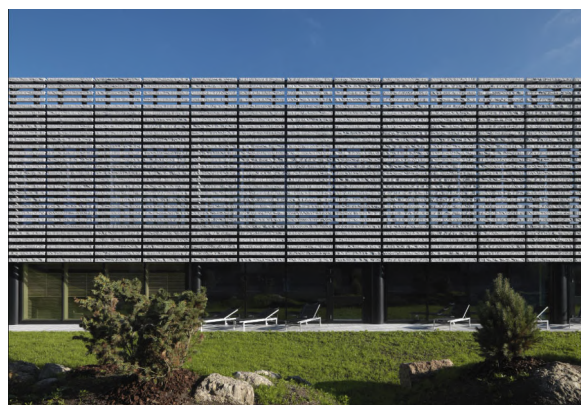
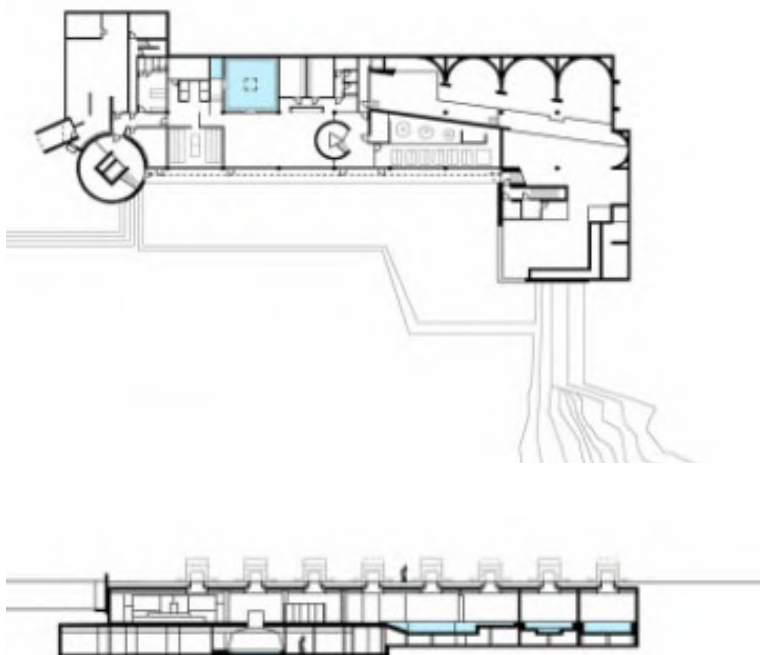
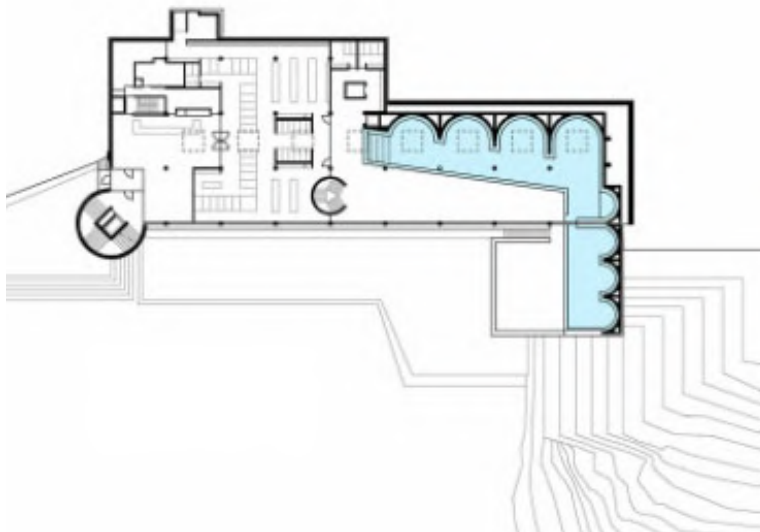
96. Planta piso-2

97. Corte longitudinal

98. Fachada e envolvente do edifício.

99. Materialidades do interior da piscina.

100. Fachada com brise-soleil e cortina em granito.



surgem oito claraboias, que foram desenhadas como esculturas de vidro, assentes em ilhas verdes e rodeadas por bancos de descanso⁵⁴. Estas claraboias representam a formação de cristais nas rochas e permitem a entrada de luz solar no interior do edifício.

O edifício dos banhos, que se encontra por baixo da praça da vila, organiza-se em dois pisos, orientados a sul. O espaço interior apresenta diferentes tipologias de banhos, e uma piscina interna que se estende para o exterior, pelo lado lateral sudoeste. O programa contempla ainda saunas, zona de chuveiros e salas de meditação, que se localizam no piso que comunica com o plano da praça, através das claraboias.

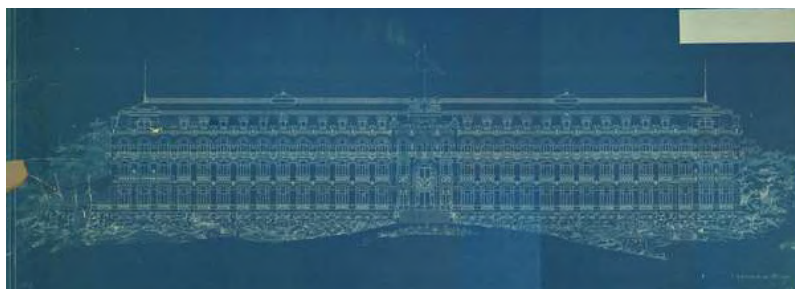
Mario Botta desenhou o edifício segundo uma articulação entre linhas retas e linhas curvas, que se envolvem com a água das piscinas presentes no projeto.

A pedra foi um dos pontos de inspiração, portanto, o revestimento utilizado tanto nos pavimentos como nas paredes da piscina é granito do tipo Duke White, este tipo de revestimento mineral, quando em contacto com a água enriquece as suas propriedades, “e traz de volta à vida os aspetos essenciais dos homens”⁵⁵. Já os tetos dos espaços interiores foram revestidos a madeira de bordo natural.

A fachada do edifício foi desenvolvida segundo a técnica de brise-soleil, num plano interior e uma cortina de granito, no plano mais exterior. Esta fachada exterior é no mesmo material das paredes da piscina, granito do tipo Duke White, disposta em

54 Informação consultada a 07 de junho de 2020 em: <http://www.botta.ch/it/SPAZI%20RICREATIVI?idx=4>

55 Informação consultada a 07 de junho de 2020 em: <https://www.archilovers.com/stories/1803/mario-botta-s-mineral-garden-for-rigi-kaltbad.html>



101. Vista exterior do Vidago Palace Hotel, antes da reabilitação de Siza Vieira.



102. Alçado principal do Vidago Palace Hotel. Projeto do arquiteto António Rodrigues Silva Júnior.

103. e 104. Pavilhão da fonte termal de Vidago I, durante a euforia termal do século XX e no século XXI.



105. e 106. Pavilhão da fonte termal de Vidago II, durante a euforia termal do século XX e no século XXI.

placas horizontais com cerca de 8cm de espessura, ancorada a esta estrutura de brise-soleil⁵⁶.

2.3 O CASO DAS TERMAS DE VIGADO

Álvaro Siza Vieira, 2010

Localizadas no norte do rio douro, em Portugal, as termas de Vidago pertencem à freguesia de Vidago, perto da cidade de Chaves, a qual contempla uma grande relação histórica ligada ao termalismo.

As termas de Vidago acompanharam os altos e baixos da história termal portuguesa, sobrevivendo às mudanças que se observaram ao longo dos anos, até à sua grande reabilitação levada a cabo pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.

A ligação de Vidago ao termalismo é bastante antiga, tanto que há registos da existência de um balneário termal romano, nas imediações, no entanto, pensasse que este tenha sido destruído aquando as guerras Mundiais. Contudo, por volta do ano de 1863, redescobriram-se estas águas potencializadoras de bem-estar, físico e mental, que tinham caído no esquecimento. À semelhança de toda a história termal, que se apresentava em Portugal foram construídos balneários termais com a finalidade da população usufruir das propriedades das suas águas e realizarem tratamentos. Estes balneários a certa altura foram equiparados às melhores termas da Europa, como as de Vichy, em França.

Por esta altura não existiam unidades de alojamento, esta

56 Informação consultada a 07 de junho de 2020 em: <http://www.botta.ch/it/SPAZI%20RICREATIVI?id=4>

função era desempenhada pelos locais, que alugavam alguns quartos das suas próprias casas. Desta forma, em 1874, foi construído o primeiro hotel de Vidago, com o intuito de servir os aquistas que se deslocavam até às termas. Este hotel, com capacidade para 100 hóspedes, foi construído com 54 quartos, entre outros espaços nobres que serviam os utentes, destinados à 1ª e 2ª classes sociais. Nesta altura e com estas características o hotel já era considerado um ex-líbris local.

Entre 1909 e 1916, durante uma época em que o termalismo atingira o seu auge, pela afluência de indivíduos que pretendiam frequentar este prestigiado balneário em busca da cura, este hotel deixou de ter capacidade para responder à procura, provocando desta forma o alargadas as instalações. Foi então, desenvolvido um projeto complexo para toda a zona envolvente, incluindo os edifícios já existentes.

O projeto em questão foi desenvolvido pelo arquiteto António Rodrigues da Silva Júnior, este contemplava vários edifícios de apoio à estância termal, nomeadamente a projeção de dois balneários destinados aos banhos. No entanto devido à instabilidade política que se vivia na altura, em Portugal, apenas foi construído um desses balneários inaugurado no ano de 1916.

O balneário construído foi desenhado com dois corpos laterais simétricos, unidos num outro corpo central. Este continha uma torre e era composto por um grande átrio com quatro colunas. As alas laterais eram divididas por sexos, do lado esquerdo os homens e do lado direito as mulheres. O balneário era ainda composto por salas de repouso, de duche e gabinetes de massagens, todos estes compartimentos eram dotados dos equipamentos mais modernos que existiam na altura.

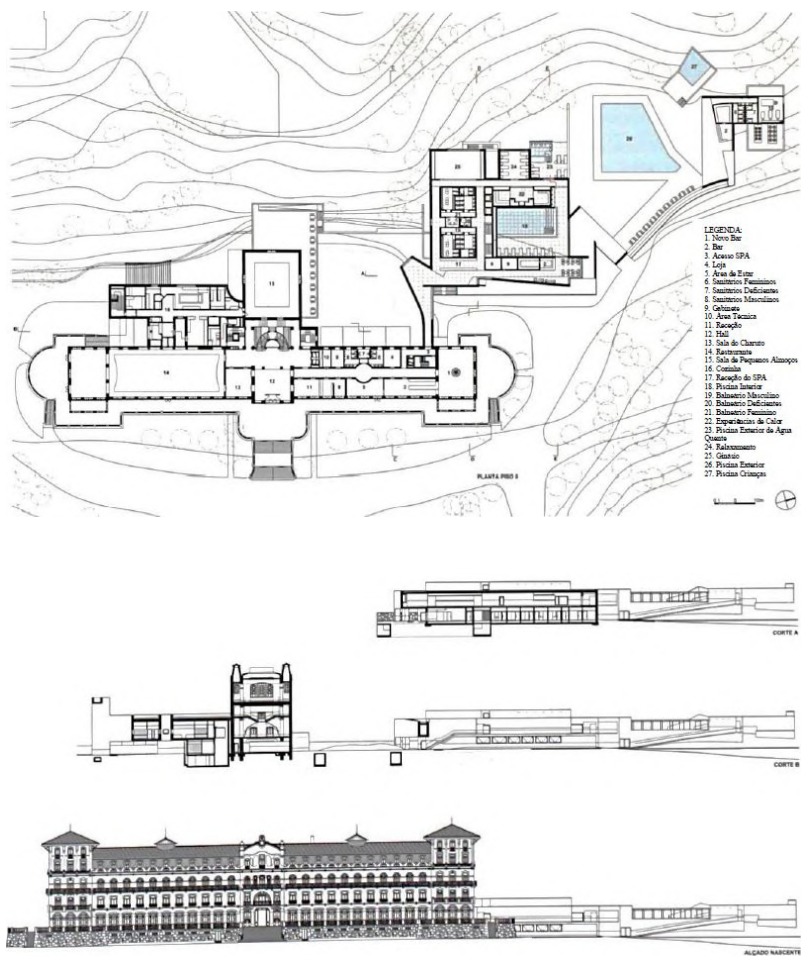
No mesmo projeto de António Rodrigues da Silva Júnior, existiam dois pavilhões de fontes termais, o pavilhão da fonte de Vidago 1, com maiores dimensões, e o pavilhão da fonte de Vidago 2, com dimensões mais modestas.

Relativamente ao projeto do hotel, o arquiteto quis que fosse de grandes dimensões e com alguma demonstração de requinte. O estilo imponente, contemporâneo e equilibrado, valeu-lhe a consideração como um hotel grandioso à época. No entanto, se por volta de 1980, se vivia o auge do período termal, por volta do ano de 2000, vivia-se a instabilidade termal do país e uma intervenção mais recente transformou este extraordinário edifício termal num centro de congressos.

Devido à problemática de desatualização da oferta termal em relação ao novo tipo de procura, foi necessária a elaboração de uma reabilitação aos edifícios existentes. Por este motivo, os arquitetos Silva Dias, no ano de 1997, elaboraram um projeto que não chegou a ser concretizado. A intervenção de reabilitação e revitalização, à estância termal foi levada a cabo pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira.

Este novo projeto revitalizador, propõe a recuperação e ampliação do campo de golf e a modernização do Grande Hotel Palace. Neste complexo de edifícios, Siza Vieira foi responsável pelo restauro do Hotel, plena construção do novo estabelecimento termal e pela reabilitação do House Club do Golf. O grande objetivo era preservar o edifício existente, como exemplo de arquitetura termal portuguesa.

“A intervenção foi feita de maneira a manter a integridade do



107. Planta piso 0 do Hotel e do estabelecimento termal, Siza Vieira.

108. Cortes e alçado principal do Vidago Palace Hotel integrado com o estabelecimento termal, Siza Vieira.



109. Vista exterior da envolvente do Hotel e do edifício termal.

110. Vista frontal do Vidago Palace Hotel.



existente, a reconstituir a sua memória⁵⁷. Para isso, manteve-se a volumetria e a estrutura espacial original, no entanto foi necessário eliminar algumas construções que desqualificavam o estabelecimento termal.

O novo edifício termal, simboliza a memória, e procura assim criar uma harmonia entre o edifício existente e o edifício construído, em que o novo representa a intemporalidade e o velho representa a memória formal do passado.

O edifício existente é o Hotel, que mantém os 6 pisos, onde o piso da entrada alberga essencialmente os espaços comuns, como o restaurante, sala de pequeno-almoço, receção, bar, loja, instâncias sanitárias, entre outros espaços comuns. Os restantes pisos do hotel são compostos por quartos.

A ampliação refere-se ao edifício termal. Esta é composta por dois novos corpos, com dois pisos cada, um localizado a sul e outro a oeste, ambos no alçado tardoz. Os novos volumes foram desenhados tendo em conta a topografia local sob um desenho informal, comparado com o desenho rigoroso do hotel.

Em termos programáticos, Siza Vieira tentou igualar e adaptar o seu programa ao proposto por Silva Dias, simplificando-o.

Os novos corpos foram desenhados de forma mais orgânica, contornando as árvores envolventes ao hotel.

O novo corpo localizado mais a sul, toca no edifício existente pontualmente e contém, no piso térreo, alguns dos serviços comuns de acesso aos hóspedes, como a sala de pequeno-almoço,

57 Mariz, S, M, d R., (2015). *Estâncias Termas Contemporâneas: O caso de Vidago e Pedras Salgadas*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. p.144



111. Antigo balneário das termas de Vidago, atual centro de congressos.

112. Novo volume construído, que se interliga com o volume existente, relação com a topografia, Siza Vieira.



113. Volume construído das termas de Vidago, extensão do edifício para o espaço exterior através das rampas, Siza Vieira.



114 e 115. Relação entre o volume existente e o novo volume construído.



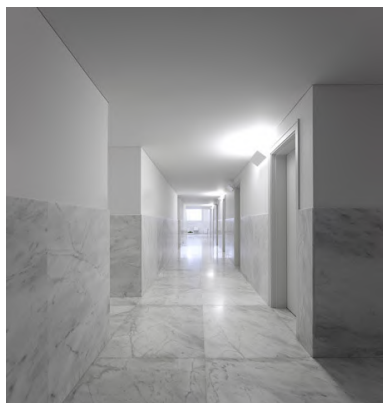
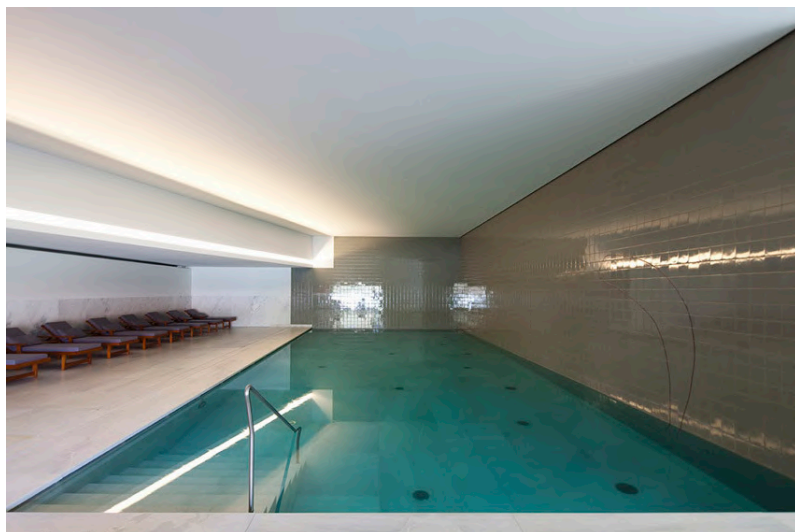
enquanto que no piso inferior é um piso mais técnico de entrada e saída dos funcionários, zona de preparação dos alimentos e apoio à cozinha.

O corpo localizado a oeste pertence inteiramente ao estabelecimento termal, este foi desenhado de forma autónoma, unido ao edifício do Hotel por uma ponte. Esta transmite a ideia de continuidade, “evitando a rutura” entre os dois edifícios.

O arquiteto propõe uma linguagem discreta, para não interferir com a imagem do edifício existente. São também visíveis aberturas pontuais que permitem a entrada de luz e são tratadas como se de quadros virados para a natureza, se tratassem. O acesso ao volume termal é feito a partir do interior do piso térreo do hotel, através de uma ponte suspensa. Já o acesso ao interior do Hotel é feito por uma escadaria exterior, que leva o utilizador até à receção do Grande Palace.

O volume construído para albergar o espaço termal funciona autonomamente ao edifício do hotel e está dividido em duas partes, a primeira dedicada ao espaço termal, propriamente dito, e a segunda parte inclui as instalações sanitárias de apoio às piscinas exteriores.

O edifício termal organiza-se em dois pisos, que encostam ao terreno inclinado, o piso da entrada contempla a receção, o bar, os balneários, a sauna, a piscina interior, dois gabinetes, um ginásio e uma sala de relaxamento. Já o piso inferior é o piso que se encontra em contacto com o solo e contém, duas salas de tratamento duplo e 10 salas de tratamento individual, tem ainda, 1 gabinete médico, uma sala de relaxamento, duas de espera, de beleza e de hidroterapia, uma fonte de água, salas de massagens, instalações sanitárias e zonas técnicas. Os acessos verticais entre os dois pisos



116. Vista interior do estabelecimento termal, zona da piscina. Articulação entre materiais.

117. Vista interior do corredor do estabelecimento termal.

118. Vista interior de uma das salas das termas, conjugação entre materiais.

119. Vista exterior da articulação entre volumes.



localizam-se na zona central do edifício.

A cobertura destes novos volumes é ajardinada conferindo-lhe uma linguagem moderna e perfeitamente enquadrada com a envolvente.

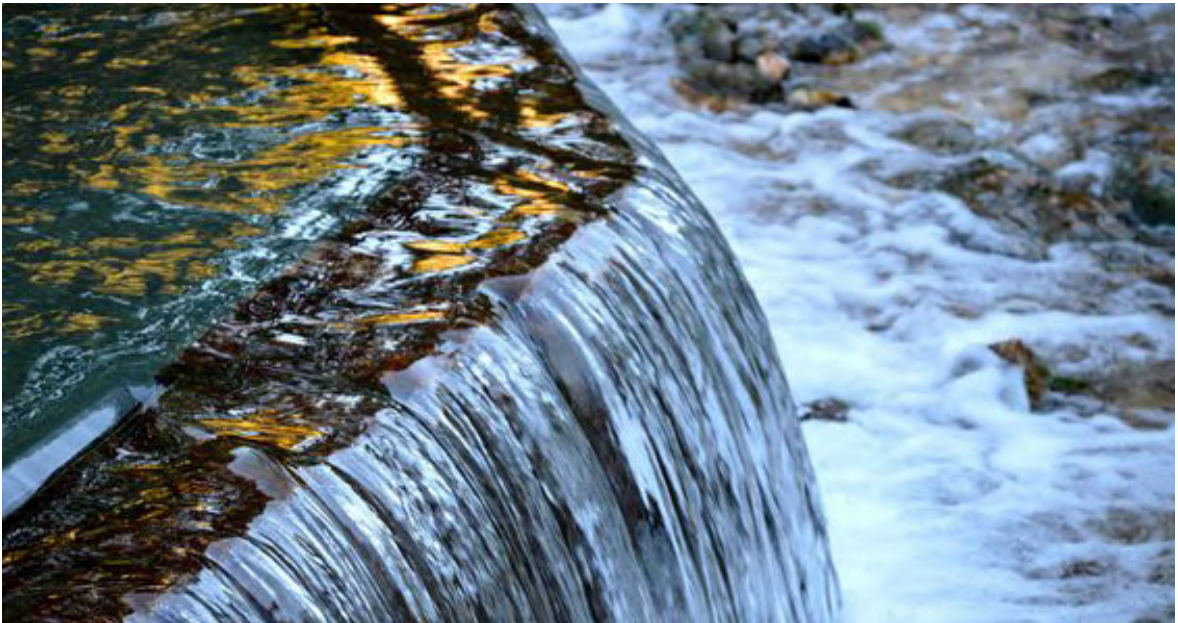
Para Siza Vieira a continuidade do percurso é um fator fundamental, desta forma, o espaço exterior não foi descurado, mas sim valorizado com a inclusão de elementos como rampas e escadas, que reforça o percurso como particularidade paisagística.

Relativamente aos materiais usados, estes remetem-nos para a memória do passado, reconstruindo-a. Os materiais escolhidos intencionam uma conjugação harmoniosa, entre corpo o novo e o existente. Para reforçar esta intenção, utilizou-se a mesma cor, salmão, em todo o volume edificado, esta solução intensifica a harmonia pretendida.

Os pavimentos e as zonas húmidas são revestidos com grandes placas de mármore, com o acabamento em branco. As paredes das zonas secas são em estuque, com os rodapés em mármore e os pavimentos em parquet⁵⁸.

58 Mariz, S, M, d R., (2015). *Estâncias Termas Contemporâneas: O caso de Vidago e Pedras Salgadas*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. p.162.

III. AGROAL



120. As águas da piscina do Agroal.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

3.1.1 Contexto Geográfico e Urbano

“A paisagem dá-nos a imagem do território, transmite-nos o genius loci, o espírito do lugar de cada região ou sítio.”⁵⁹

A famosa exurgência⁶⁰ do Agroal pertencente à união de freguesias de Freixianda, Ribeira do Fárrio e Formigais faz parte do concelho de Ourém e localiza-se no limite de dois municípios, Ourém e Tomar. Situada no interior do país, numa região de beleza natural única enquadrada sobre uma paisagem natural bastante

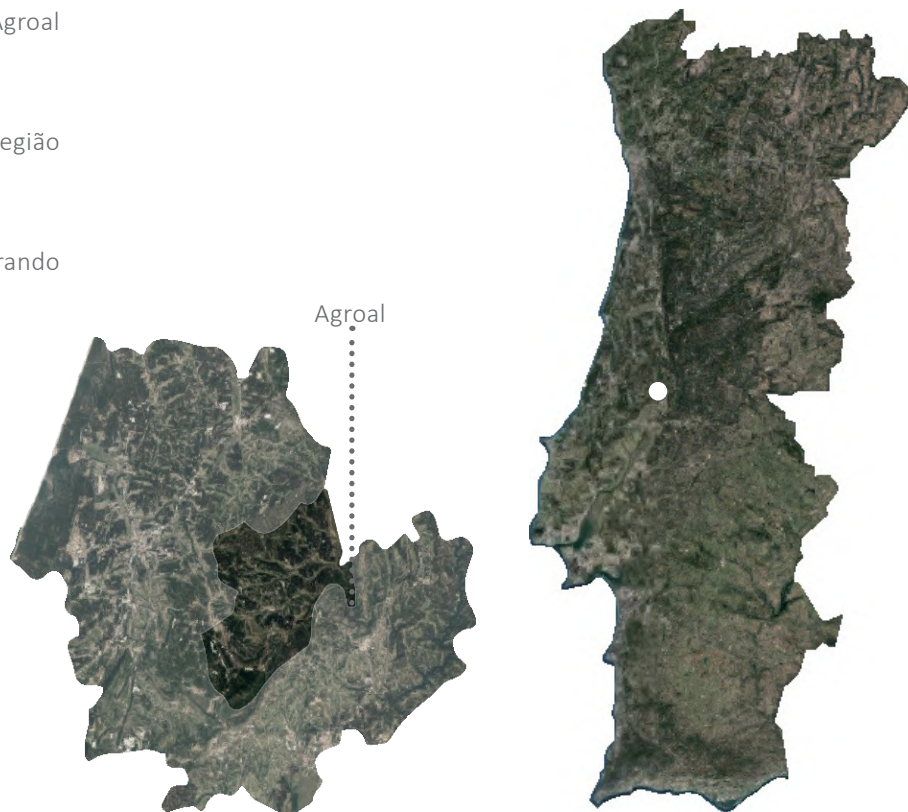
59 Pessoa, F. S., (2017). Intervir na Paisagem. Lisboa: Argumentum. p.64

60 "Nascente de um curso de água que corresponde ao aparecimento ao ar livre de águas subterrâneas". Informação consultada a 26 de julho de 2020 em: dicionário Priberam da Língua Portuguesa, no site: <https://dicionario.priberam.org/exsur%C3%Aancia>.

121. Localização do Agroal na região centro.

122. Localização da região de Ourém.

123. Crianças vislumbrando a paisagem do Agroal.



característica, devido à envolvência cársica, esta pode facilmente ser encontrada em qualquer roteiro de praias fluviais da região centro.

A fronteira intermunicipal é assumida pela passagem do rio Nabão da vertente ocidental para a oriental da linha das serras da Lousã, Sicó, Alvaiázere, Aire, Montejunto e Cintra.

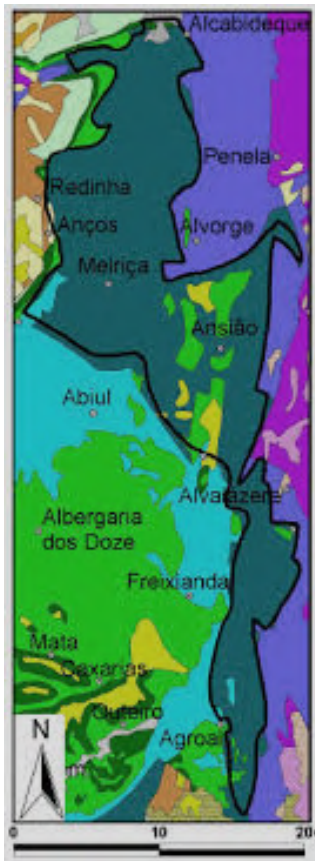
No sopé da pequena ravina onde se insere, há uma nascente de onde brota água em grande abundância e pressão, sendo esta considerada uma das principais nascentes do rio Nabão.

A nascente integra a bacia hidrográfica do rio Nabão, que nasce no concelho de Ansião e desagua no rio Zêzere, passando pelo centro da cidade de Tomar. Esta nascente é considerada a mais importante do rio Nabão, uma vez, que é a que apresenta mais caudal, incluindo nos meses mais secos de verão. Ao longo de todo o decurso do rio são nítidas as diversas atividades agrícolas, que dependem deste para subsistirem, uma vez que a existência de noras e represas comprovam isso mesmo.⁶¹

O lugar encontra-se a 10km de Tomar no percurso de ligação entre esta cidade e a Nazaré. O percurso era realizado habitualmente por vários indivíduos, que ao parar comprovavam os rumores que se falavam na altura. Com o passar do tempo o local tornou-se “famoso”, dentre a população de banhistas.

As zonas adjacentes ao lugar do Agroal nunca tiveram um desenvolvimento urbano significativo, existem apenas algumas casas, cujo objetivo da sua construção foi o apoio à população que se deslocava ao Agroal por largos períodos de tempo. Tal

61 Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - “Termalismo Popular”*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. p.5



124. Sistema Aquífero de Sico-Alvaiázere ao qual pertence a nascente do Agroal.

125. Canhão fluvio-cársico do Vale do Nabão.

126. Formação Cársica da Serra do Sico.



situação, confere ao espaço uma tranquilidade e sossego que lhe são característica, permitindo assim, o contacto e a contemplação da natureza de uma forma bastante tranquilizadora.

3.1.2 Geologia e Geomorfologia

O Agroal integra um território classificado, no âmbito da conservação da natureza europeia, a Rede Natural 2000, designado no sítio de Sicó-Alvaiázere.

A sua nascente, apesar de se situar no setor oriental no extremo sul do Aquífero⁶² Sicó-Alvaiázere, encontra-se na zona fronteiriça entre este aquífero e o aquífero de Ourém, estando esta água a receber influências destas duas reservas subterrâneas.

A Tectónica do maciço de Sicó-Alvaiázere é constituída por um conjunto de blocos que estão delimitados por falhas, que por vezes desenvolvem estruturas geológicas, que resultam de processos de deformação.⁶³

Esta zona caracteriza-se por ser bastante rochosa, as rochas sedimentares calcárias e porosas são permeáveis e através de alguns processos fazem a filtragem da água, permitindo mais tarde o seu consumo. É através deste processo de filtragem que nascem as águas nas exurgências e mais tarde integrarão os rios.

O local é também caracterizado pelo funcionamento cársico, com drenagem subterrânea, que dá origem a várias nascentes de

62 "Formação geológica capaz de armazenar água subterrânea. Podem ser considerados reservatórios de água, uma vez que a retém, acabando posteriormente, por devolver esta água aos rios e poços." Informação consultada a 08 de agosto de 2020 em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqu%C3%ADfero>

63 Vários, (2000). Sistemas Aquíferos de Portugal Continental, Lisboa: Centro de Geologia. p.268



127. Um dos primeiros registos fotográficos.

128. Práticas desportivas que se realizavam no Nabão, próximo do Agroal, anos 40.

129. Práticas desportivas que se realizavam no rio Nabão, entre a cidade de Tomar e o Agroal, anos 40.



caudal elevado, e outras de caudal mais moderado, de carácter permanente ou temporário. A paisagem da região caracteriza-se por ser bastante seca e montanhosa, sendo que a zona do rio apresenta maior humidade e um clima mais ameno.

As características do terreno rochoso e sedimentar, permitem a criação de grutas de armazenamento e circulação, desde há milhares de anos. Esta particularidade pode ser observada nos demais percursos de água, onde estão presentes buracos, algares e pequenas grutas. Esta característica é, aliás, um ponto atrativo a algumas práticas desportivas.

Esta nascente tem um caudal de 2 milhões de litros de água em 24 horas, fazendo dela a mais importante do rio Nabão. A dureza destas águas caracteriza-se pela sua composição, que tem entre 100 e 200 mg/l de Carbonato de Cálcio, o que a torna bastante dura. A nascente do Agroal é igualmente conhecida pelas suas águas frias, que rodam os 18º, também no período de verão.⁶⁴

3.1.3 Contexto e evolução histórica

Desde da Era do Paleolítico superior que existem vestígios de ocupação humana, como comprovam alguns instrumentos encontrados, relacionados com o aproveitamento hídrico, como é o caso das famosas rodas do Nabão.⁶⁵

Foi a geomorfologia cársica do local que permitiu a formação de grutas, que serviram para abrigar o Homem e os seus animais

64 Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - "Termalismo Popular"*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. p.6

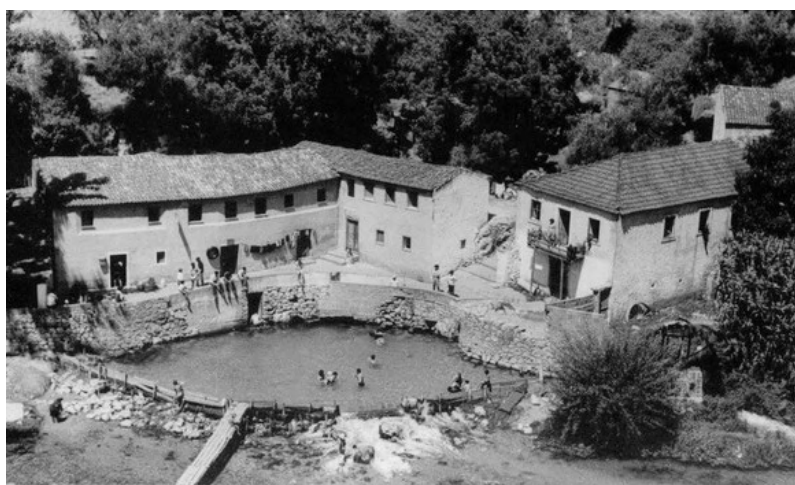
65 Artigo fornecido pelo arquivo Municipal de Ourém "Agroal: A esperança num desenvolvimento equilibrado. p.18"



130. Decurso do rio Nabão, separando os dois municípios, anos 40.

131. Vista aérea do Agroal, 1964.

132. Edifícios que rodeiam a piscina de águas terapêuticas.



naquela época.

Contudo, nos estudos realizados ao local não foram encontrados vestígios romanos na zona. Muito provavelmente, porque as águas emergentes da nascente, são demasiado frias e os romanos eram apreciadores de águas quentes. No entanto, estudos realizados confirmam a passagem de diferentes eras pelo local, como é o caso do Neolítico, da Idade do Bronze e do Ferro e ainda a Ordem dos Templários, na Idade Média.⁶⁶ Atualmente, o Agroal é um lugar pouco povoado, constituído sobretudo por zonas naturais, rurais e agrícolas.

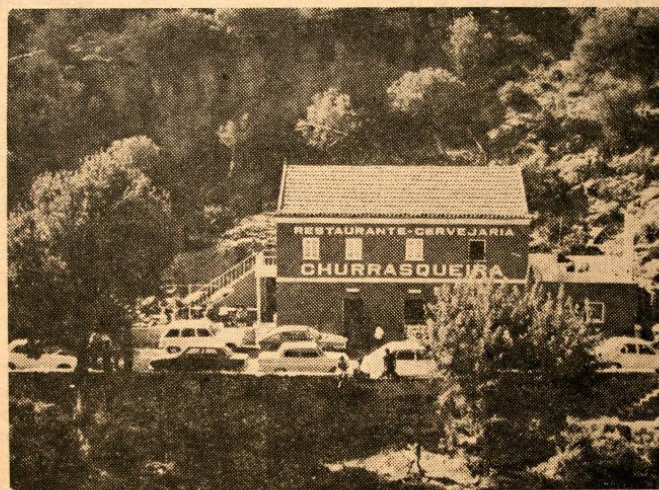
Desde que há registo de testemunhos populares e alguns artigos de jornais, a nascente do Agroal sempre foi procurada devido às propriedades terapêuticas conhecidas. No entanto, foi no séc. XX que a atividade termal esteve mais evidente no Agroal. Segundo alguns populares, frequentadores do local naquela altura, existiam edifícios, que serviam de balneários de banhos quentes, uma vez que as águas da nascente são extremamente frias. Os mesmos populares afirmam que por esta altura existiam espaços destinados ao alojamento, uma vez que os utentes destes balneários se deslocavam aos mesmos por um período entre duas semanas a um mês.

A palavra Agroal deriva de um radical e um sufixo que advém da palavra agrião, pois, outrora, do lado jusante do rio esta planta crescia desafogadamente graças à abundância de água que saía da nascente.

Rezam as lendas que os fantásticos poderes sobrenaturais das águas curaram o famoso rei Gargoris, rei de Tartessia, de

66 Estudo realizado para a requalificação do Agroal. p. 3

O AGROAL MODERNIZA-SE



Aspecto do novo restaurante que surgiu no Agroal, do lado de Vila Nova de Ourém, contrastando com a falta de higiene dos terrenos existentes no concelho de Tomar.

Já nos referimos, em reportagem anterior a esta iniciativa de valorização da zona e a vários pontos negativos, alguns da responsabilidade das autoridades tomarenses.

Daqui chamamos a atenção do Subdelegado de Saúde para os «improvisados» sanitários e lixeiras existentes.



E também aquelas ruas viam anualmente, pelo verão, a grande burricada do Alto da Piçarra. Era o passeio tradicional ao Agroal. Onde um grupo de tomarenses, operários e amigos, passava um domingo, comendo, bebendo, refrescando-se com banhocas nas águas frias da Nascente do Rio, com fama de milagrosas. Quando regressavam, perto da noitinha, era uma festa. Os músicos esperavam-nos na Várzea Pequena. E lá iam por essa cidade, ao som do fungágá, bandeira de 1915 ao alto. À frente da burricada — uma longa burricada — o Botica. Chapeu de ceifeira, às três pancadas, lenço vermelho campesino ao pescoço, garrafão vasio à ilharga do burro... Já com uns copitos, dava vivas a cada passo: *Vivó Grupo do Alto da Piçarra!* E logo um coro: «*Vivóóó!* Toda a cidade assistia àquela chegada afamada.

133. e 134. Notícias de jornal sobre alguns aspetos do Agroal.

uma maleita de pele, e ainda há relatos de aparições de Mouras encantadas e rugidos que se ouviam sobre as águas.⁶⁷

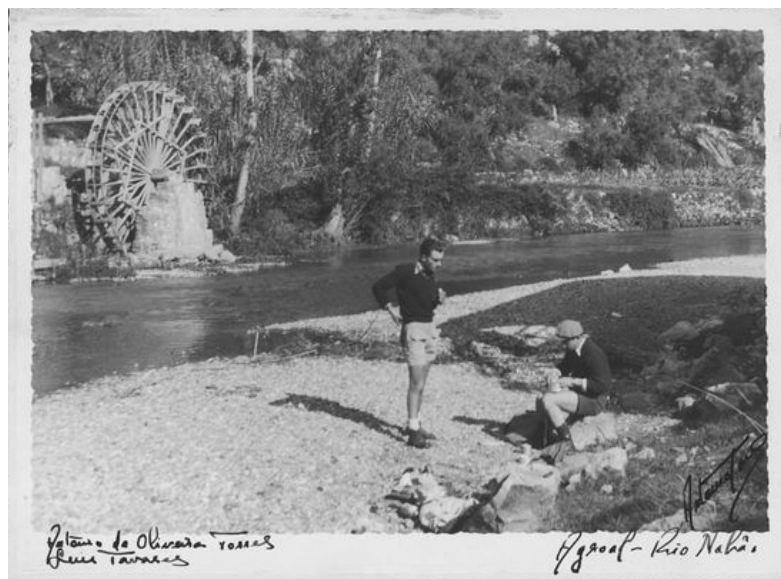
“... semelhantes ao de feras presas, apareceram ali morcegos de asas brancas, peixes ficavam sem olhos, por lhe rebentarem os glóbulos oculares ao contacto das águas”.⁶⁸



135. Fotografia do Agroal de 1964.

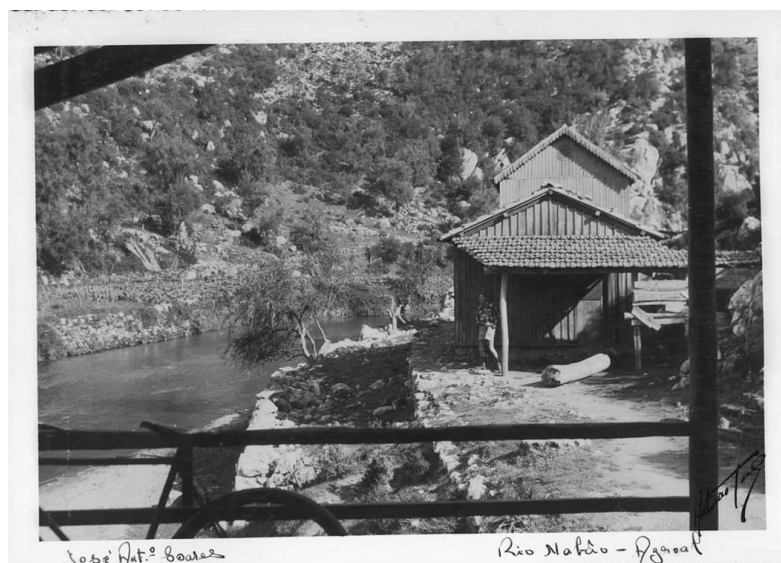
67 Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - "Termalismo Popular"*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. p.8

68 Guimarães, V., (1932). *As águas do Agroal - Comunicação feita a 26 de outubro de 1931, no Congresso de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médica*. Lisboa: Oficinas Fernandes.



136. e 137. Populares desfrutando da beira-rio, onde também é perceptível uma das noras característica da envolvente do rio Nabão.

138. Pequenas construções antigas, localizadas na margem do rio, pertencente ao município de Tomar.





139. Fotografia da piscina com uma ponte de madeira sobre o rio, 1975.

140. Paisagem natural do rio Nabão.



141. Local destinado aos banhos quentes.

142. Aquistas e banhistas à volta da piscina do Agroal.

143. Um típico dia de verão, na praia fluvial.

3.2 O AGROAL E O TERMALISMO

3.2.1 Início dos banhos no Agroal

Como referido anteriormente, no lugar do Agroal nunca se desenvolveu uma cultura termal, à semelhança do panorama nacional em meados dos anos 30. Esta situação deveu-se em parte à localização geográfica que impediu o desenvolvimento local neste sentido.

A história do início dos banhos no Agroal, assemelha-se à evolução histórica do termalismo que se estava a desenvolver em alguns locais do país. Desde a construção de edifícios para acolher os banhos termais até à construção de pequenos albergues, muito arcaicos, nas margens do rio. No entanto a história do Agroal, não teve continuidade, e estas famosas águas com propriedades terapêuticas não viram as suas características serem potencializadas, com a construção de um equipamento que lhes trouxe-se ainda mais fama.

Ao longo dos anos consegue-se perceber que o Agroal, apesar das condições particulares, não se desenvolveu no sentido de as aproveitar, mantendo sempre a mesma natureza, que se foi ou tem vindo a degradar longo dos tempos.

Foi construída e mantida durante várias dezenas de anos, uma espécie de represa em madeira e pedra de onde os banhistas podiam usufruir dos banhos gelados.

Como a exurgência era bastante afamada pelas gentes da altura, houve quem lamentasse a falta de uma estância com condições higiénicas e salubres mais dignas, para todos os utilizadores do local, uma vez que a sua inexistência poderia estar a afastar a população aquista. O médico Artur Braga, chegou mesmo



144. Vista da zona da nascente e dos edifícios envolventes, em meados do século XX.

145. Vista aérea da piscina e dos edifícios do Agroal, antes da grande reabilitação.

146. Vista aérea da piscina do Agroal, integrada com o rio Nabão, após a reabilitação.



a dizer numa carta direcionada a Vieira Guimarães, outro médico local, que “daria a saúde e a vida a muita gente e a fortuna a quem de alma e coração a elas se dedicasse”.

Na segunda metade do século XX, existiram algumas mudanças, nomeadamente com o aparecimento de uma zona balnear, próvida de banhos de águas quentes, sinalizados à entrada. Por esta altura era também já existente um café e uma pensão, que auxiliavam as pessoas frequentadoras do espaço.

O Agroal tem alvará de exploração desde muito cedo, mas foi em julho de 1918 que recebeu o alvará de concessão atribuído a um grupo de Tomar, grupo esse que não realizou nenhum tipo de intervenção no espaço.

No ano 1934, um despacho ministerial considerou a estância abandonada, porém, no dia 2 de outubro de 1950, a concessão do local foi atribuída à Sociedade Águas do Agroal, que é atualmente detentora do alvará de concessão, encontrando-se apenas dedicada à exploração dos balneários e hospedagem local.

3.2.2 Requalificações no Agroal

No final do século XX, todo o espaço se encontrava degradado. Os principais problemas cingiam-se à falta de ordenamento e parques de estacionamento, às escassas e deterioradas vias pedonais, à desqualificação das margens do rio, da praia fluvial e da piscina, e inexistência de balneários de apoio aos banhistas. O município de Ourém deu então início a uma grande requalificação do espaço, inserido no projeto Rede Natura 2000, com o aumento e melhoramento da piscina bem como os acessos a esta. Também as áreas em torno do rio sofreram uma requalificação, com a



147. Vista da Rua das Termas, rua pedonal de acesso à piscina da nascente do Agroal.

148. Atual espaço urbano envolvente ao lugar.

149. Aquista em tratamento nas águas frias da nascente de propriedades terapêuticas.

implantação de espaços de lazer, uma cafetaria e um anfiteatro. Foi também criado um espaço de estacionamento no lado da margem que pertence à localidade de Tomar.

As condições do Agroal melhoraram verdadeiramente, permitindo um usufruto com maior qualidade e mais facilidade, por parte dos utilizadores. No entanto nenhuma das intervenções contempla a vertente do termalismo.

As obras sujeitas a maiores requalificações aconteceram na margem direita do rio, margem correspondente ao município de Ourém, sendo que a outra margem, correspondente ao município de Tomar continua ao abandono. Só em 2014 é que, em conjunto, os dois municípios começaram a discutir um possível acordo no que toca à reestruturação do Agroal na integridade. Esta decisão, surgiu por consequência das múltiplas cheias durante o período do inverno e a descargas de poluentes para o rio, demonstrando que apesar dos trabalhos de melhoramento, ainda muito está por realizar neste local.

A paisagem do Agroal mantém praticamente a sua original essência, intocável, apesar de ter existido alguma intervenção humana, no sentido de qualificar o espaço em questão, de uma maneira bastante subtil.

3.2.3. Do Termalismo aos novos usos da água do Agroal

Apesar da rua de acesso à nascente do Agroal ser denominada por “Rua das Termas”, na realidade nunca existiu um lugar termal no local, ainda que tivessem existido diversas tentativas para dotar mesmo com condições dignas ao desenvolvimento da prática termal, através de balneários de banhos quentes, que eram



150. Vista sobre as águas da piscina, com alguns veraneantes.



151. Atual uso da praia fluvial do Agroal.

utilizados de forma livre.

A requalificação levada a cabo pelo município de Ourém, colocou o Agroal na rede de praias fluviais do país, pelos seus espaços de lazer, deixando cair por terra a ideia do Agroal como espaço termal. A requalificação do espaço não foi vista com agrado por parte de alguns utilizadores aquistas, por considerarem que “o projeto não dignificava a essência” do local, uma vez que julgavam que o prestígio das características ímpares da nascente seriam perdidas, com a adaptação a praia fluvial, já que o projeto contempla apenas a parte lúdica, não destacando a essência destas águas.

Toda a propaganda inerente à praia fluvial do Agroal, é aclamada durante todo o ano, pela população que visita o local, não só pela veneração do mesmo, assim como pelas suas águas, e pelo desfrutar da praia fluvial num todo, coexistindo uma mistura de práticas por parte dos populares.

Anualmente, o Agroal recebe milhares de visitantes de carácter sazonal, uma vez que a atividade fluvial e de lazer é mais procurada durante a época balnear, no verão. Ainda que, existam várias pessoas que procuram este espaço durante todas as épocas do ano, num carácter mais termal e curativo. Assim sendo, o carácter termal tem vindo a perder-se gradualmente ao longo dos anos, ainda que os utilizadores destas águas curativas continuem a ouvir falar dos seus poderes terapêuticos. Esta perda dá lugar ao carácter lúdico que tem vindo a fazer crescer o local.

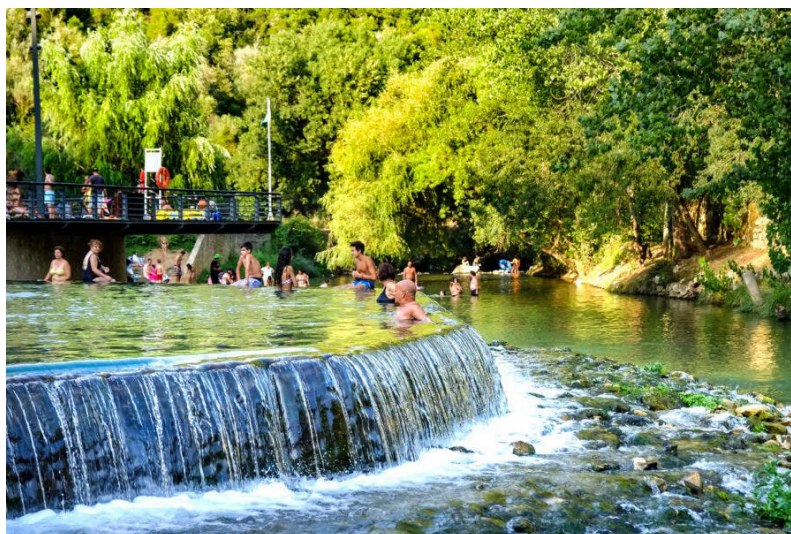
Desta forma, pode-se considerar que o termalismo do Agroal é um termalismo popular, (embora não seja uma atribuição oficial), constata-se que o uso destas águas é uma prática popular.



152. Vista bastante danificada de todas as construções do Agroal.

153. Antigo passadiço de madeira, construído para facilitar os mergulhos nestas águas, por parte da população.

154. Cascata de água, que liga com o rio Nabão, Julho de 2018.



3.3 AS ÁGUAS DO AGROAL

As primeiras análises datam dos anos 30, altura em que o termalismo em Portugal atingia o seu auge. É a partir deste momento que as famosas águas começam a ser noticiadas em alguns artigos de jornais. Num congresso realizado em 1931, sobre higrologia, climatologia e geologia Médica, o médico Vieira Guimarães, recorreu a testemunhos de médicos e pacientes, de vários locais diferentes, para apresentar a importância das propriedades terapêuticas da água daquela nascente e caracterizou a água como: “As águas do mais alto valor terapêutico”. Estes testemunhos, permitiram a exposição dos casos de sucesso após os banhos nas águas desta nascente, nomeadamente em doenças do foro dermatológico, gastrointestinal e oftalmológico.

Este médico, ao ouvir falar das lendas ligadas às propriedades medicinais da água, mudou-se para o Agroal e passou a receitar a água aos doentes dermatológicos, e mais tarde aos gastrointestinais, que obtiveram ótimos resultados. “... problemas digestivos, prisão de ventre etc. Ela serve para limpeza interior, bebam um copo de 25cl de manhã e outro à noite”.⁶⁹

Atualmente, a água encontra-se impossibilitada para consumo com base nas análises realizadas pelo município, anualmente. Só é permitida a utilização desta água, exclusivamente, para fins balneares.

69 Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - “Termalismo Popular”*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. p.10

3.3.1 Propriedades físicas

As primeiras análises registadas remontam ao ano de 1917, e foram feitas por Aquiles Machado em Lisboa.

Estas águas brotam de umas fragas de rochas duras de calcário, que tem como características o facto de serem límpidas, sem cheiro, agradáveis ao paladar e leves para o estômago e a sua temperatura normal ronda os 18º C. Análises feitas à água classificam-na seu pH de 7,22, sendo esta uma água predominantemente neutra.

3.3.2 Propriedades químicas

Tendo em conta os dizeres da população, há uma série de questões que se colocam, particularmente “A que gases, propriedades, iões, se pode atribuir os efeitos curativos?” “Terão estas águas, de qualidades desconhecidas, vida própria?”

O que é certo é que esta era atestada por médicos e clínicos que prescreviam aos seus doentes tratamentos nas águas do Agroal, e os resultados satisfatórios eram mais que comprovados pelos médicos e pacientes que continuavam a recorrer a estas águas como elemento curador.

Das várias análises feitas a este líquido, pode-se constatar que de 1986 para 2000, os valores da concentração de cloreto e nitrato diminuíram, e ainda que, as águas são ricas em cálcio, apresentando valores de 110 mg/l.

As constantes análises realizadas para perceber os poderes curativos desta fonte, dão conta que existe uma grande concentração de bicarbonatos e sulfatos, classificando-a como uma água bicarbonatada e sulfatada. Algumas das análises constataam a presença de sílica, o que poderá ser responsável pelas qualidades

cicatrizantes da água.⁷⁰

A figura 155, mostra os elementos metálicos que compõem a água do Agroal, no quadro é possível perceber que nas águas existe uma grande quantidade de urânio, comparativamente às outras nascentes do mesmo aquífero.

Parâmetro	Agroal	Ourão	Melriça	Lapa	Anços	Caseirinhos
Alumínio	18	32	28	167	19	106
Crómio	4,4	4,5	5,5	5,3	4,8	3,7
Manganês	8,3	2,4	3,9	25,1	2,4	6,9
Ferro	172	179	206	3200	276	330
Cobalto	0,130	0,110	0,152	0,687	0,168	0,238
Níquel	0,5	<0,3	1,4	4,0	0,4	0,3
Cobre	1,2	0,9	92,0	102	0,8	0,8
Zinco	1,6	6,4	11,8	9750	6,3	5,1
Arsénio	0,17	0,17	0,52	0,73	0,34	0,36
Brómio	59	58	53	136	62	68
Ítrio	0,160	0,133	0,166	0,770	0,301	0,509
Cádmio	<0,01	<0,01	<0,01	0,20	<0,01	0,02
Iodo	<1	<1	<1	46	46	39
Césio	0,078	0,028	0,025	0,207	0,021	0,062
Lantânio	0,156	0,233	0,197	0,751	0,145	0,512
Cério	0,190	0,062	0,266	1,39	0,110	0,591
Praseodímio	0,034	0,014	0,035	0,217	0,026	0,074
Neodímio	0,153	0,056	0,141	0,973	0,110	0,317
Samário	0,028	0,008	0,023	0,246	0,028	0,069
Gadolínio	0,034	0,014	0,027	0,211	0,027	0,069
Chumbo	0,5	0,2	1,9	119	0,4	0,4
Urânio	1,32	0,535	0,385	0,774	0,344	0,404

155. Valores dos metais encontrados em algumas nascentes do mesmo aquífero a que pertence a nascente do Agroal.

70 Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - "Termalismo Popular"*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. p.9

3.4 CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIAS LOCAIS

Os edifícios que constituem o Agroal, na primeira metade do século XX eram edifícios rústicos de dois pisos, cercados por noras e campos de agricultura de subsistência.

Devido à inexistência de informações, e uma vez que o Agroal se insere na serra do Sicó, é esta formação rochosa que carece de análise, pois grande parte das características desta serra, são as mesmas características do lugar onde assenta o Agroal.

Devido à inexistência da cultura arquitetónica no local em causa, é imperativo que se analise o território abrangente. Apesar do concelho de Ourém pertencer à província da Beira Litoral, as características territoriais assemelham-se mais à província da Estremadura e parcialmente do Ribatejo.

As zonas do país que pertencem a esta região em estudo, repartem o país em duas partes (norte e sul), localizando-se assim, na zona centro. Esta divisão entre o norte e o sul, reflete uma clara separação em alguns aspetos, nomeadamente a caracterização do clima, o tipo de vegetação, o número populacional, entre outros aspetos também pertinentes, sendo esta, uma zona de diluição entre esses dois polos de diferenças.

Esta zona (a zona centro mais litoral), recebe influências vindas dos dois lados, do lado Atlântico como regulador do clima e o Mediterrâneo traz o ar quente dos desertos.

A população destes locais vive muito centrada em si mesma, as habitações são construídas em aglomerados, conjuntos de casas e prolongamentos que se suavizam pelo campo em assentos isolados. As pessoas vivem os diversos espaços que constituem as suas aldeias e vilas, apropriam-se destes espaços dando-lhes vida e

refletindo a vivência dos seus habitantes.⁷¹

Numa zona não muito longe do Agroal, no grande centro urbano de Leiria, a população vive muito sobre si e em espaços fechados, toda a sua atividade se passa no interior destes espaços.

A zona correspondente à localização do Agroal é caracterizada por uma área de policultura de sequeiro e areais pouco cultivados. Numa escala onde se descreva a aridez dos terrenos, a Estremadura é classificada como zona intermédia e o Ribatejo como zona seca.

Em termos de construção esta é realizada, por norma, com materiais locais dados pela natureza. As zonas retratadas (Estremadura e Ribatejo) têm uma vasta gama de materiais, podendo ser todos eles empenhados na Arquitetura Regional. Os materiais naturais da região são a cal, a pedra, o adobe ou taipa, a madeira e o colme, sendo que a área do Agroal é rica em pedra, principalmente calcária.

Em algumas áreas regionais também era empregado o tijolo como método construtivo, sendo que na maioria dos casos, os blocos de tijolos eram produzidos com o barro da região. Este era um material bastante vantajoso à época, pela sua rapidez na conceção, pela eliminação da madeira nas paredes divisórias e ainda pela beleza do edifício.

A arquitetura regional de cada zona é definida pela caracterização dos materiais utilizados na sua conceção. Este tipo de arquitetura popular é marcado pelas posses económicas da população, e pelos recursos naturais que tem ao seu dispor.

71 Sindicato Nacional dos Arquitetos, (Outubro de 2004). *Arquitetura Popular em Portugal - Volume 2*. Lisboa: Ordem dos Arquitetos.



156. Aspeto do Agroal no século XX.

157. Aspeto do Agroal no século XXI.






A população faz o uso dos seus próprios recursos, saberes e materialidades para erguer as suas casas, no entanto existe uma facilidade na troca de influências e saberes, e desta forma, não é possível separar as diferentes tipologias arquitetónicas vernaculares.

A arquitetura dos edifícios contíguos à nascente do Agroal, caracteriza-se pelas formas quadrangulares e pelos telhados de duas águas. Caracteriza-se ainda, por ter dois pisos, de estrutura em pedra e caiados policromaticamente de amarelo e azul. Todos estes edifícios tem as caixilharias quadriculadas de madeira, o mesmo material das portas, mas nem todos têm empregadas cantarias de pedra, apenas o edifício que se situa do lado direito da piscina, o único que também tem uma varanda. De salientar que estes edifícios foram construídos para servir de albergue aos utilizadores das águas termais, e para aquecimento das mesmas águas.

IV. UMA PROPOSTA REVITALIZADORA DE UMA ESTÂNCIA TERMAL PARA O AGROAL, EM OURÉM



- [1] Rua das Termas - acesso pedonal à nascente do Agroal
- [2] Percurso de acesso ao rio pela margem no concelho de Tomar
- [3] Percurso viário de acesso ao projeto da estância termal
- [4] Zona de estacionamento de acesso às rampas do projeto

-  Localização da nascente do Agroal
-  Zonas balneares junto ao rio
-  Miradouro existente

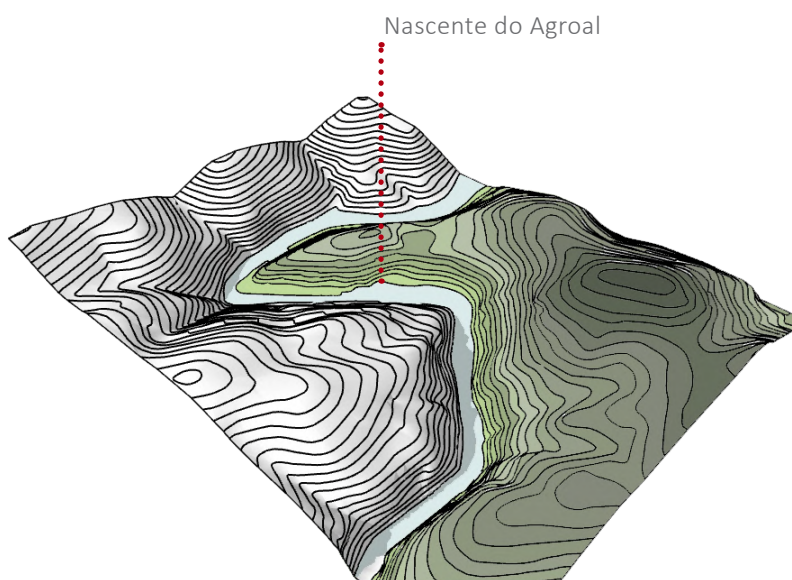
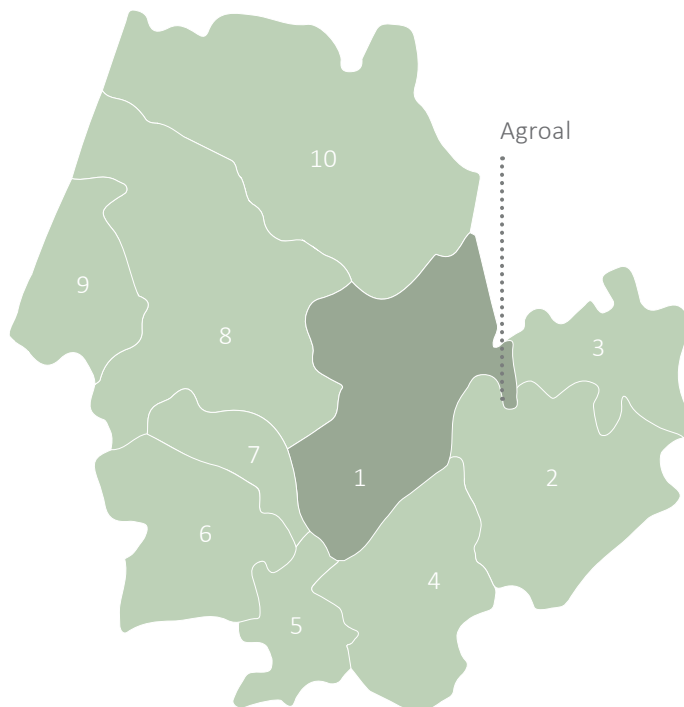
4.1 O RENASCER DO AGROAL

“As águas risonhas, os riachos irônicos, as cascatas ruidosamente alegres encontram-se nas mais variadas paisagens literárias. Esses risos, esses chilreios são, ao que parece, a linguagem pueril da Natureza. No riacho quem fala é a Natureza criança.”⁷²

A nascente de água com propriedades terapêuticas é a principal responsável pelo desenvolvimento deste projeto, uma vez que é o motivo basilar da destacada notoriedade do local. Toda a essência do lugar é caracterizada pela envolvimento natural,

72 Bachelard, G., (1998). *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. p.35

- [1] Ourém
- [2] Tomar
- [3] Ferreira de Zêzere
- [4] Torres Novas
- [5] Alcanena
- [6] Porto de Mós
- [7] Batalha
- [8] Leiria
- [9] Marinha Grande
- [10] Pombal



158. Limites administrativos intermunicipais e localização do Agroal.

159. Topografia envolvente à área de implantação.

motivada pela localização favorável, perfeitamente integrada na paisagem e ainda, pela proximidade ao rio Nabão.

Ao refletir sobre o título deste projeto “O Renascer do Agroal”, pretende-se salientar as características históricas que envolvem as águas do Agroal, reafirmando todas as suas potencialidades e características, passando por uma reestruturação do traço urbano até à elaboração dos edifícios arquitetónicos, que correspondem a uma série de lacunas, que se foram sentido ao longo do desenvolvimento projetual.

A proposta apresentada é o reflexo de uma profunda investigação desenvolvida, tendo como base temas ligados aos banhos, à arquitetura termal clássica e contemporânea, e à integração de espaços termais na natureza envolvente, como é o caso de algumas estâncias termais.

Genericamente, a principal motivação para o desenvolvimento deste projeto, prende-se com o facto do tema e local escolhidos ecoarem nas memórias da autora, que remontam aos seus tempos de menina, em que as águas frias do Agroal eram procuradas como cura de alergias, manchas, entre outras doenças do foro dermatológico. Desde sempre, se sentiu a falta de um equipamento que fizesse jus a esta tão aclamada fama e que impulsionasse o desenvolvimento turístico e económico desta zona.

Desta forma, propõem-se a requalificação de toda a zona envolvente, incluindo as duas margens do rio. Apresenta-se ainda, uma área destinada ao estacionamento público, bem como também se apresenta um conjunto de volumes edificáveis, cujos programas pretendem contribuir para o desenvolvimento turístico da região em estudo.



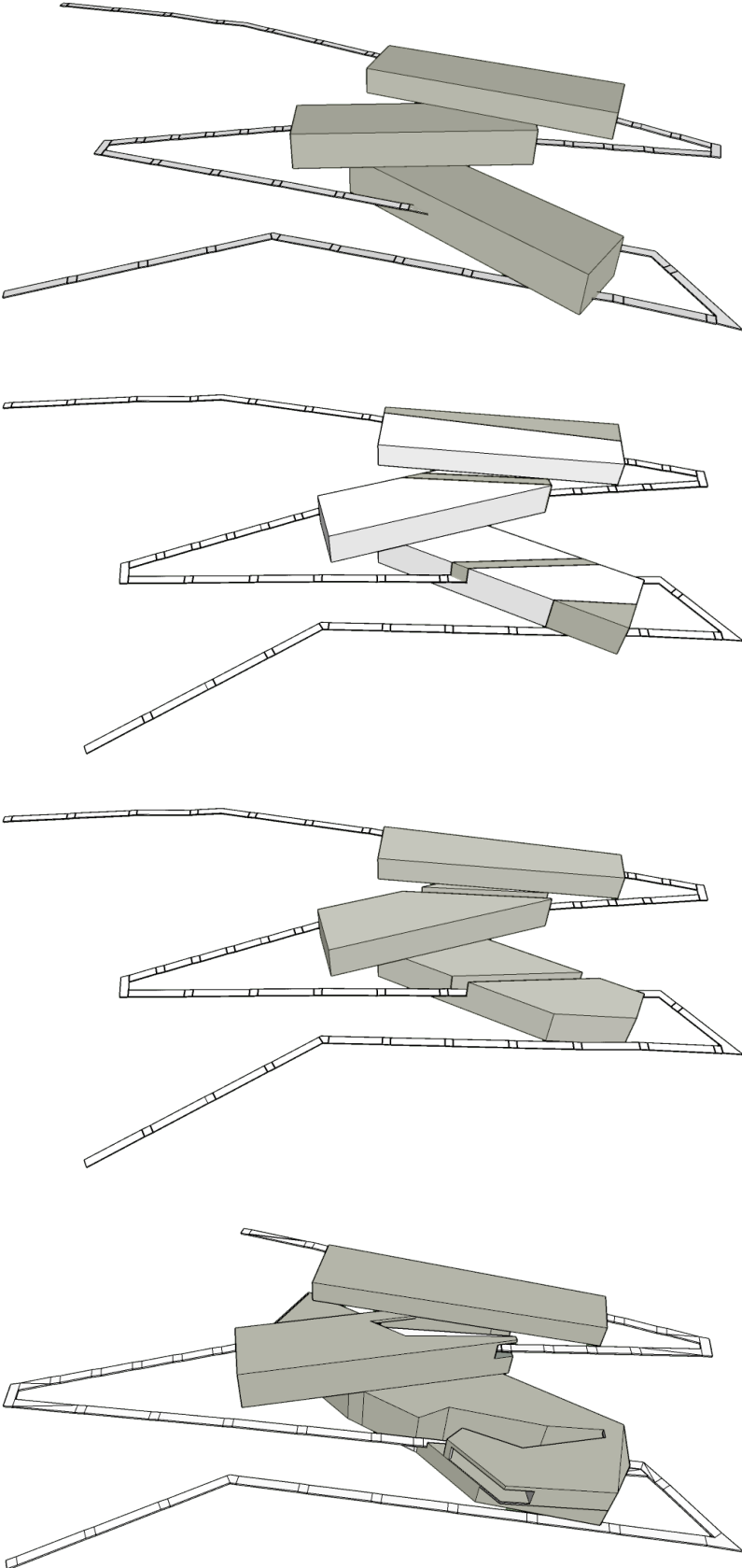
160., 161. e 162. Envolvente urbana do Agroal e do rio Nabão.

4.2 ESCALA URBANA

O Agroal, situado na margem esquerda a jusante do rio Nabão, serve de elo de ligação entre dois concelhos, Ourém e Tomar. Não existindo uma coerência entre os dois organismos de administração do território, este projeto visa criar uma simbiose entre as duas margens do rio, estando estas desanexadas uma da outra, originando assim, espaços de estar harmoniosamente agradáveis. Como tal, é proposta a expansão da praia fluvial, de modo a criar mais espaços destinado à prática balnear característica do verão, e, em contrapartida, o dimensionamento e morfologia destes novos espaços, de modo a que possam ser procurados durante toda a época do ano, como lugares de contemplação da natureza.

Um dos grandes problemas urbanos deste sítio, surge com a falta de estacionamentos de qualidade. Existe uma pequena bolsa de estacionamento na margem direita do rio, porém, em plena época balnear, esta revela-se insuficiente, e desta forma, o estacionamento é feito de modo atroz ao longo da única via de acesso. Assim sendo, sugere-se a criação de uma bolsa de estacionamento subterrânea, desobstruindo a via e limpando o campo visual, tornando este, um lugar mais apelativo. Prevê-se, que a entrada deste estacionamento proposto, se localize junto a um posto de turismo, criado com o objetivo de dinamizar toda a zona envolvente. Este pequeno posto de turismo, para além de poder ajudar a desenvolver o turismo da zona norte do concelho de Ourém, consiste também num ponto de entrada da Rua das Termas, rua pedonal que dá acesso à piscina e praia fluvial do Agroal.

De uma forma geral, uma vez identificados os principais problemas urbanos, parte-se então para a análise dos problemas



163. Esquema da evolução da interseção entre os volumes e as rampas.

urbanos do caso de estudo em particular.

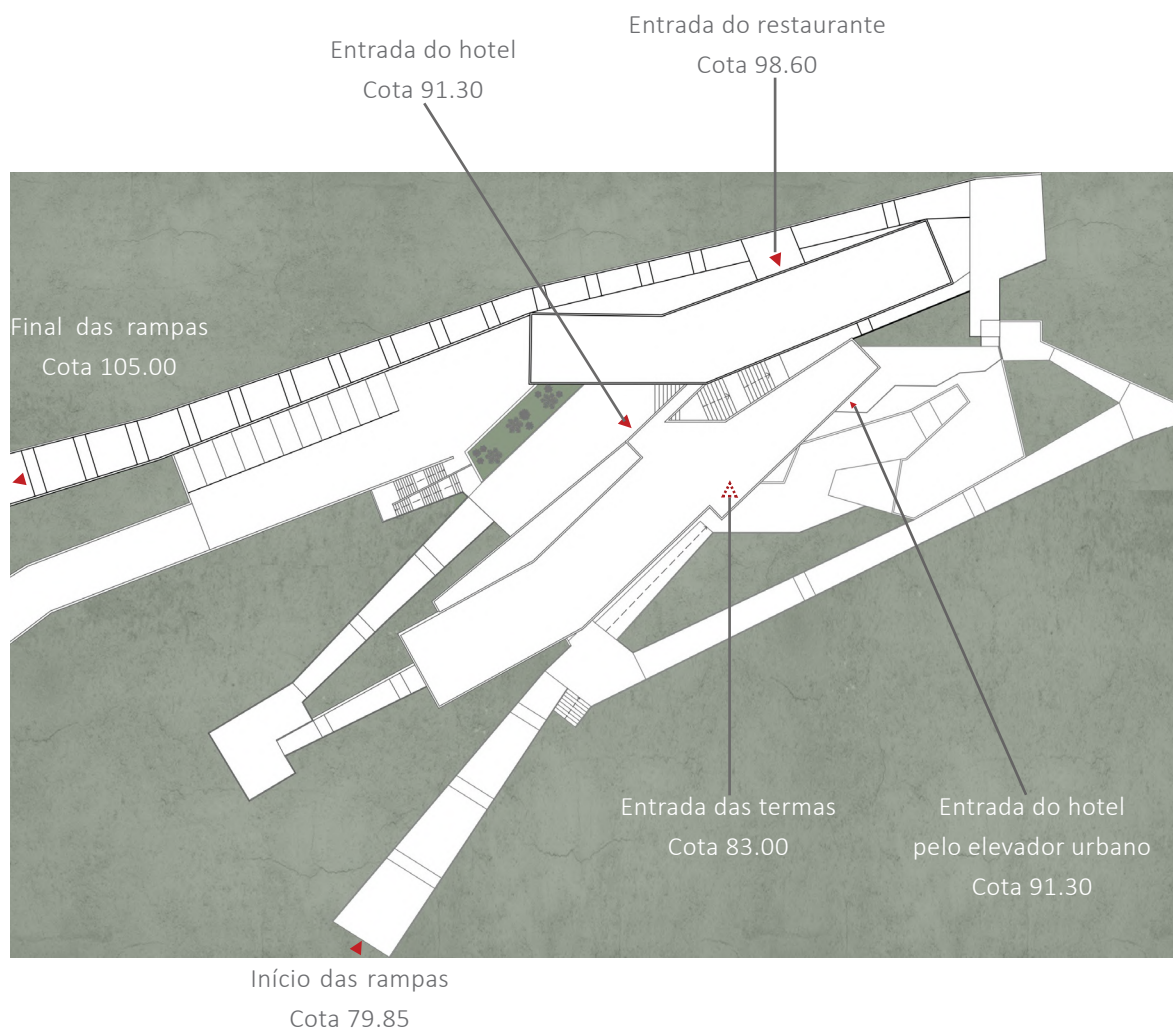
Uma das intenções de projeto foi a criação de percursos pela paisagem, de modo a que os utilizadores pudessem deambular por estes. No entanto, um dos principais problemas encontrados está relacionado com a elevada diferença de cotas, entre a zona ribeirinha e os vários patamares da encosta. A intenção dos percursos propostos permite contemplar a beleza natural de várias cotas diferentes, o desnível entre o patamar de início e o de chegada é de aproximadamente 30 metros, começando na cota mais baixa, junto ao rio, cerca dos 75 metros, e terminando, na cota mais alta do Agroal, aproximadamente 105 metros. É no cimo desta encosta, que se propõe um dos pontos de acesso à estância termal projetada, a partir do estacionamento já existente a esta cota.

A implantação arquitetónica e os percursos sugeridos, foram pensados de forma a estarem perfeitamente integrados na encosta, vencendo o desnível de cotas já referido. Desta forma, o processo projetual culmina na interseção entre os volumes arquitetónicos e os percursos de rampas pensados.

O projeto em causa resolve o seu conteúdo programático em três volumes, cujo desenho projetual deriva da interseção entre as rampas e os volumes edificados.

As rampas em questão, desenvolvem-se entre os demais patamares de acesso ao interior dos diferentes edifícios, que compõem a estância termal, existindo ainda assim, patamares intermédios de descanso e de estar, que funcionam como pequenos miradouros.

Desde sempre, houve uma grande preocupação com a acessibilidade do espaço por parte de pessoas de mobilidade reduzida. Assim sendo, por toda a sua dimensão, os troços das



Legenda:

▶ Sítio de entrada nos edifícios

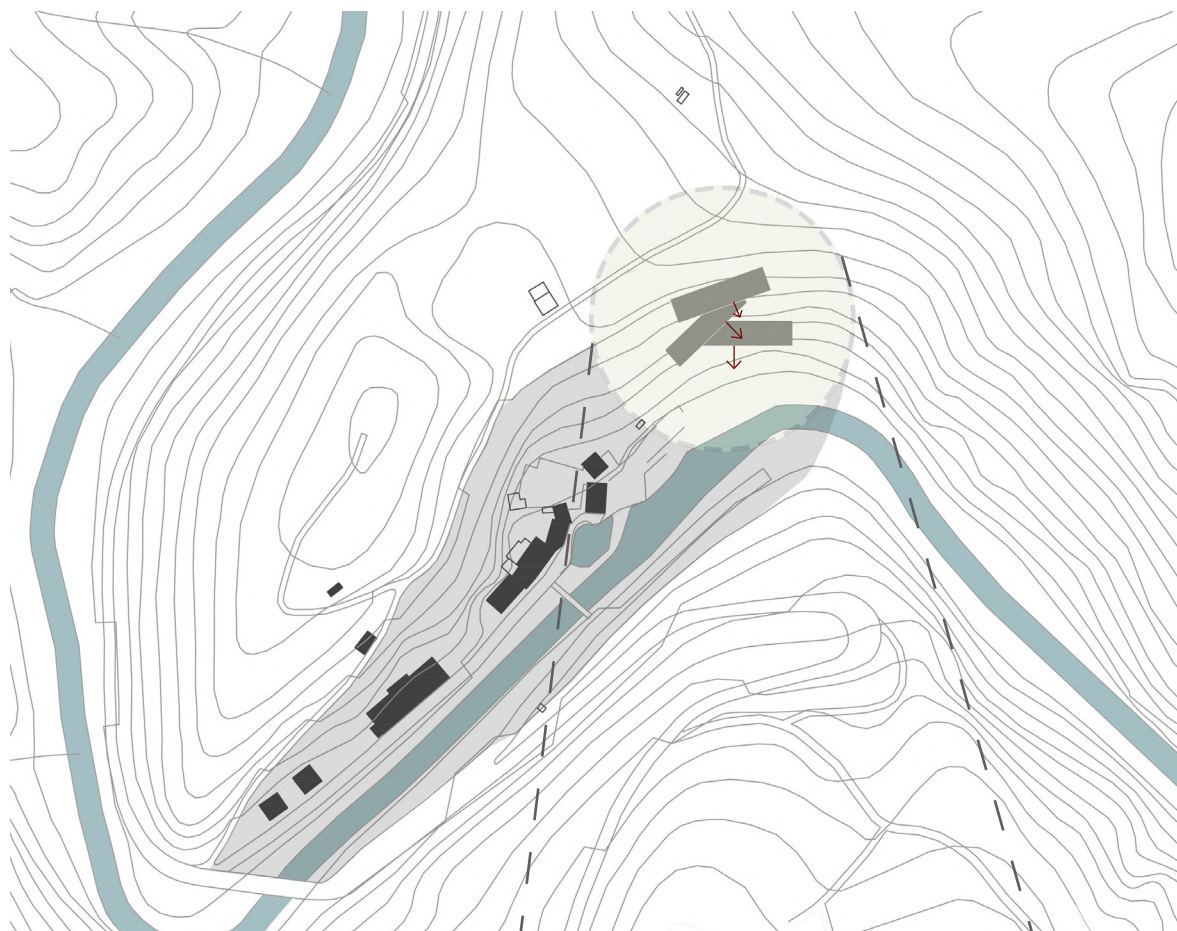
164. Zonas de entrada nos diferentes edifícios e respetivas cotas.

rampas destinados à passagem de pessoas com necessidades motoras, foram estudadas respeitando a inclinação máxima obrigatória, para este fim.




Está ainda proposto neste projeto, um elevador urbano, que auxilia o trajeto destas pessoas. O elevador faz a ligação entre a cota do piso 0 do edifício termal, à cota 83.00, até a uma cota aproximada à da entrada do edifício do restaurante, aproximadamente 97,20 metros de altitude, coexistindo com uma cota intermédia, que dá acesso à cobertura do volume termal a partir do elevador, 95,00 metros de altitude. Esta ligação intermédia facilita o acesso de pessoas de mobilidade reduzida, ao interior do edifício do hotel, uma vez que a entrada não pode ser realizada pela porta principal pois existem escadas urbanas, que vencem a diferença de cotas entre o patamar de entrada do piso 0 do hotel e a continuidade das rampas que acedem ao elevador urbano.

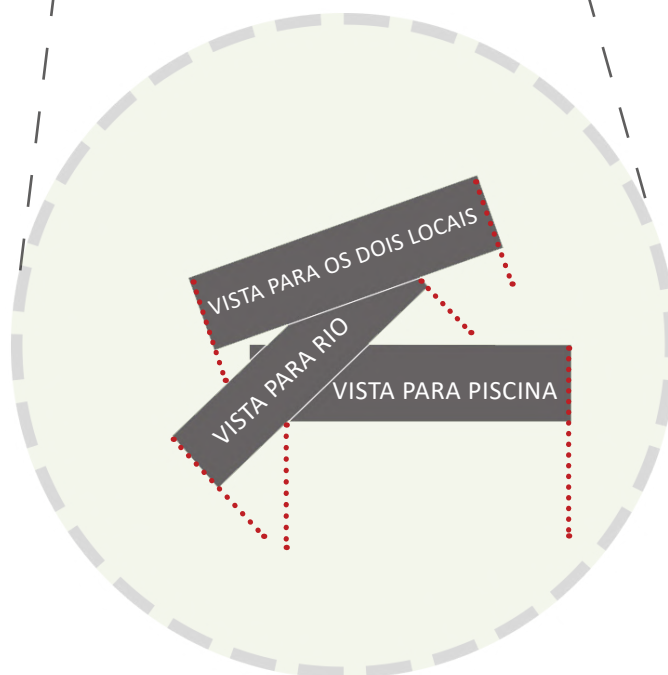
Em toda a extensão do elemento das rampas, existem pontualmente alguns degraus de escadas, cujo objetivo é reduzir as longas distâncias percorridas pelas mesmas. Por conseguinte, as escadas têm também a função de facilitar o acesso dos visitantes, aos percursos criados pela encosta, a partir dos vários pontos de localização urbana do espaço e não apenas a partir da zona da piscina do Agroal.

Posto isto, toda a estratégia urbana foi elaborada segundo a preocupação com a qualidade do espaço público, criando assim melhores espaços exteriores, que promovem o convívio e o contacto com a natureza. Da mesma forma, criou-se a possibilidade de contemplação da paisagem natural através dos percursos, que posteriormente, podem vir a desenvolver-se em percursos pedestres de descoberta das serras que circunscrevem o lugar.



Legenda:

-  Local da implantação do equipamento termal
-  Zona de requalificação urbana
-  Orientações das vistas



165. Esquemas explicativos da torção dos edifícios.

4.3 ESCALA ARQUITETÓNICA

4.3.1 Organização volumétrica da proposta e acessos

O progresso desta proposta deve-se em muito à investigação realizada, aos casos de estudo analisados e aos demais projetos de referência que foram essenciais para a compreensão e interpretação dos vários conceitos.

Desde cedo, a ideia principal foi a conceção de um edifício que se estendesse sobre a paisagem, mas que fosse parte integrante da rocha, onde se encosta. Inicialmente, pretendia-se que a entrada no edifício termal, se assemelha-se à entrada dentro de uma gruta, numa tentativa de recriar, o encontro profundo com as águas, na sua origem.

Os conteúdos programáticos dividem-se por três edifícios, interligados pontualmente no seu interior. Os programas foram pensados segundo a necessidade do lugar e segundo a análise histórica do termalismo português, percebendo quais as competências essenciais de apoio à função principal do termalismo. Desta forma, percebeu-se que as valências necessárias na composição desta estância termal são a valência termal, hoteleira e restauração.

A distribuição dos programas obedece à seguinte organização: o edifício termal é o volume que contacta diretamente com a terra, a unidade hoteleira corresponde ao edifício que se encontra a meio e por fim, o restaurante coroa este conjunto edificado.

A composição da organização dos três volumes contém algumas torções, estruturando-se segundo as diretrizes da envolvente local, que podem ser contempladas a partir da implantação escolhida. Isto é, cada volume programático tem a sua fachada principal direcionada para a tipologia envolvente mais

favorável aos edifícios. O edifício dos banhos encontra-se alinhado com a piscina, onde está a nascente termal, uma vez ser esta o principal motivo pela elaboração deste projeto, enquanto que, o edifício do hotel se estende sobre o decurso do rio a jusante, que é naturalmente mais calmo e menos movimentado, transmitindo assim, a tranquilidade, serenidade e privacidade aos diferentes espaços do hotel, nomeadamente aos quartos. Finalizando este conjunto de volumes, o restaurante procura complementar o conjunto edificado, buscando as várias vistas que caracterizam o lugar.

O volume termal encontra-se diretamente em contacto com a terra e tem parte do edificado subterrâneo. Esta intenção, aliada à estratégia de manter o edifício termal o mais próximo da cota do rio, tem como propósito implantar o edifício das águas, junto da cota da nascente das mesmas águas, que são a razão da existência de todo o projeto. O edifício comunica verticalmente com o edifício hoteleiro.

O edifício destinado ao alojamento hoteleiro é o volume construído, que se encontra no meio desta composição arquitetónica. Este objetivo resulta da necessidade deste volume seja a ponte vertical entre os demais edifícios projetados. Uma vez, que as suas comunicações operam em sistemas separados.

O restaurante, como último edifício, respeita a premissa de que este volume deveria ser acedido facilmente por outro tipo de utilizadores, não apenas os frequentadores do edifício dos banhos. A sua localização, próxima do parque de estacionamento, pretende facilitar os acessos a partir deste ponto, até à entrada do restaurante, não sendo por isso, necessário atravessar uma grande distância de rampas, para aceder ao restaurante.

A elevada diferença de cotas, como já referido, foi um dos obstáculos sentidos na evolução do projeto. Simultaneamente, este foi também o principal responsável, pelo desenvolvimento do conceito urbano e arquitetónico, desta estância termal. Este aspeto obrigou a uma constante calibragem entre as rampas que intersejam os edifícios e as cotas das plataformas de entrada nas respetivas edificações. Devido à projeção destas rampas, tanto o edifício dos banhos como o edifício dedicado ao hotel, sofreram recortes assimétricos nas zonas de interseção. Estas aberturas assimétricas tornam as zonas de passagem, mais amplas e agradáveis.

O elemento das rampas foi de facto o que impulsionou o desenvolvimento do restante projeto. Desde sempre houve uma tentativa de integrar os elementos em causa, à arquitetura do espaço, de modo a que não fossem dois membros independentes. Desde logo, na definição das cotas de entrada nos edifícios, para que os patamares de entrada estivessem sempre inseridos nos percursos criados. Para a concretização desta ideia, foi necessária a atribuição de cotas a esses patamares, de acordo com o terreno natural e os pés-direitos interiores.

Há a salientar ainda, as larguras assimétricas e irregulares dos percursos de rampas referidos. A intenção desta assimetria deriva do momento em que as mesmas rasgam os edifícios de forma irregular, transportando assim, para as dimensões das rampas a mesma linguagem assimétrica.

4.3.2 Programa organizacional e espacialidade

Este projeto prima pela conjugação de volumes e, conseqüentemente, pela articulação dos diversos programas. A organização dos vários edifícios foi elaborada segundo as

necessidades do local e tendo em conta os objetivos que foram propostos no início deste processo.

Este edifício tem a mais valia de estar orientado a sul, semelhantemente com a orientação do decurso do rio. Este aspeto permitiu desenhar o edifício tirando partido das vistas paisagísticas que o local nos proporciona, permitindo, ao longo de todo o conjunto volumétrico, desfrutar da paisagem onde se insere o rio. O lado norte dos edifícios encontram-se subterrados, à exceção do restaurante, cuja entrada é realizada pela fachada a norte. As restantes fachadas, tanto a nascente como poente, vão se entrelaçando com a topografia do terreno.

Os espaços que constituem os vários pisos dos diferentes volumes, são de dimensões controladas, devido a estes espaços serem destinados a um fluxo de pessoas controlado. Ou seja, este lugar procura oferecer aos seus utilizadores a serenidade e tranquilidade, que procuram, daí a necessidade de controlar os ambientes interiores tornando-os espaços qualitativos.

É por este motivo, que os programas se organizam da seguinte forma: o estabelecimento termal organiza-se em 2 pisos, tal como a unidade hoteleira, já o restaurante organiza-se num piso único.

ESTABELECIMENTO TERMAL

Sendo este o principal elemento que desencadeou todo o desenvolvimento projetual, foi intencional pensar neste volume de forma poética.

Como já referido, o volume termal organiza-se em dois pisos. O piso 0 é dedicado aos tratamentos termais, enquanto que o piso 1 é um piso centrado na tipologia de Spa. O piso 0 encontra-se à cota 83.00 e contempla todos os espaços que utilizam a água por

forma dos tratamentos aí realizados. Neste, localizam-se as piscinas e as salas de tratamento com recurso a água, com o intuito de concentrar toda a utilização das águas, o mais próximo possível da cota das águas da nascente do rio.

Como o esquema da figura 166, o piso 0 divide-se em banhos quentes, balneários, zona de tratamento e banhos frios. À medida que nos vamos afastando do interior da terra, o programa vai ficando mais descontraído, assim como a temperatura das águas se vai reduzindo.

No momento de chegada ao edifício dos banhos, deparamo-nos com a receção e somos imediatamente conduzidos até aos balneários, que se situam próximo desta zona. Nestes, somos filtrados, de maneira a criar uma separação entre os circuitos, de "pés limpos" e de "pés sujos".

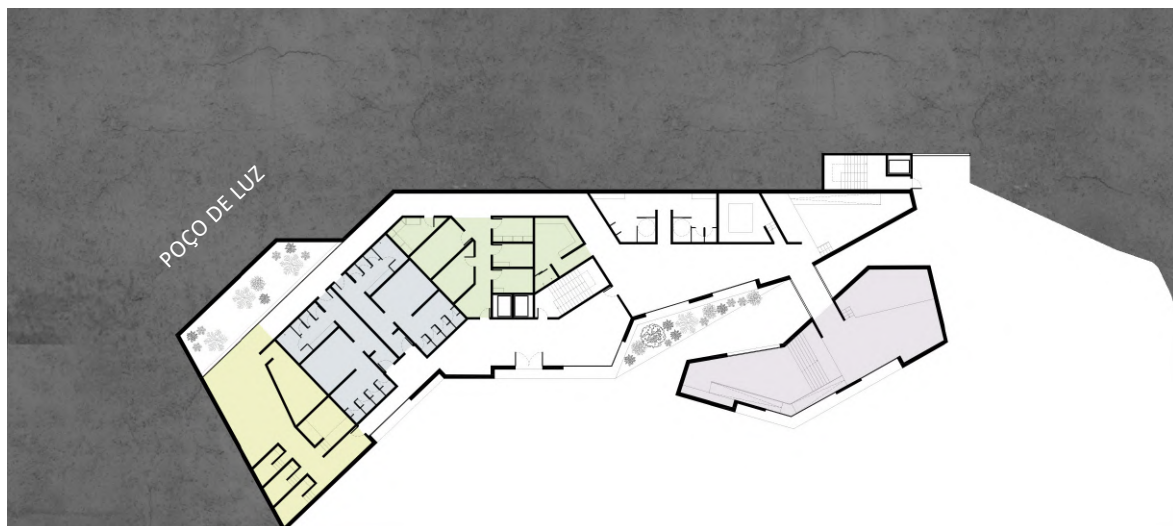
Após esta filtragem na zona dos balneários, iniciamos o percurso pelo espaço termal propriamente dito. Existe um primeiro corredor, que recebe luz natural através de um poço de luz criado com o intuito de iluminar esta zona do edifício, uma vez que se encontra no espaço mais interior. Esta luz não entra diretamente no edifício e é caracterizada por ser uma luz ténue, ajudando desta forma a preservar o ambiente de tranquilidade e relaxamento pretendido.

Posto isto, o utilizador encontra à sua direita o espaço destinado aos banhos de águas quentes. Este espaço localiza-se na área mais interior do edifício, uma vez que se pretende, que esta zona de banhos de água quente seja uma zona mais íntima e resguardada de todo o movimento que poderá vir a surgir na área mais social do edifício. Tal intenção, justifica as reduzidas dimensões desta zona, a fim de limitar o fluxo de pessoas que poderão estar

ESTABELECIMENTO TERMAL

Planta piso 0

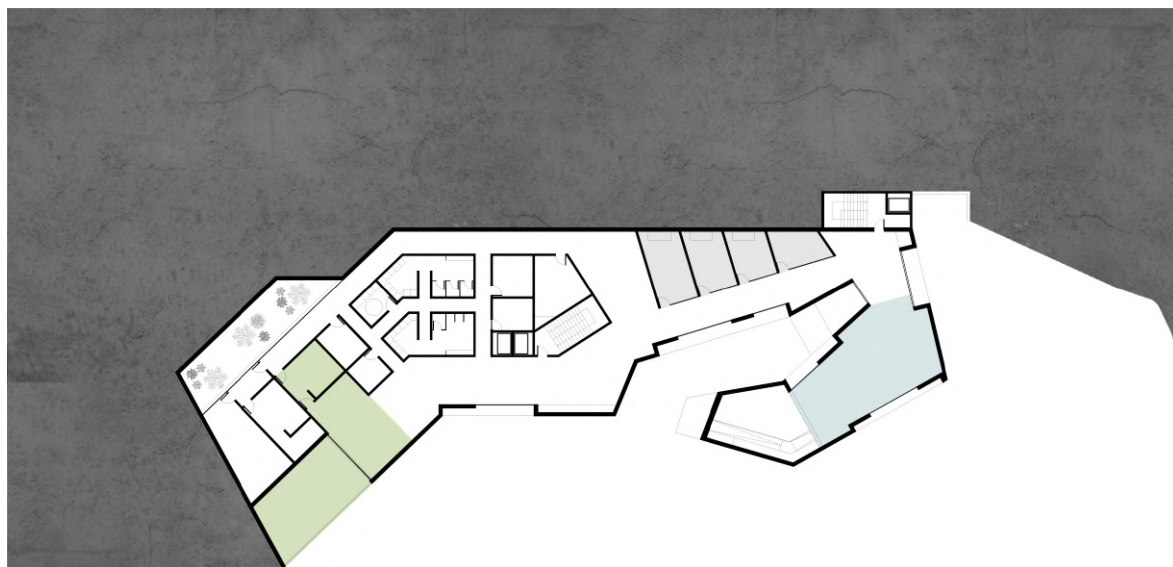
Cota 83.00



● Zona de banhos quentes ● Balneários ● Zona de tratamentos ● Zona de banhos frios

Planta piso 1

Cota 87.30



● Cafeteria e esplanada ● Gabinetes médicos ● Zona de ginástica e yoga

166. Esquemas de classificação das tipologias interiores do estabelecimento termal.

em simultâneo no espaço, este pensado com ideologias calmas e tranquilas. Esta ideia adjacente ao espaço de águas quentes é reforçada, pelo controlo na entrada de luz, que é feita através do poço de luz.

Existe também uma zona de tratamentos, localizada no centro da planta, onde são realizados tratamentos com o recurso à água termal, como é o caso, das massagens com água, dos duches circulares e das salas de inalação.

Há a salientar, ainda, a zona dos banhos frios onde se pretende a formulação de um espaço bastante mais amplo e descontraído, com grandes envidraçados que se abrem sobre a paisagem, permitindo a contemplação da natureza envolvente a partir do interior da piscina.

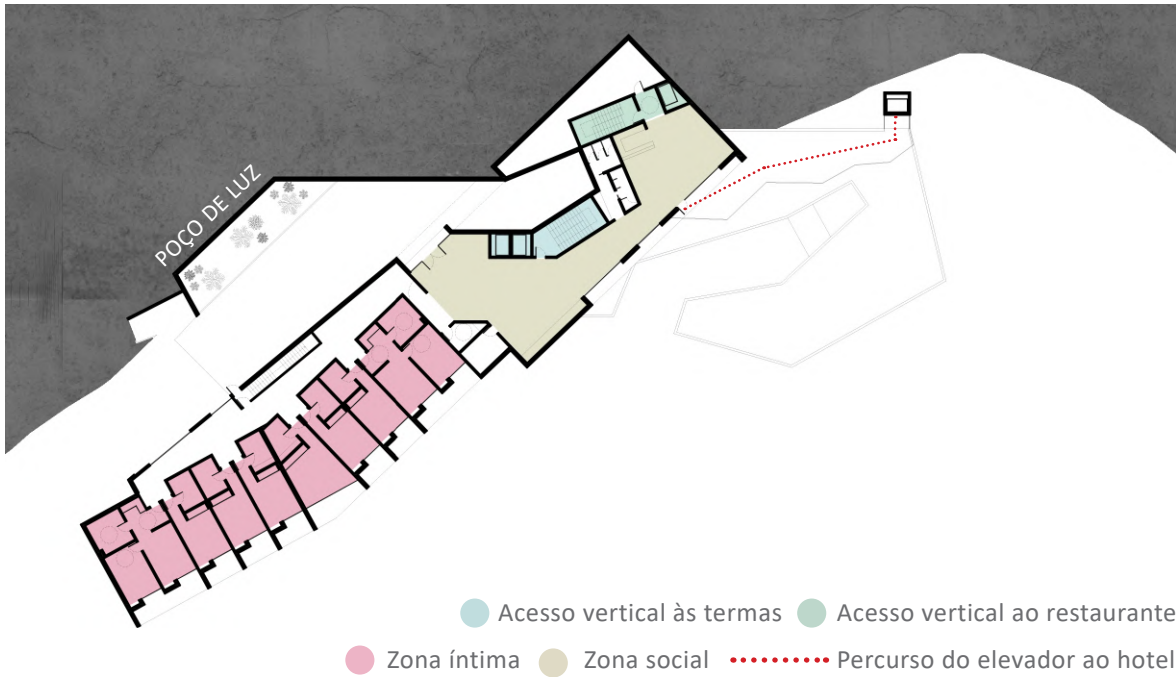
O acesso para a extensão da piscina é feito através de um túnel em vidro. Esta solução deriva da ideia dos volumes maciços serem comparados a grandes blocos de rocha montanhosa, que são atravessados por um elemento delicado e transmissor de alguma leveza, como é o caso do vidro.

No piso superior deste edifício encontram-se os espaços que não necessitam de água para o seu normal funcionamento, como é o caso de gabinetes médicos, da cafetaria e de uma sala da ginástica, que tem uma abertura sobre a zona da piscina de água fria, permitindo deste modo, a criação de uma zona de duplo pé direito, na extensão da piscina de maiores dimensões, bem como possibilita o contacto visual entre os dois espaços interiores, a piscina e a sala de ginástica. Neste piso encontra-se ainda, toda a zona técnica responsável pelo aquecimento das águas do edifício, e uma lavandaria de apoio a todos os edifícios.

UNIDADE HOTELEIRA

Planta piso 0

Cota 91.30



Planta piso 1

Cota 94.80



167. Esquemas de classificação das tipologias interiores da unidade hoteleira.

UNIDADE HOTELEIRA

A unidade hoteleira foi pensada segundo a necessidade do desenvolvimento turístico da região e de modo a apoiar o equipamento termal, permitindo que os aquistas permaneçam mais próximo dos seus tratamentos, de forma a torná-los mais eficazes.

Como já referido, desde o início do projeto, a intenção sempre foi promover o bem-estar e o relaxamento através dos espaços construídos. Por isso mesmo, a unidade hoteleira contempla cerca de 17 quartos, possibilitando assim, a premissa inicial do controlo do fluxo massivo, uma vez que se pretende que toda a estância termal esteja associada aos elementos qualitativos e não quantitativos.

O edifício do hotel organiza o seu espaço interior segundo dois momentos, a zona social e de encontro entre todos os hóspedes, e a zona privada, onde existe uma filtragem dos hóspedes que tem acesso a este espaço de ligação aos quartos. Os quartos fazem parte da esfera privada e classificam-se como zonas íntimas.

Como referido no ponto que aborda a escala urbana, o elevador urbano projetado, auxilia a entrada de pessoas de mobilidade reduzida no interior da zona social do piso 0 do hotel. Desta forma, a zona social do piso 0 é constituída, por uma zona de receção, que acolhe os hóspedes que chegam pela porta principal, ou os que possam chegar pelo elevador urbano, sendo ainda um ponto de encontro entre os hóspedes que chegam no elevador que liga o hotel às termas.

Existe ainda um pequeno espaço de estar, apoiado por um pequeno bar. Através deste lobby, é possível aceder às circulações verticais de acesso ao edifício do restaurante.

A zona privada integra a circulação de acesso aos quartos,

nomeadamente, oito suítes.

No piso superior deste volume intermédio, a matriz organizacional é semelhante, existe uma zona mais social, do lado mais à direita do piso, composto por pequenos espaços multimédia, leitura, e de estar, acessíveis por qualquer hóspede. Enquanto que o lado mais privado, que se situa mais à esquerda do piso, é composto por nove quartos, todos eles suítes. É de frisar que os envidraçados deste edifício se estendem sobre a zona mais calma desta paisagem.

Existem três tipologias de quartos, o quarto mais comum tem 25,80 metros quadrados e é composto pela zona da cama e pela instância sanitária. O quarto que se encontra na zona da quebra do volume, tem 32,30 metros quadrados, e culmina as duas orientações deste volume. Por fim, existem os quartos de maiores dimensões, com 52,50 metros, os únicos destinados às acessibilidades, existindo assim um total de quatro quartos, capazes de acolher pessoas de mobilidade reduzida. Este é composto pelo quarto, instância sanitária e sala de estar, todas as divisões respeitam as regras regulamentares destinadas às acessibilidades.

De salientar ainda, que todos os quartos têm uma varanda privada, onde os utilizadores podem contemplar os encantos da natureza.

RESTAURANTE

Este é um edifício regular pensado com o objetivo de servir todo o equipamento termal e hoteleiro e, simultaneamente servir de apoio à população frequentadora da praia fluvial, ajudando ao desenvolvimento do turismo regional.

O volume é composto por um único piso, cuja entrada

exterior é feita pela fachada norte do edifício. Assim que entramos no edifício existe um espaço de entrada que acolhe as pessoas que chegam pelo exterior e as que chegam a partir dos acessos verticais provenientes da unidade hoteleira. Do lado direito do piso foi projetada uma sala polivalente, com objetivo de poderem ser realizadas aí, algumas reuniões, congressos ou outras atividades do mesmo género. Do lado esquerdo deste volume encontra-se então, o espaço destinado ao restaurante, com uma capacidade de ocupação de 50 pessoas em simultâneo.

A cozinha do restaurante tem ligação ao exterior, por uma porta de serviço. Esta comunica com uma zona de estacionamento, projetada com o objetivo de facilitar as cargas e descargas do restaurante.

À semelhança dos outros edifícios, também este contempla grandes envidraçados que se estendem sobre a paisagem, permitindo que os clientes possam ser influenciados pelo equilíbrio e harmonia da envolvente natural.



168. Esquemas de classificação das tipologias interiores do restaurante.



169. Alçado lateral direito, onde é perceptível o acentuado declive do terreno.

170. Imagem tridimensional da proposta da estância termal e das rampas.



4.3.3 Materialidades e aspetos construtivos

O projeto materializa-se pelas suas fachadas que exibem a plasticidade do material escolhido, o betão. Apesar deste ser um material artificial, é caracterizado por transmitir a ideia de que a obra faz parte integrante da rocha da colina, onde está inserido.

O betão apresenta várias características que o distinguem, nomeadamente, a sua resistência e rudez, ao mesmo tempo que apresenta alguma sensibilidade.

A escolha por este material prende-se sobretudo na facilidade em desenhar as várias formas assimétricas que caracterizam o projeto apresentado. O betão escolhido denota uma pigmentação de cor terracota, que se enquadra perfeitamente com a cor natural da serra. O betão pigmentado tem como característica, o facto das suas cofragens serem feitas em tábuas de madeira de pinho, na maioria dos casos, estas tábuas são feitas especificamente para cada projeto.

O betão armado pigmentado é parte integrante do sistema construtivo utilizado, garantindo uma melhor estabilidade dos volumes. O sistema construtivo é composto pelo revestimento exterior, o betão hidrófugo, pelo isolamento térmico e caixa de ar, por um pano de tijolo térmico e por fim o revestimento interior.

Uma vez que as paredes dos edifícios, tanto exteriores como interiores, são irregulares, optou-se pela laje fungiforme, de modo a dar uma boa consistência à cobertura, tanto entre pisos, como na cobertura. O revestimento exterior da cobertura também é em lajetas de betão, na mesma tonalidade das fachadas, garantindo a uniformização de todo o conjunto de volumes.

Nas fachadas dos vários volumes destacam-se algumas saliências e reentrâncias. Estas conjugam planos opacos com plano

de alguma transparências. As transparências são assumidas pelos vãos em vidro, e os elementos opacos pela madeira de carvalho, exibindo os seus veios. A razão da utilização deste material nobre, deve-se ao facto deste ser um material quente que se contrapõem com o material rochoso e mais frio, como o betão. De salientar, que os dois materiais em conjugação com o vidro, criam uma composição de tonalidades bastante interessante.

Os materiais escolhidos para o interior das piscinas são materiais pétreos, nomeadamente o mármore travertino. A escolha deste recai sobre as características do próprio material, pois pretende-se que este assuma os seus veios e porosidade, ajudando à conceção dos ambientes interiores.

As tonalidades interiores vão ao encontro dos ambientes que se pretendem, relaxados, tranquilos e serenos.

Os percursos das rampas e respetivos muretes são em betão armado à cor natural, uma vez que em alguns casos, estes murete desempenham também a função de muros de suporte das terras, devido à elevada diferença de cotas entre alguns pontos.

4.3.4 O espaço exterior

A intenção projetual face ao espaço exterior envolvente definia, desde sempre, a conservação do espaço, ainda que, com a proposta deste projeto seja necessária a movimentação de terras, pretende-se, ainda assim, que o lugar mantenha a sua essência e o seu carácter de serra.

No entanto, e uma vez que o conjunto edificável prima pelas interações entre elementos, também os ambientes vegetativos têm um forte impacto nos espaços interiores. Referindo os jardins de carácter interior, pensados com o intuito de transportar para o

interior um pouco do espaço envolvente. Um destes situa-se no poço de luz que tem a peculiaridade de ser um jardim vertical, que acompanha toda a altura do muro de suporte.

O outro jardim de carácter interior situa-se na zona da ponte de vidro, do edifício termal. Desta forma, é possível vislumbrar estes elementos vegetativos, quando se atravessa a ponte, e quando estamos dentro da piscina. A partir do interior da piscina é possível admirar os encantos naturais da serra e do rio, e é igualmente possível olhar para o jardim referido.

Como já mencionado, o conjunto de todos os edifícios é caracterizado por grandes envidraçados abertos sobre a paisagem, que permitem que os encantos naturais do lugar, possam influenciar e ajudar nos tratamentos e na respetiva estadia.

ESTÂNCIA TERMAL

	nº	m ²
<u>Piso 1</u>		1010,00
Receção		76,76
Balneários		130,86
Zona de relaxamento (banhos quentes)		47,42
Piscina maios de banhos quentes		18,30
Piscina menor de banhos quentes		13,14
Banhos individuais		22,62
Inalação		
Sala de inalação		13,61
Sala de inalação		7,60
Massagens		
Sala de massagem		10,53
Sala de massagem		13,46
Duche circular		
Sala de duche circular		7,33
Sala de duche circular		7,59
Sauna		16,72
Instância Sanitária		38,51
Pedilúvio		19,04
Piscina de reabilitação		48,00
Piscina infantil		26,13
Piscina de águas frias		65,77
Circulação vertical		25,50
Circulação interior		232,47
<u>Piso 2</u>		959,00
Área técnica		41,91
Lavandaria		24,56
Cafetaria		59,73
Cozinha de apoio		18,29
Esplanada		54,85
Arrunos		18,20

171. Tabela de áreas de todos os espaços, dos vários volumes da proposta.

Instâncias sanitárias com cacifos	
Feminino	27,73
Masculino	27,71
Acessibilidades	7,82
Salas de massagens	
Indívidual	12,95
Indívidual	10,10
Dupla	21,45
Espaço de estar	43,45
Zona de receção	89,41
Gabinetes médicos	
Gabinete 1	22,81
Gabinete 2	19,05
Gabinete 3	15,22
Gabinete 4	14,36
Sala de ginástica	89,96
Circulação interna	190,03

UNIDADE HOTELEIRA

	nº	m ²
<u>Piso 1</u>		850,00
Receção		94,00
Arrumos de apoio à receção		9,20
Zona de estar		91,50
Instâncias sanitárias		19,60
Acessibilidades		5,60
Circulação vertical (termas)		25,50
Circulação vertical (restaurante)		23,50
Arrumos		46,90
Quartos		
Tipologia comum	5	25,80
Tipologia suite	2	52,50
Tipologia de exceção	1	32,30
Circulação interna		95,65

<u>Piso 2</u>			835,80
Hall de chegada			108,35
Sala de multimédia / leitura			62,10
Arrumos			54,90
Instância sanitária de serviço			23,47
Quartos			
Tipologia comum	6	25,80	154,80
Tipologia suite	2	52,50	105,00
Tipologia de exceção	1	32,30	32,30
Circulação interior			89,70

RESTAURANTE

	nº	m ²
<u>Piso 1</u>		442,5
Entrada		33,10
Instâncias sanitárias		
Maculino		10,25
Feminino		11,55
Acessibilidades		7,35
Sala polivalente		77,40
Sala do restaurante		110,35

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encantos dos banhos terapêuticos do Agroal são, para muitos, uma memória nostálgica, que atualmente dá lugar aos banhos de verão, mantendo a mesma essência de sempre.

Foi esta essência do lugar que se procurou manter, através das demais análises realizadas, com o intuito de compreender a evolução construtiva ao longo dos anos. A partir das referidas análises, foi possível compreender que este lugar em tudo se assemelha à evolução histórica dos banhos em Portugal, no entanto, não se chegou a desenvolver aqui, nenhum equipamento termal, capaz de dar continuidade à fama da nascente do Agroal.

De modo a manter a identidade lúdica do local, bem como a utilização das águas como forma identitária, desenvolveu-se este projeto, que relaciona respeitosamente os banhos e a arquitetura, simultaneamente, articulando a história da arquitetura termal às novas tipologias.

A procura gradual pelo Agroal como praia fluvial, requereu a requalificação de ambas as margens do rio Nabão, no sentido de procurar unificar todo o espaço envolvente de forma harmoniosa e equilibrada. As diferentes ambiências criadas que compõem o espaço urbano do projeto, foram potencializadas de forma a consolidar as suas proporções para que todos os visitantes possam desfrutar deste lugar.

Uma das principais preocupações centra-se na envolvência natural e paisagística. Daí surge a necessidade de intercalar plataformas com os percursos urbanos. Estas plataformas foram pensadas com o objetivo do visitante poder contemplar o espaço natural, desfrutando desses encantos.

Desta forma, todas as decisões tomadas são o reflexo de um longo processo projetual e de investigação crítica, cuja sua sequência culminou no projeto apresentado.

Assim sendo, destaca-se o volume construído, composto por três edifícios, todos eles projetados estrategicamente com o objetivo de requalificar e modernizar o lugar do Agroal, atraindo mais visitantes e contribuindo para o desenvolvimento turístico da região, assentando assim num dos conceitos enunciados, o turismo.

O traço destes edifícios em questão corresponde a linhas contemporâneas, capazes de revigorar um Agroal, muitas vezes, esquecido no tempo, transportando para este local, uma renovação

Por último, procurou-se responder aos objetivos propostos desde início, uma vez terem sido as linhas orientadoras de todo o processo desenvolvido até aqui.

Finalizando esta etapa, constata-se que a estância termal apresentada, cumpre com os objetivos propostos e com os conceitos basilares do processo, respeitando na íntegra todos os traços e características do lugar, resultando assim, numa proposta bastante coerente e revitalizadora para o Agroal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquitetos, S. N. d., (2004). *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitetos.

Bachelard, G., (1998). *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Janson, H. W., (2010). *A Nova História da Arte de Janson*. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mangorrinha, J., (2002). *À Volta das Termas*. Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia.

Mangorrinha, J., (2000). *O lugar das Termas*. Lisboa: Livros Horizonte.

Monsa, (2006). *ARQUITECTURA DEL PAISAJE: AGUA*. Barcelona: Instituto Monsa de Ediciones.

Pessoa, F. S., (2017). *Intervir na Paisagem*. Lisboa: Argumentum.

Pinto, H. G. & Mangorrinha, J., (2009). *O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia.

Sindicato Nacional dos Arquitetos, (Outubro de 2004). *Arquitetura Popular em Portugal - Volume 2*. Lisboa: Ordem dos Arquitetos.

Vários, (1970). *Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte: Documentos*. Braga: Edição conjunta da Direção-Geral do Turismo e Câmara Municipal de Braga.

Zumthor, P., (2006). *Atmosferas: Entornos arquitetónicos - As coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

REVISTAS, JORNAIS E ARTIGOS

Anon., (1988). *ALGAR - Número 2.*, Sociedade portuguesa de espeleologia.

Farinha, H. J. S., (2014/2015). *Agroal - "Termalismo Popular"*. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra.

Guerra, R. J., & Gonçalves, E. C. (Abril-Junio 2019). O turismo de saúde e bem estar como fator de desenvolvimento local: uma análise à oferta termal portuguesa. *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 453-472.

Guimarães, V., (1932). *As águas do Agroal - Comunicação feita a 26 de outubro de 1931, no Congresso de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médica*. Lisboa: Oficinas Fernandes.

Mendes, M. C. T., (1982). *As estâncias termais portuguesas. Arquitetura: planeamento, design, construção, equipamento*, 51-55.

Pinto, J. d. C., (2005). *Paisagem, Arquitetura e Água*. Lisboa: Cadernos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

Vários, (2000). *Sistemas Aquíferos de Portugal Continental*, Lisboa: Centro de Geologia.

OUTRAS TESES

Bandeiras, L. P. W., (2019). *Da memória dos banhos Romanos às novas arquiteturas termais: Proposta de uma estância termal na Quinta das Janelas em Óbidos*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

Mariz, S, M, d R., (2015). *Estâncias Termais Contemporâneas: O caso de Vidago e Pedras Salgadas*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Dissertação de

Mestrado Integrado em Arquitetura.

Ramos, A. R. C. C. V., (2005). *O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Dissertação de Doutoramento em Turismo.

Ricardo, D. A., (2018). *Escavar o Artificial: Reabilitação dos almácegas do antigo Vale da Sacôta*. A propósito do Parque Urbano do rio Seco. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

Ventura, A., (2014). *Das Termas à Cidade: Uma proposta de Revitalização do Núcleo Termal de Caldas da Rainha*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado em Arquitetura.

SÍTIOS E DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

https://pt.wikipedia.org/wiki/In%C3%A9rcia_t%C3%A9rmica (Consult. 28 de maio de 2019)

<https://www.pedrassalgadspark.com/pt/> (Consult. 29 de maio de 2019)

<https://thearcheology.wordpress.com/category/roma-antiga/termas-romanas/> (Consult. 31 de maio de 2020)

<https://www.archilovers.com/stories/1803/mario-botta-s-mineral-garden-for-rigi-kaltbad.html> (Consult. 07 de junho de 2020)

<https://nit.pt/fora-de-casa/na-cidade/10-22-2016-edificios-abandonados-as-ruinas-dos-pavilhoes-no-parque-das-caldas-da-rainha> (Consult. 19 de julho de 2020)

ANEXOS

1. O LUGAR
2. PROCESSO DESENHADO - ESQUIÇOS
3. PROCESSO CONSTRUTIVO - MAQUETES
4. OUTRAS REFERÊNCIAS DE PROJETO
5. PROPOSTA FINAL - PAINÉIS

1. O LUGAR



01. Placa de chegada ao Agroal, no sentido de Tomar

02. Vista da ponte viária, para o rio.

Fonte: Autora, Agosto de 2020



03. Local da nascente do Agroal

04. Uma das várias grutas cársicas formadas na rocha

Fonte: Autora, Agosto de 2020





05. Miradouro sobre o rio.

06. e 07. Estacionamento dos utentes da praia fluvial.

Fonte: Autora, Agosto de 2020



08. e 09. Rua das Termas com o típico comércio de verão

Fonte: Autora, Agosto de 2020



10., 11., 12. e 13. Vivências e ambiências dos vários espaços, ao longo das margens.

Fonte: Autora, Agosto de 2020



14. Nora típica do Rio Nabão

15. Espaço urbano do Agroal

Fonte: Autora, Agosto de 2020





16. e 17. Vista urbana das margens do rio

Fonte: Autora, Agosto de 2020

18. Vista paisagística do local de implantação da proposta arquitetónica

Fonte: Autora, Maio de 2020



19., 20., 21. e 22. Alguns dos edifícios em ruínas que se encontram na encosta do Agroal

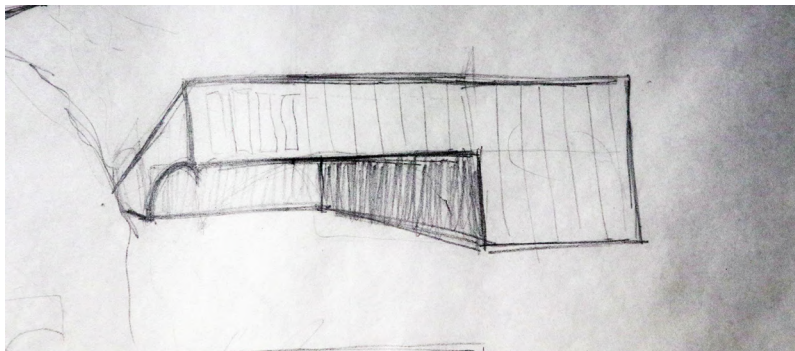
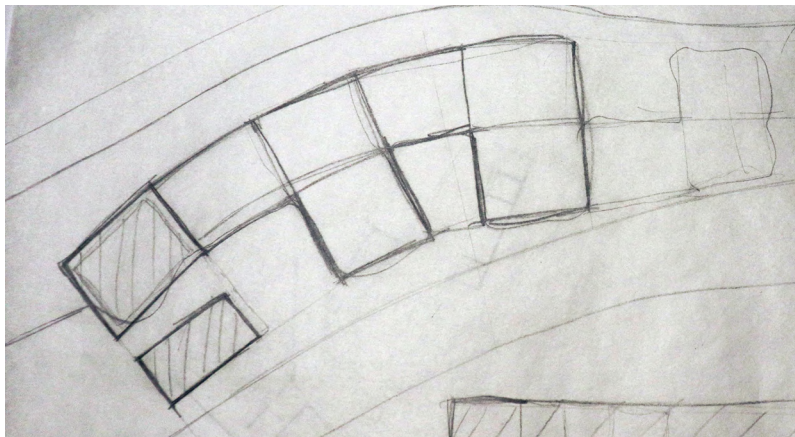
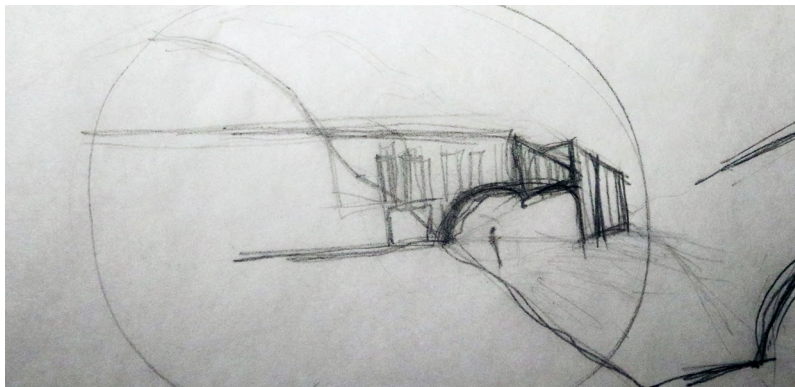
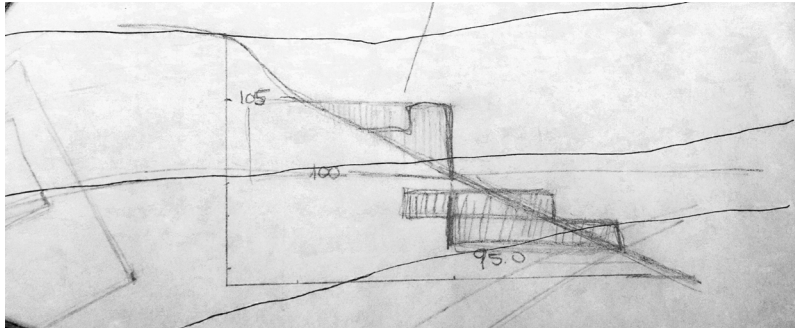
Fonte: Autora, Maio de 2019

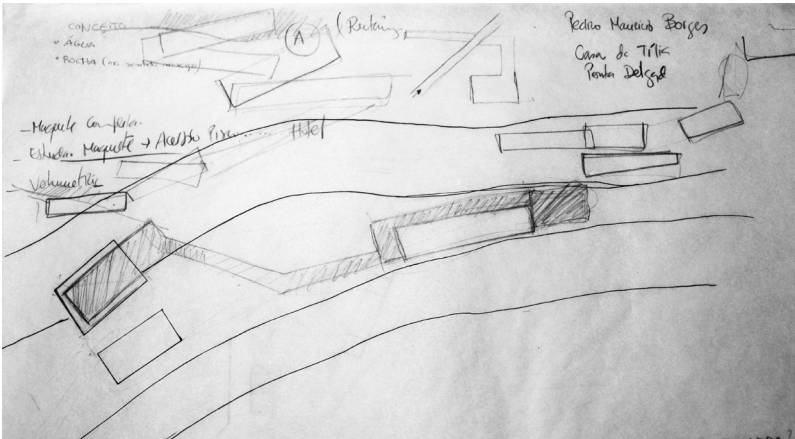
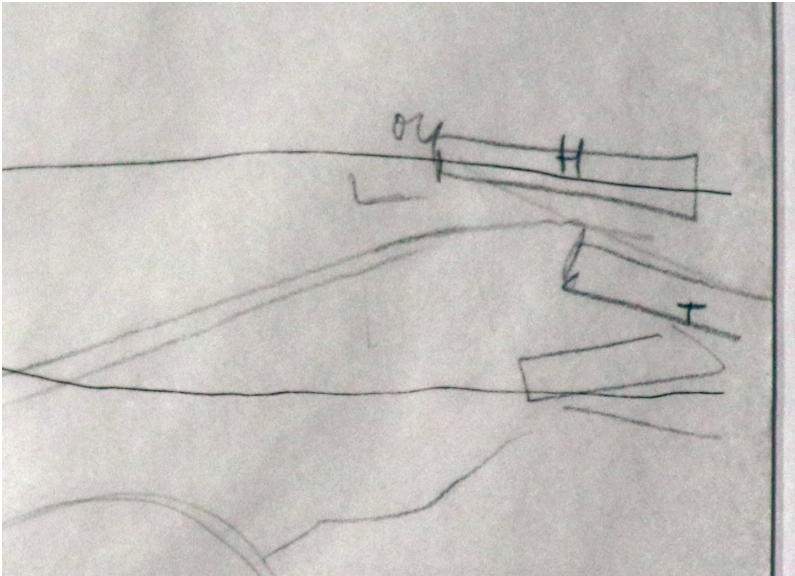


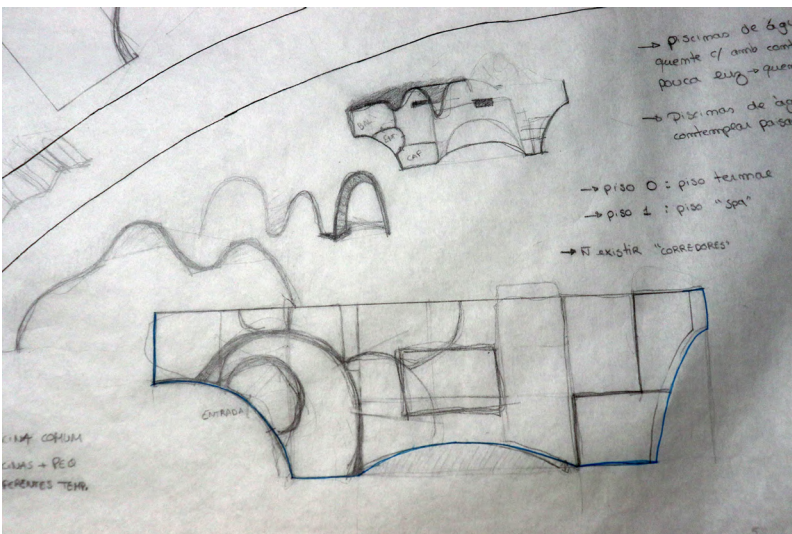
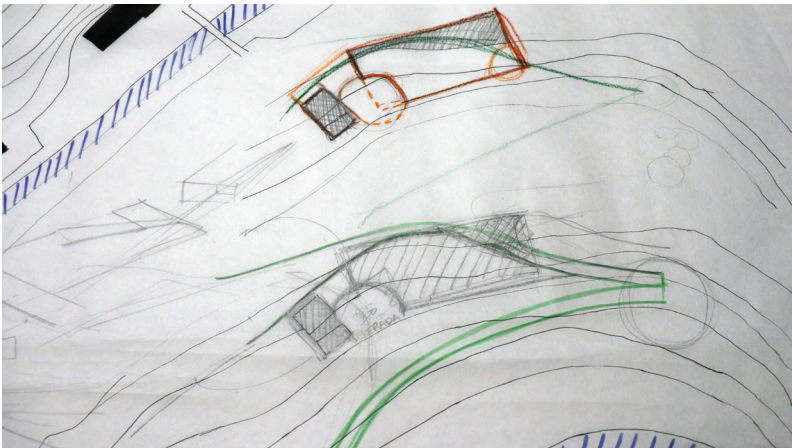
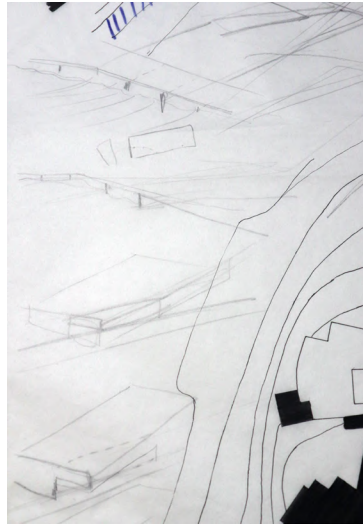
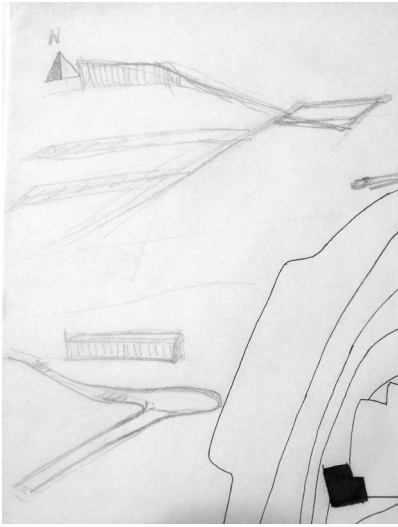
23., 24. e 25. Piscina do Agroal inter-relacionada com o rio Nabão.

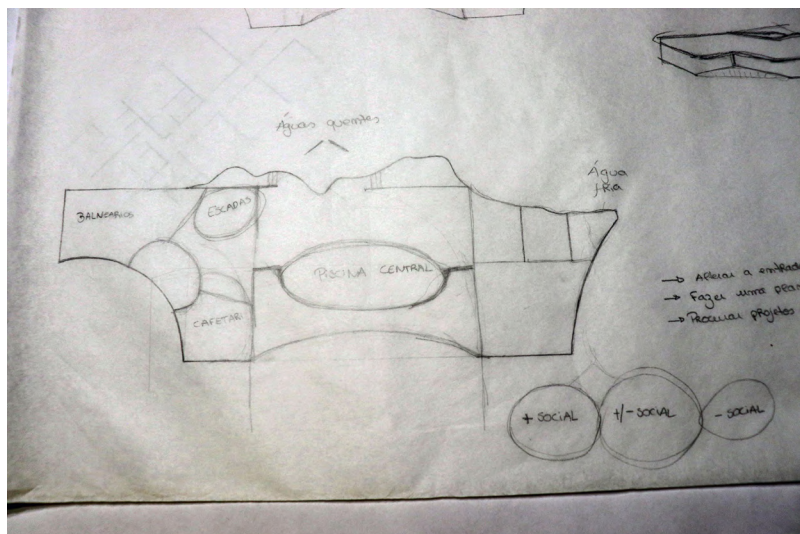
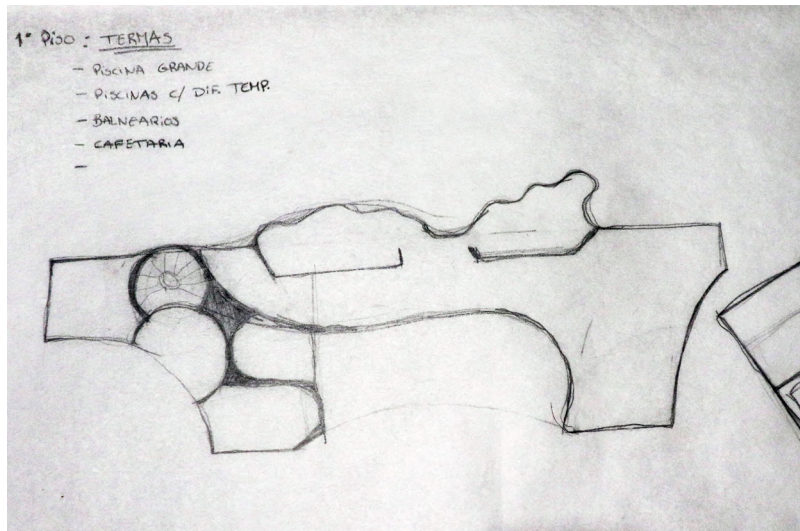
Fonte: Autora, Agosto de 2019

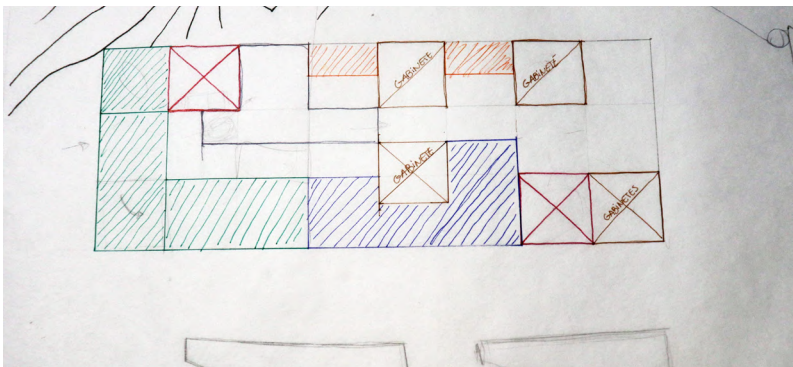
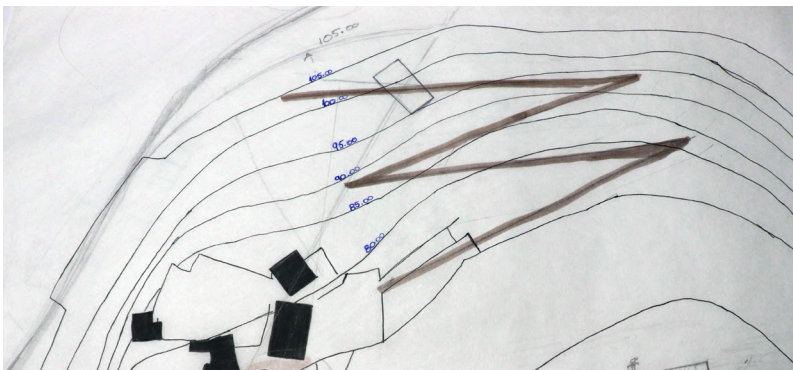
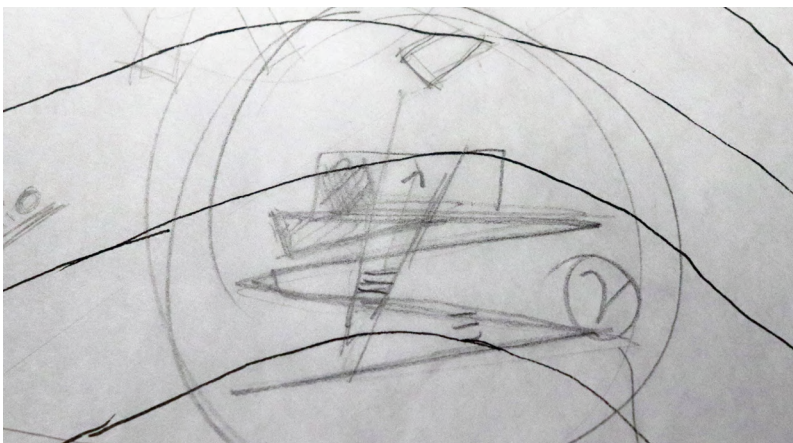
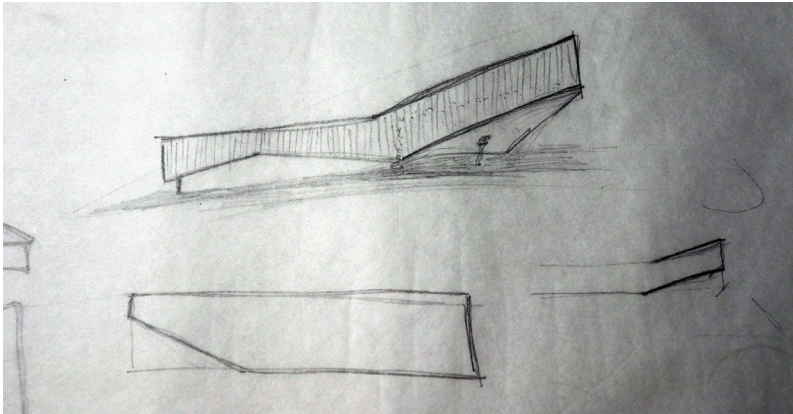
2. PROCESSO DESENHADO - ESQUIÇOS

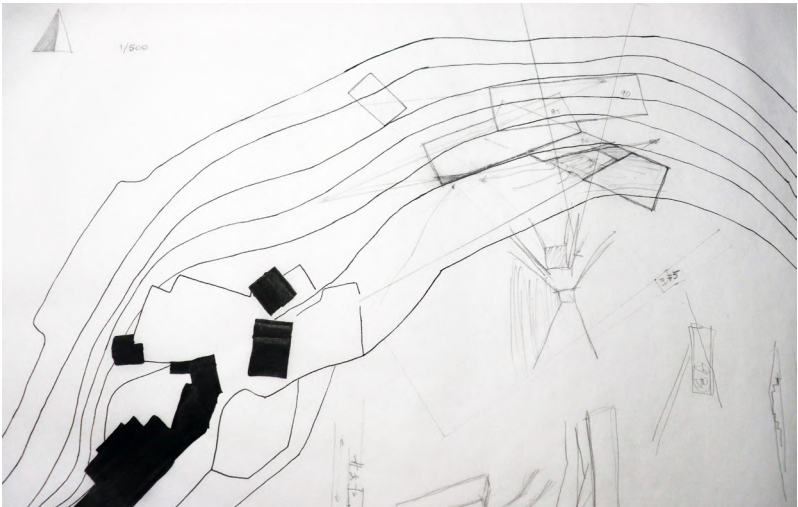
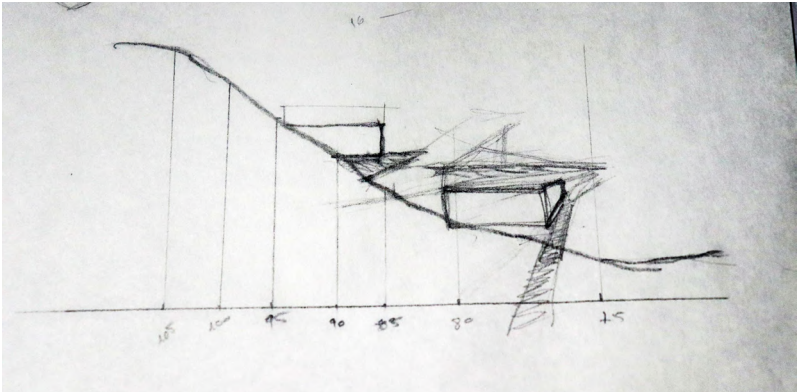
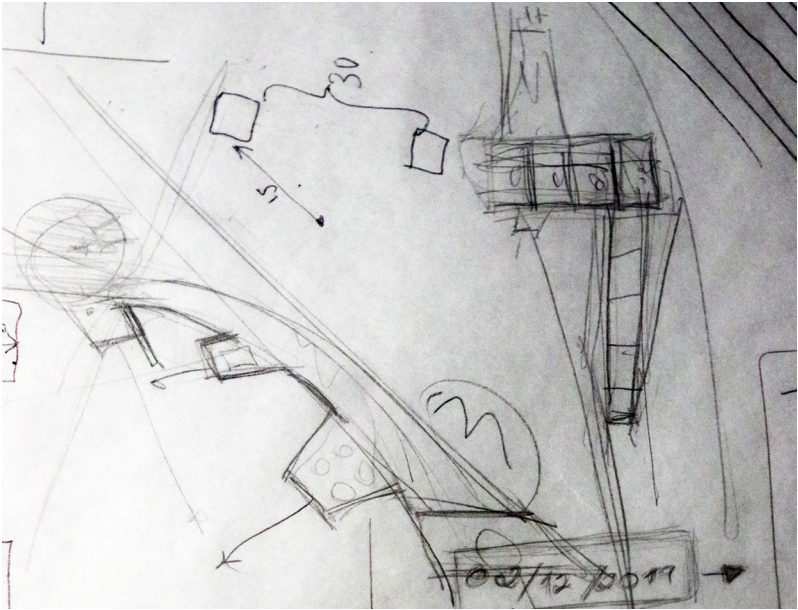


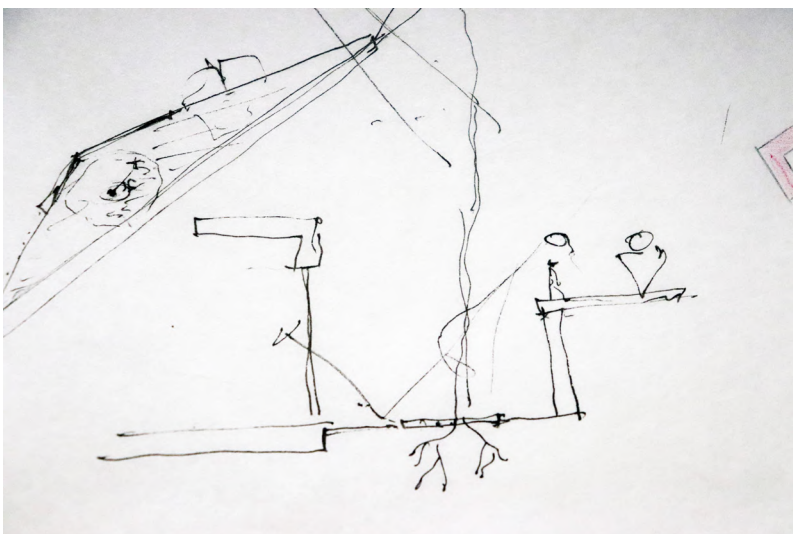
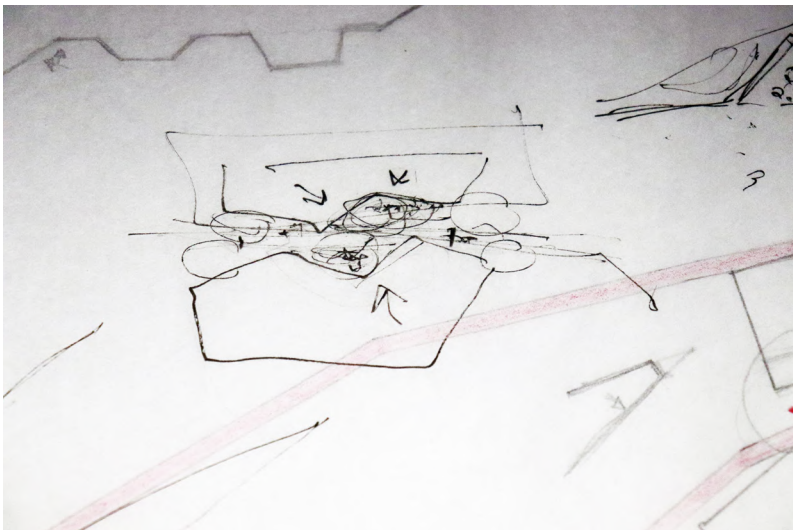
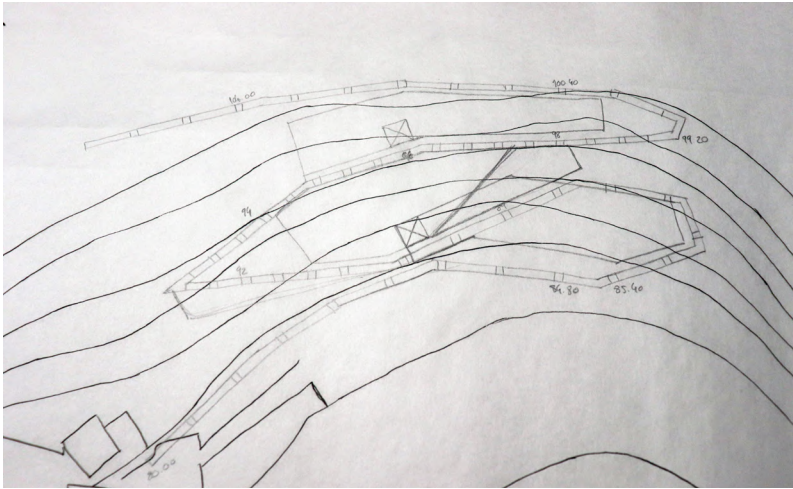


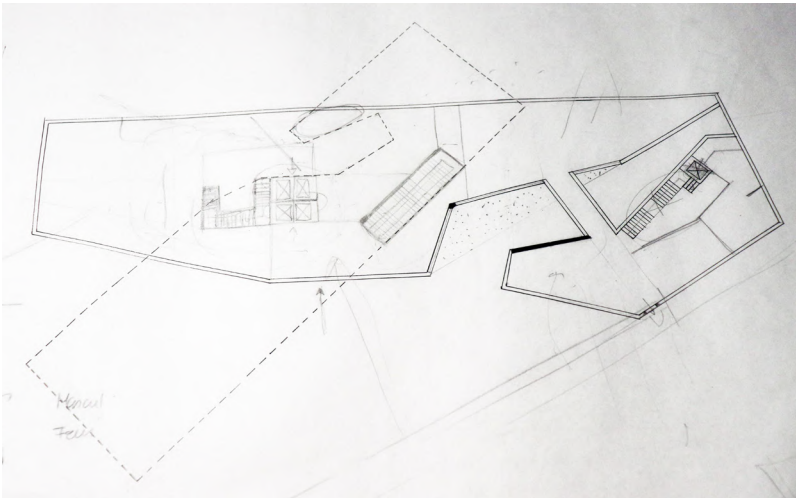
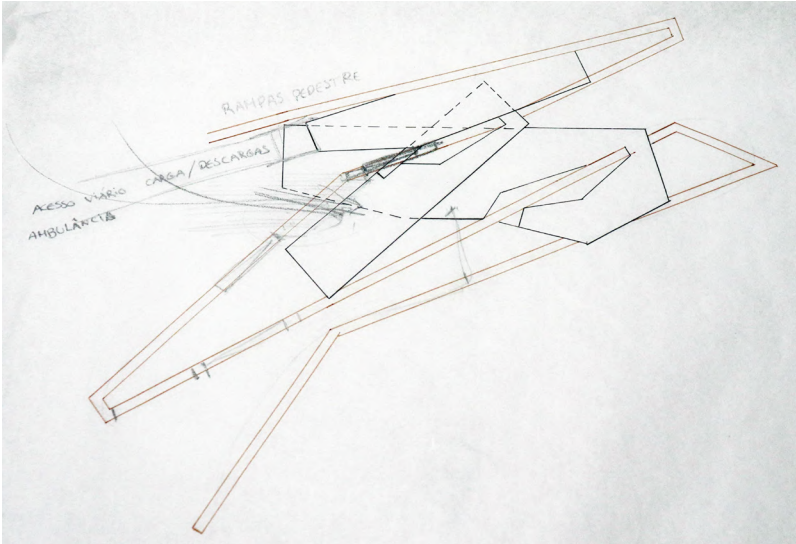
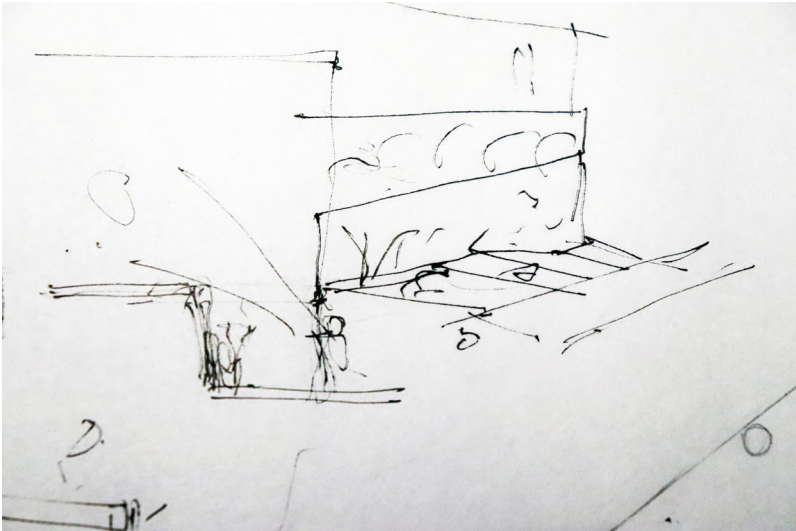


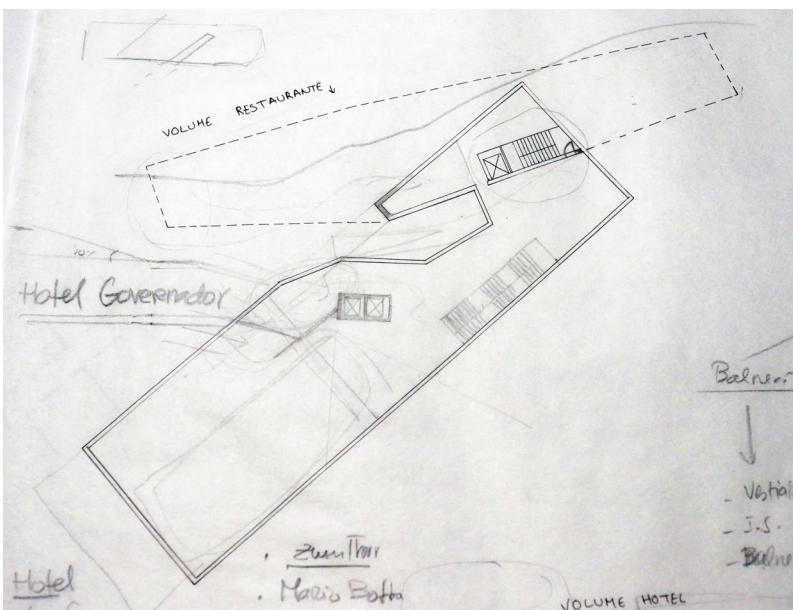
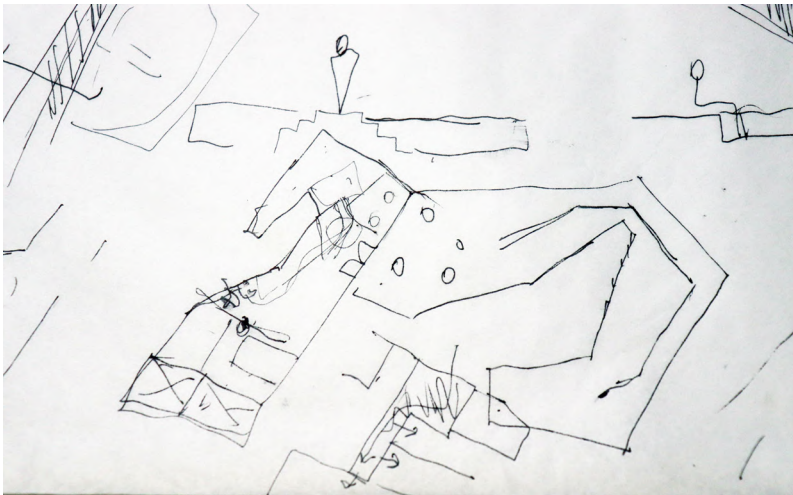
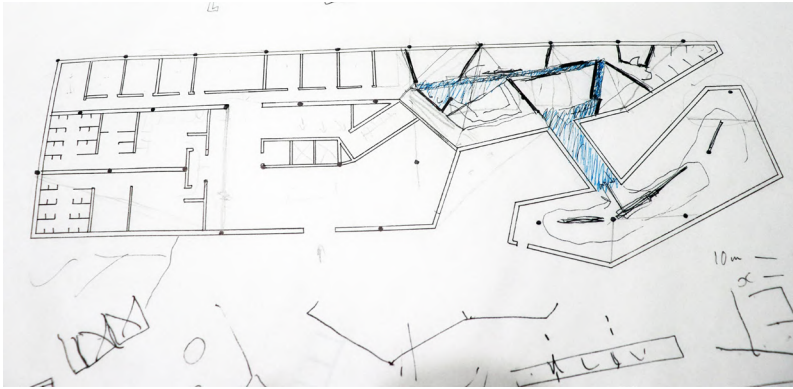


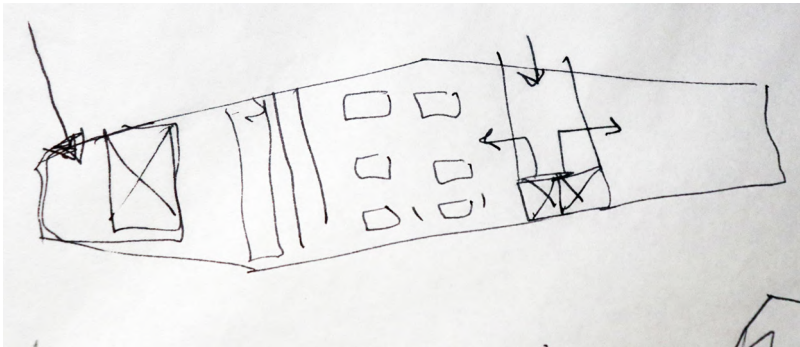
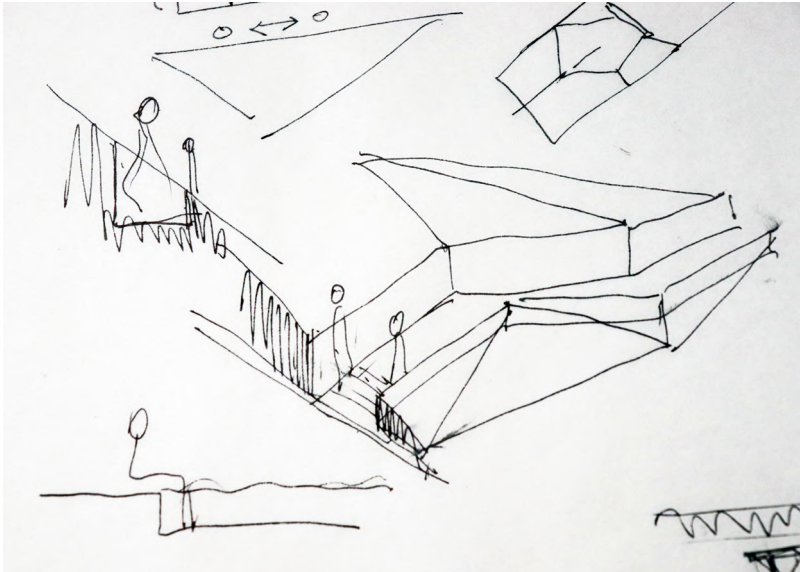
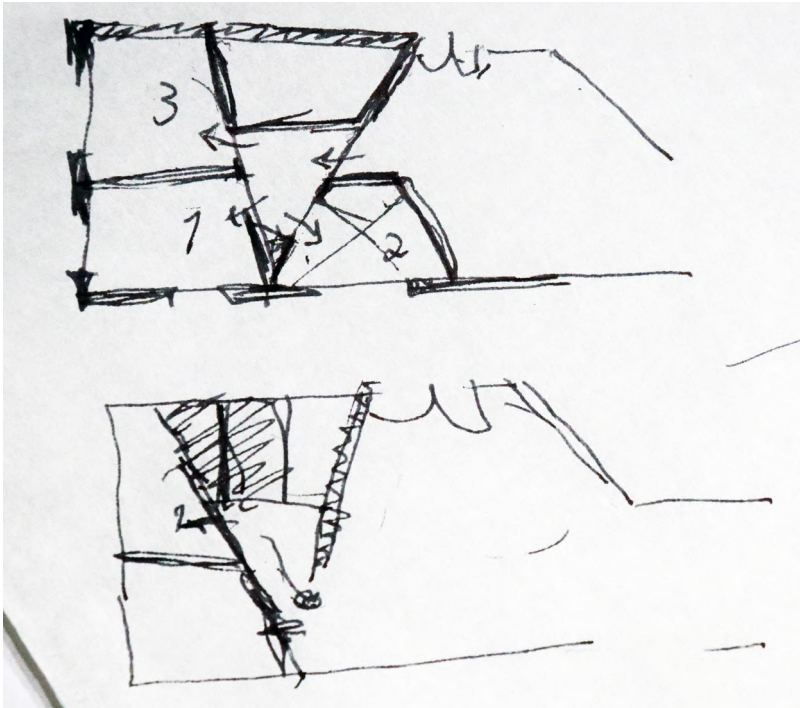


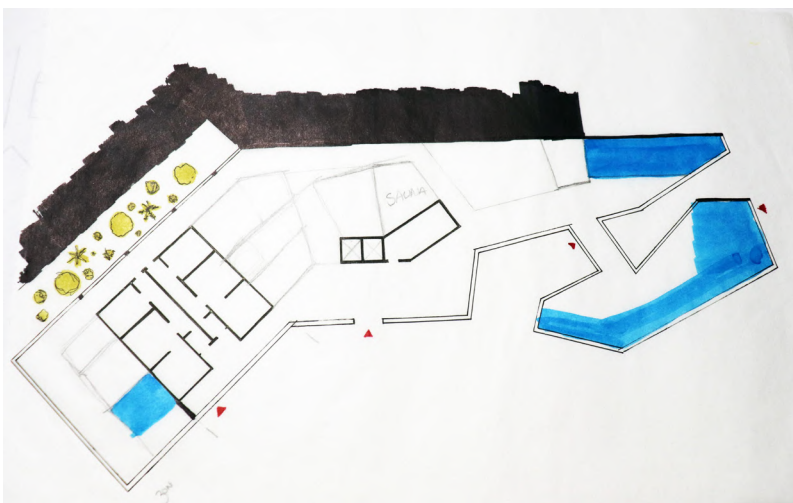
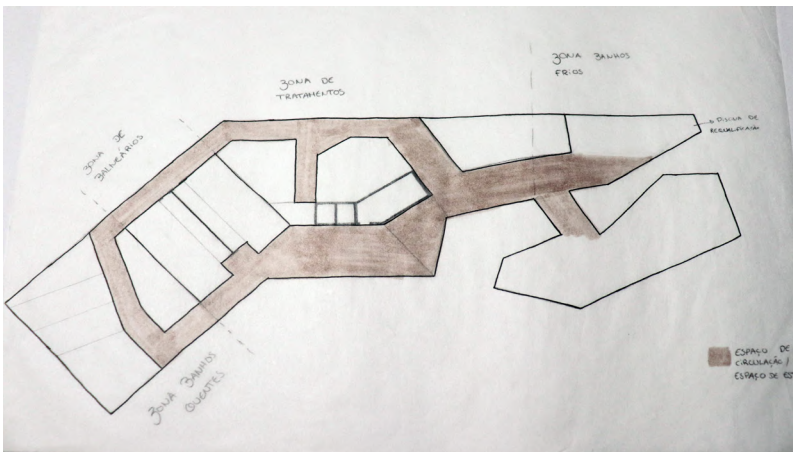
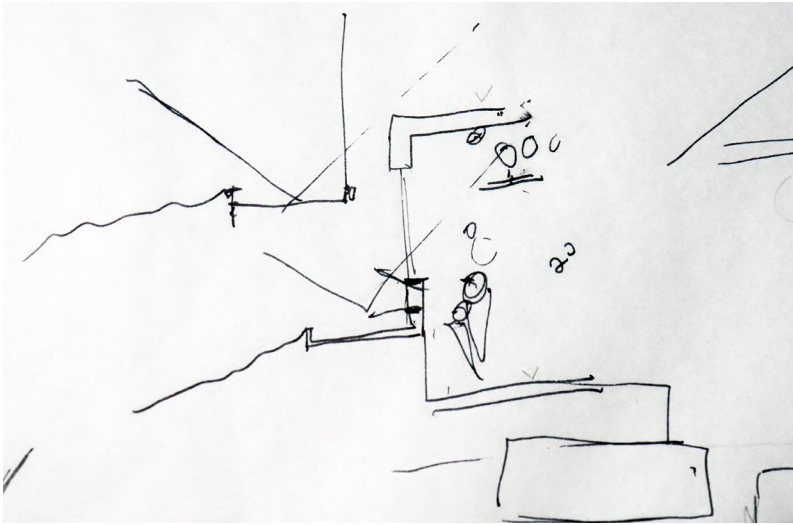


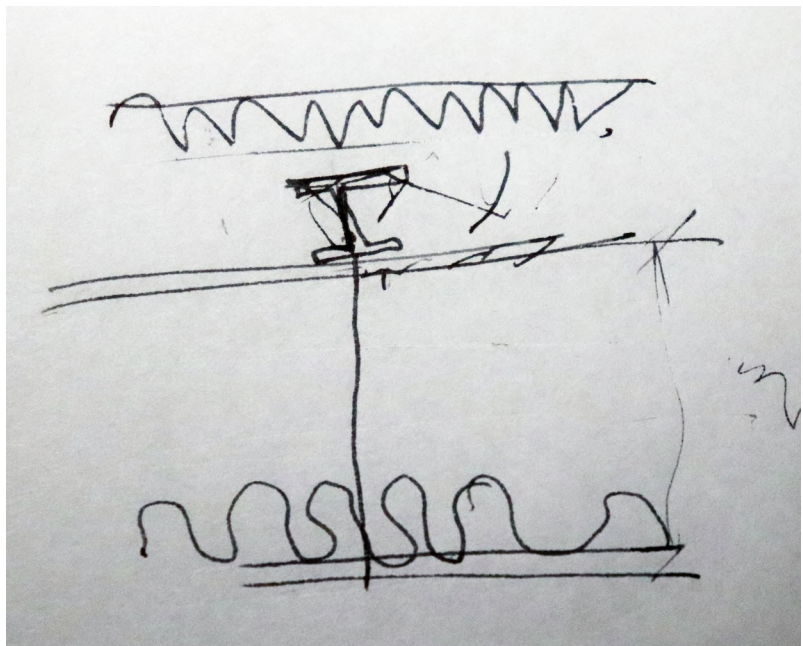
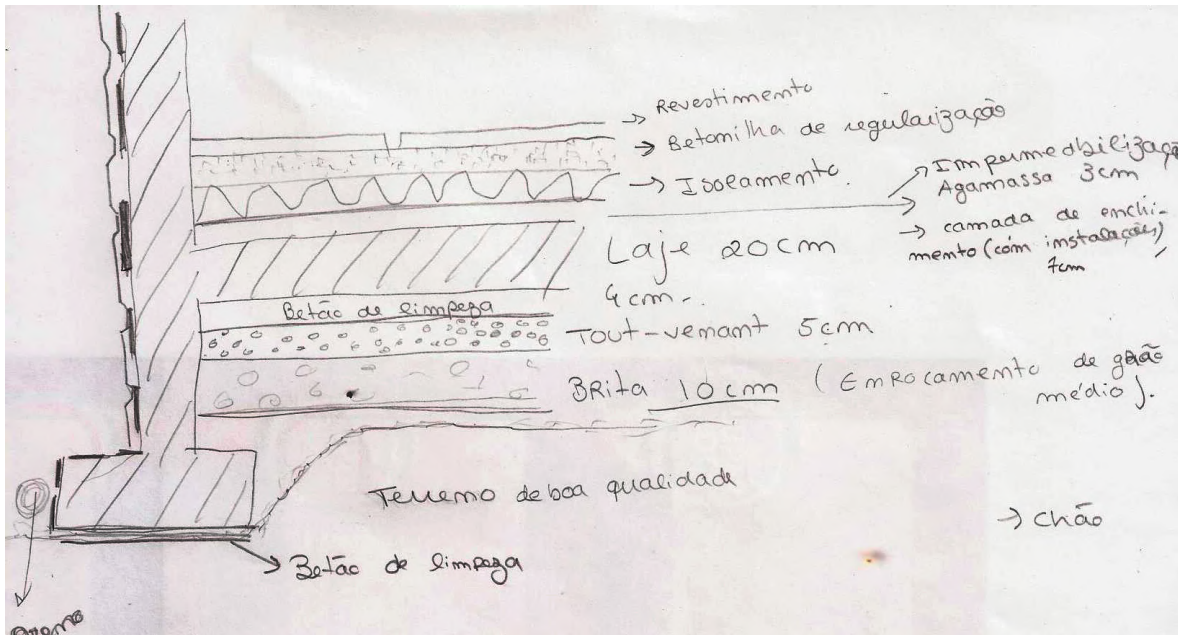


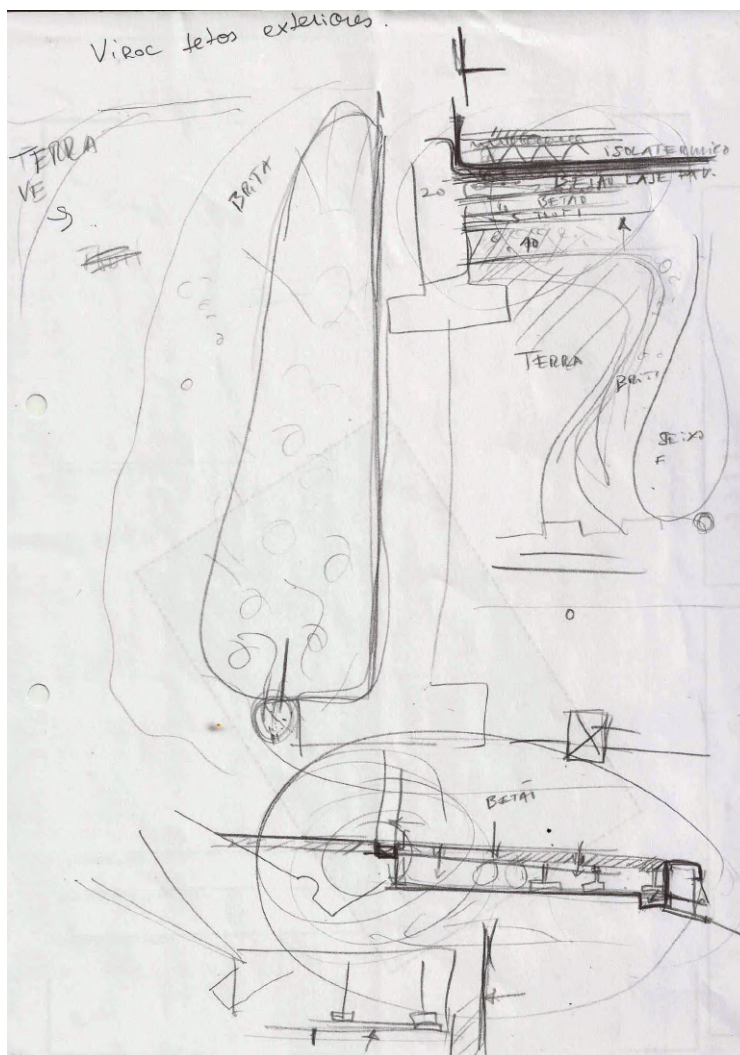
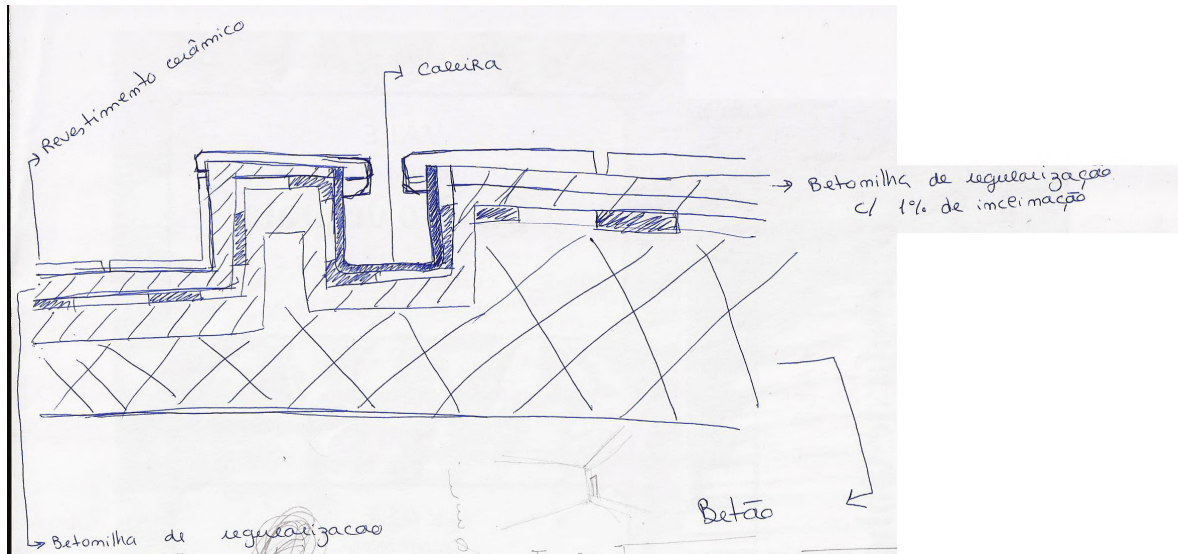


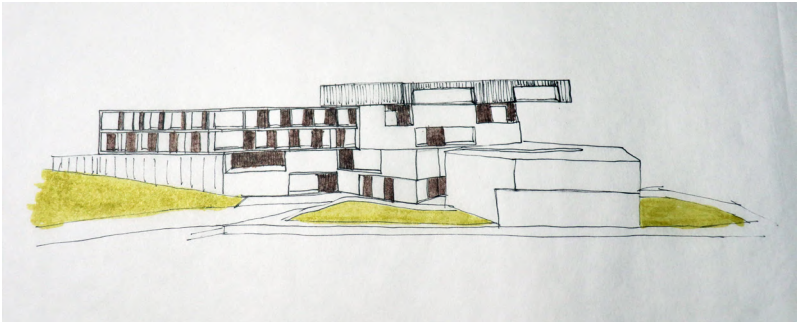
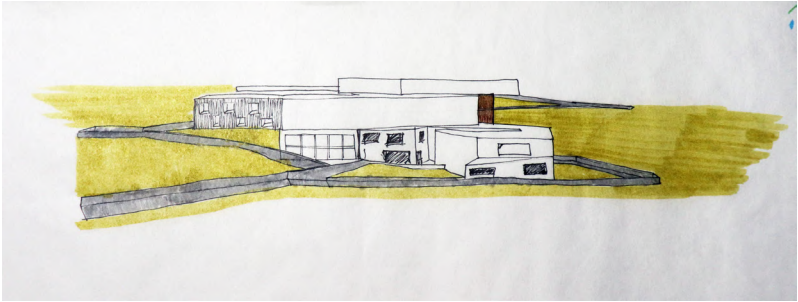
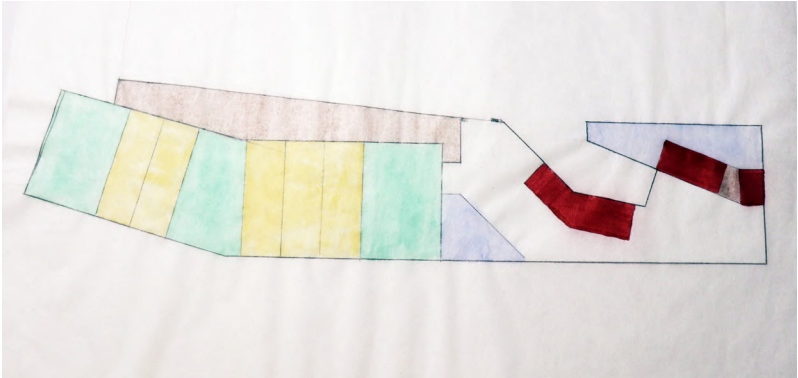
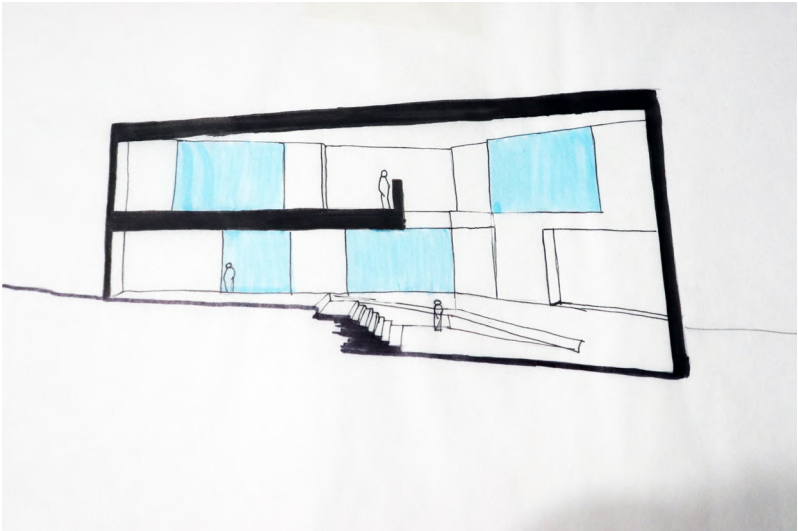


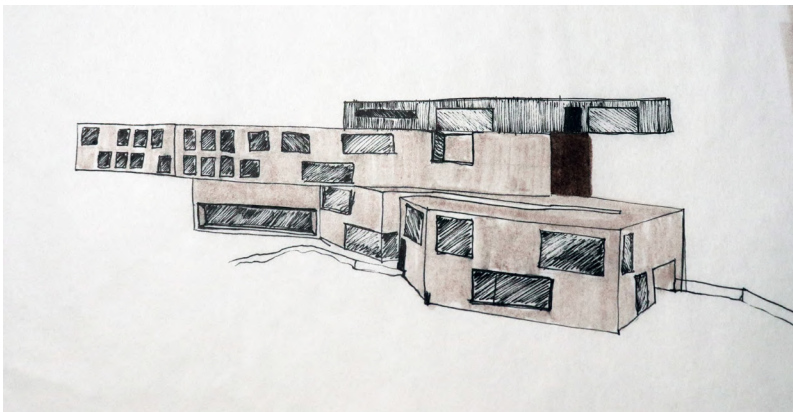
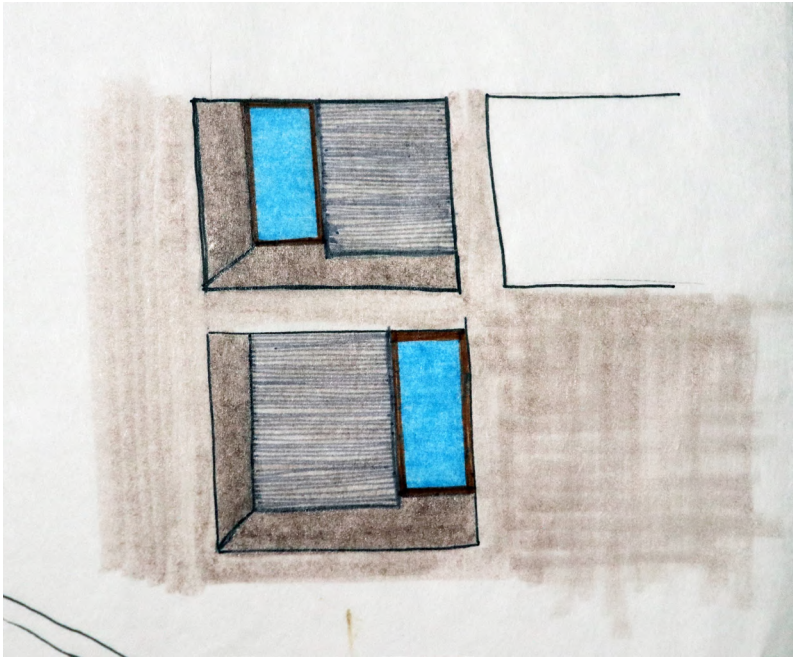




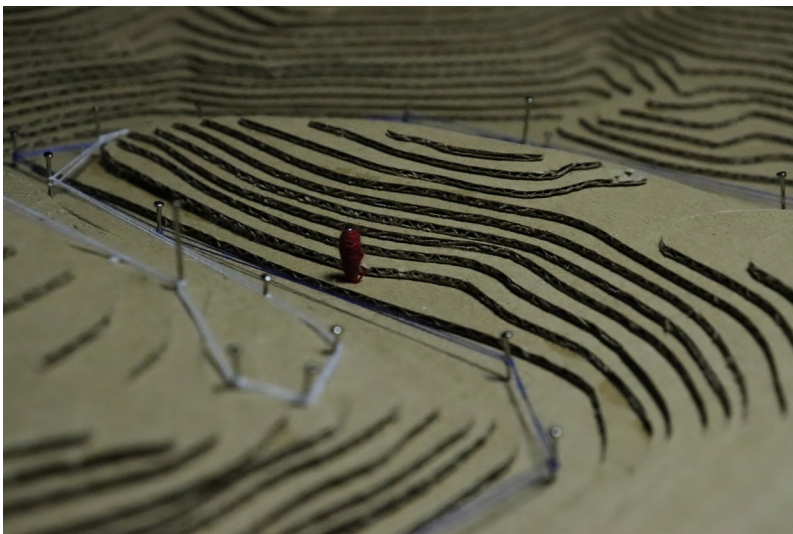




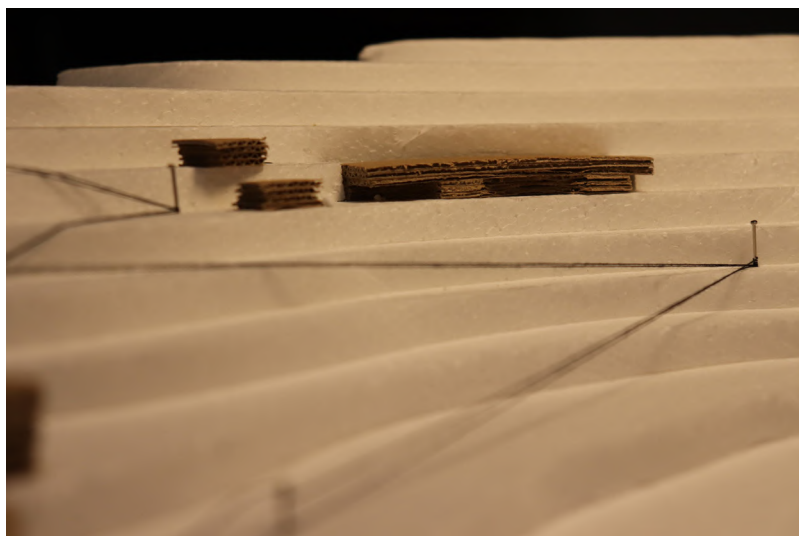




3. PROCESSO DESENHADO - MAQUETES



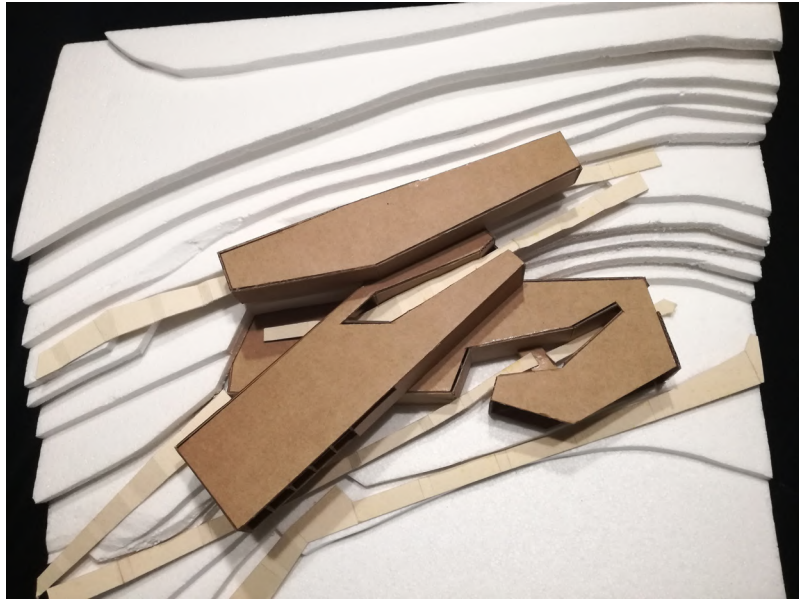
Maquete urbana da envolvente do Agroal.
escala 1:2000



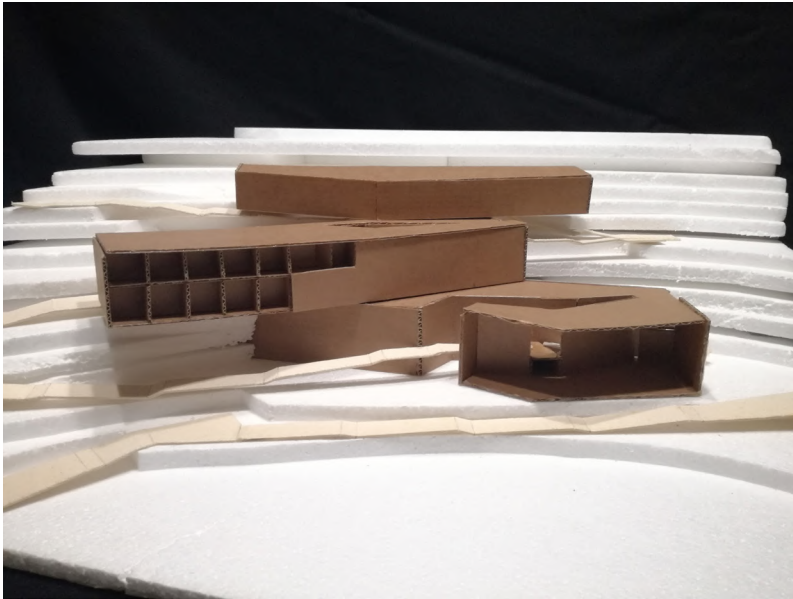
Maquete da proposta arquitetónica, definição das rampas e volumetria dos edifícios.
escala 1:500



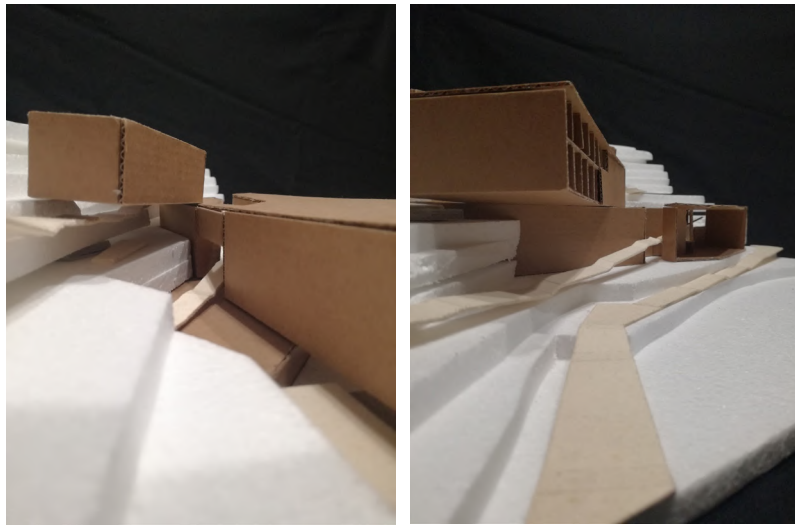
Maquete da proposta arquitetônica, definição das rampas e volumetria dos edifícios.
escala 1:500



Maquete da proposta arquitetónica, definição das rampas e volumetria dos edifícios.
escala 1:200



Maquete da proposta arquitetónica, definição das rampas e volumetria dos edifícios.
escala 1:200

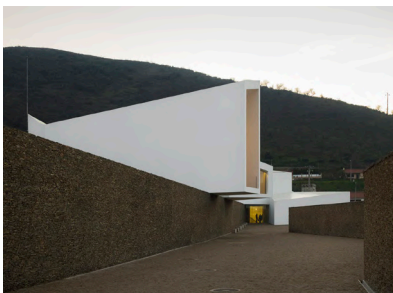


Maquete da proposta arquitetónica, definição das rampas e volumetria dos edifícios.
escala 1:200

4. OUTRAS REFERÊNCIAS DE PROJETO

**Centro de alto rendimento do Pocinho,
Vila Nova de Foz Côa, 2008**

Álvaro Fernandes de Andrade



**Várias perspetivas do centro de
alto rendimento do Pocinho**

Fotografia: Fernando Guerra



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade>

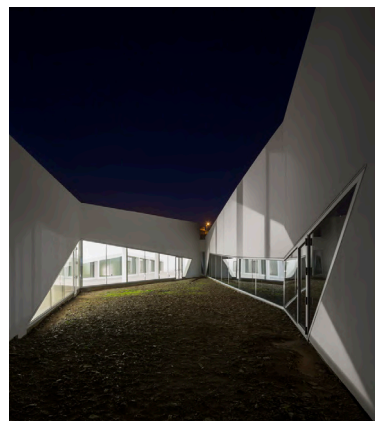


Render da implantação do centro de alto rendimento do Pocinho

Esboços do centro de alto rendimento do Pocinho

Várias perspectivas do centro de alto rendimento do Pocinho

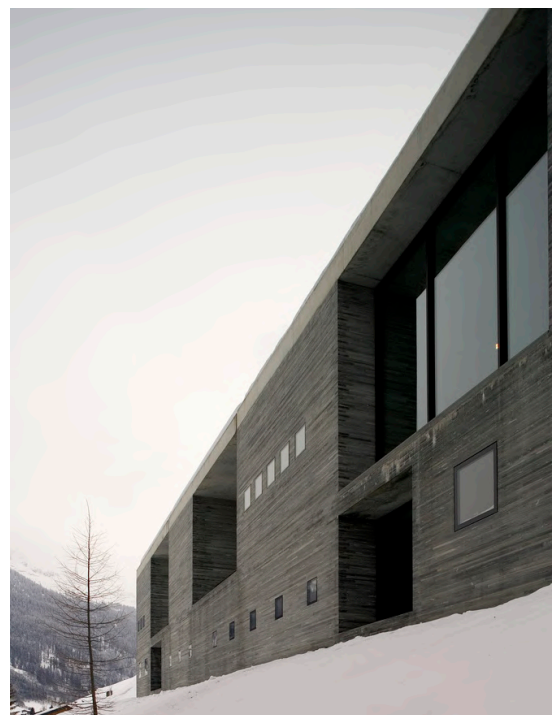
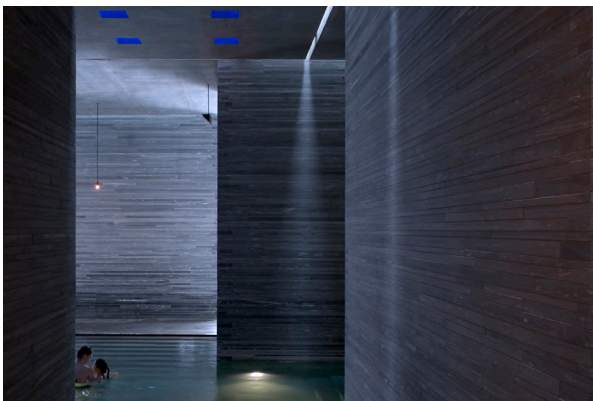
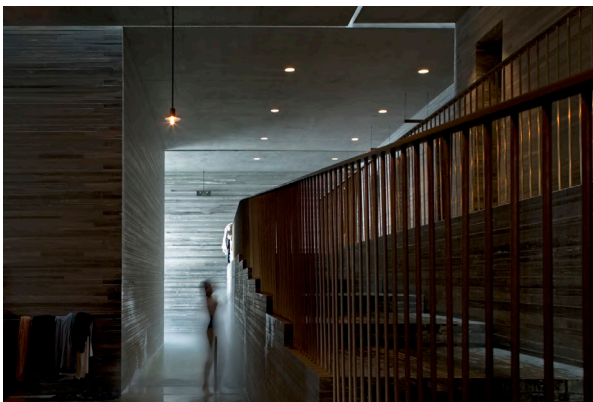
Fotografia: Fernando Guerra



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade>

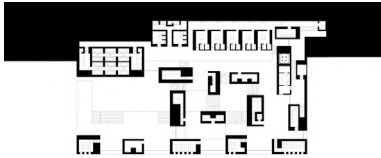
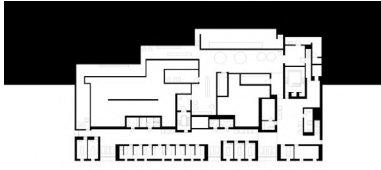
**Termas de Vals,
Suíça, 1996**

Peter Zumthor



Vistas Interiores e exteriores das Termas de Vals
Fotografia: Fernando Guerra

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

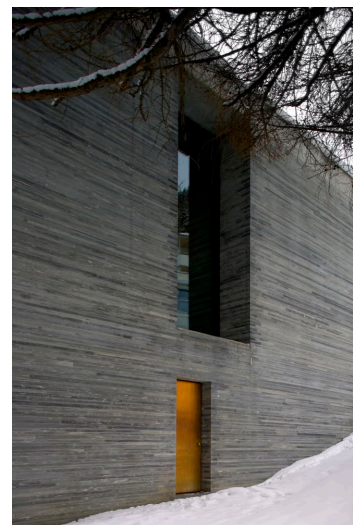


Plantas das Termas de Vals



Vistas Interiores e exteriores das Termas de Vals

Fotografia: Fernando Guerra



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

**Casa da Música,
Porto, Portugal, 2005**

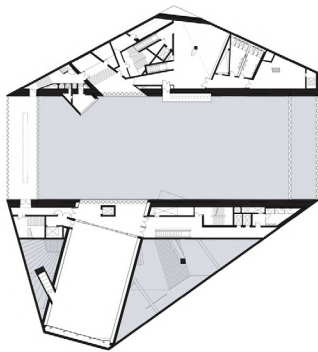
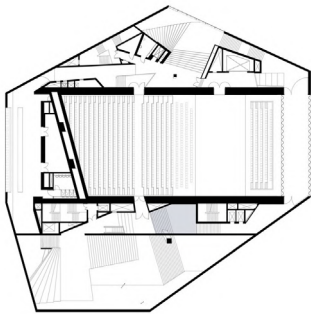
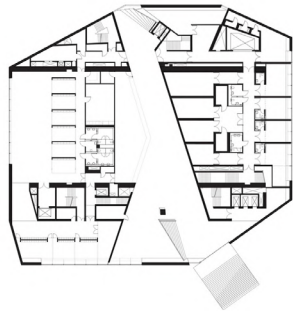
OMA



**Perspetivas exteriores da Casa
da Música**

Fotografia: Philippe Ruault,
OMA

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

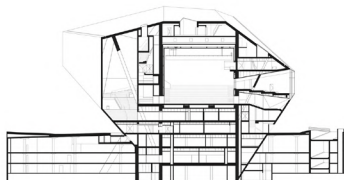


Plantas da Casa da Música

OMA

Cortes e alçados da Casa da Música

OMA



Perspetivas exteriores da Casa da Música

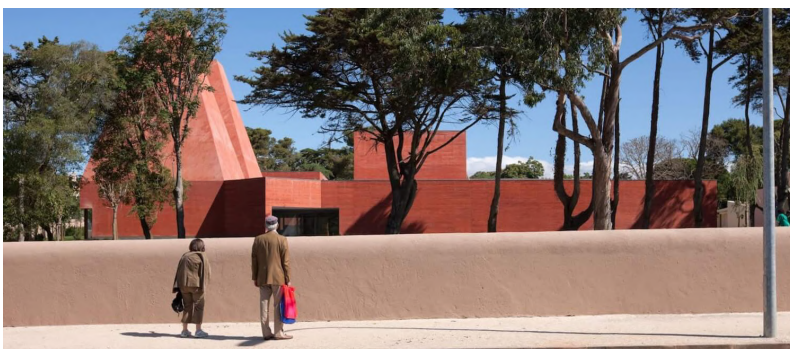
Fotografia: Philippe Ruault, OMA



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Casa das Histórias Paula Rego
Cascais, Lisboa 2008

Eduardo Souto Moura



**Fotografias da vista exterior
da Casa das Histórias da
Paula Rego**

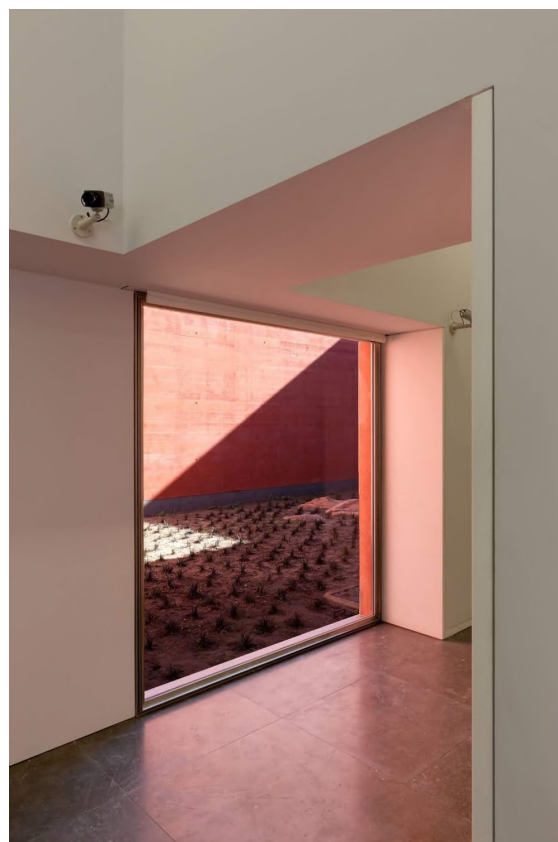
Fotografia:Últimas reportagens

Fonte:<https://espacodearquitetura.com/projetos/casa-das-historias-paula-rego/>

Alçados da Casa das Histórias da Paula Rego

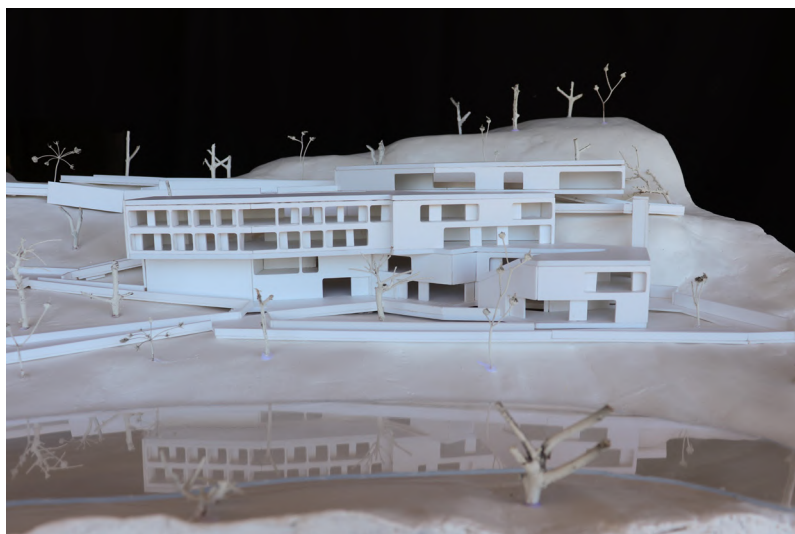
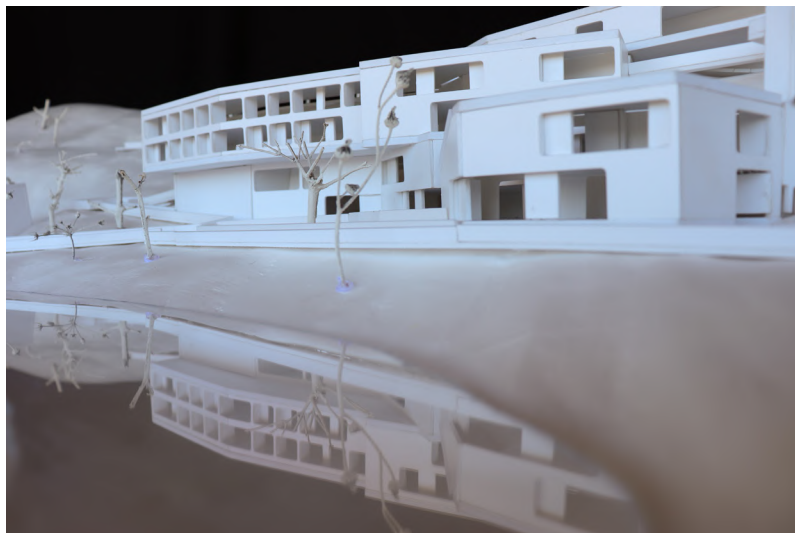
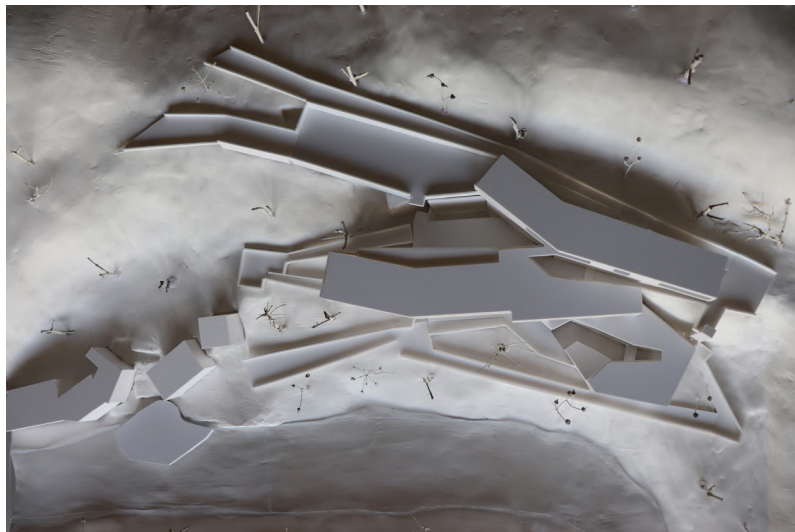
Fotografias da vista exterior da Casa das Histórias da Paula Rego

Fotografia:Últimas reportagens

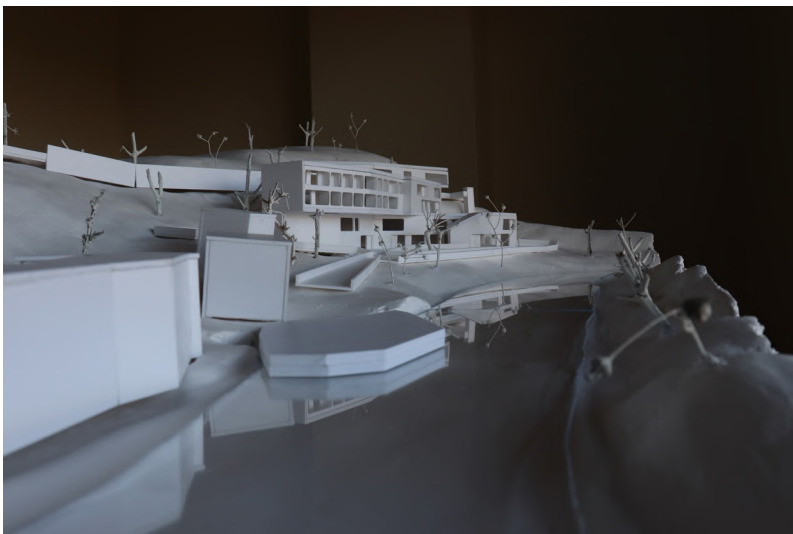


Fonte:<https://espacodearquitetura.com/projetos/casa-das-historias-paula-rego/>

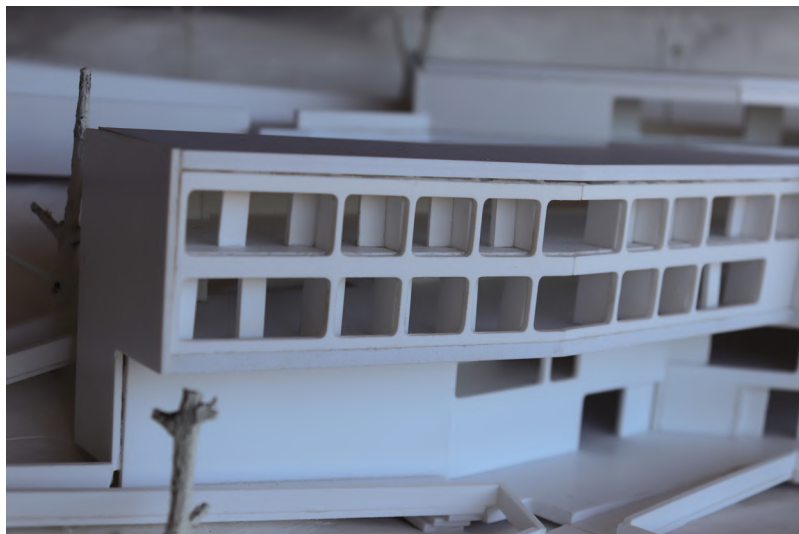
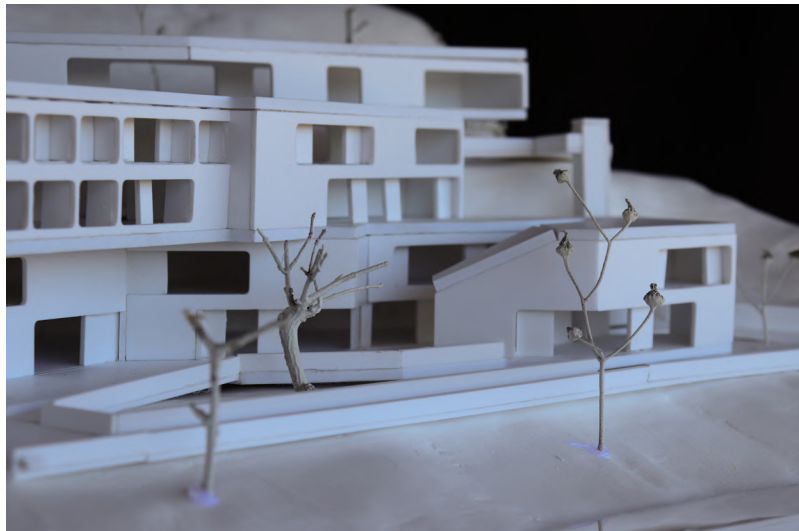
5. PROPOSTA FINAL - MAQUETE



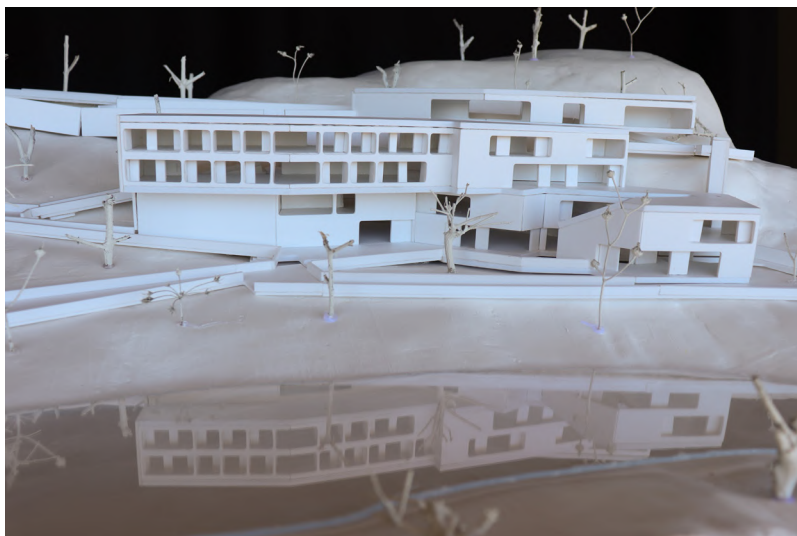
Maquete final da proposta
arquitetónica
escala 1:200



Maquete final da proposta
arquitetónica
escala 1:200



Maquete final da proposta
arquitetónica
escala 1:200



Maquete final da proposta
arquitetónica
escala 1:200

5. PROPOSTA FINAL - PAINÉIS



“O RENASCER DO AGROAL”

- A proposta revitalizadora de uma estância termal para o Agroal, em Ourém.

O Agroal é um pequeno lugar situado entre as cidades de Ourém e Tomar, caracterizado por uma envolvente paisagística natural, e pela nascente de águas terapêuticas.

A nascente de águas frias é considerada desde sempre o ex-libris do Agroal, que aliada à paisagem encantadora do vale onde se insere é tida como um ponto de interesse e de atração na região. As ligações do recurso destas águas às curas milagrosas são, desde sempre, associadas aos poderes medicinais da nascente de água mineral natural.

A capacidade transformativa da água é reforçada se, à pureza desta, aliarmos a beleza da paisagem envolvente. A união entre este dois valiosos elementos naturais, é o ponto de partida, para a elaboração deste projeto, cujo principal objetivo é transportar a essência dos recursos naturais para o interior dos espaços criados.

CIDADE DE OURÉM

AGROAL

CIDADE DE TOMAR

ENTRADA NA RUA DAS TERMAS

NASCENTE DO AGROAL



SANTUÁRIO DE FÁTIMA



CASTELO DE OURÉM



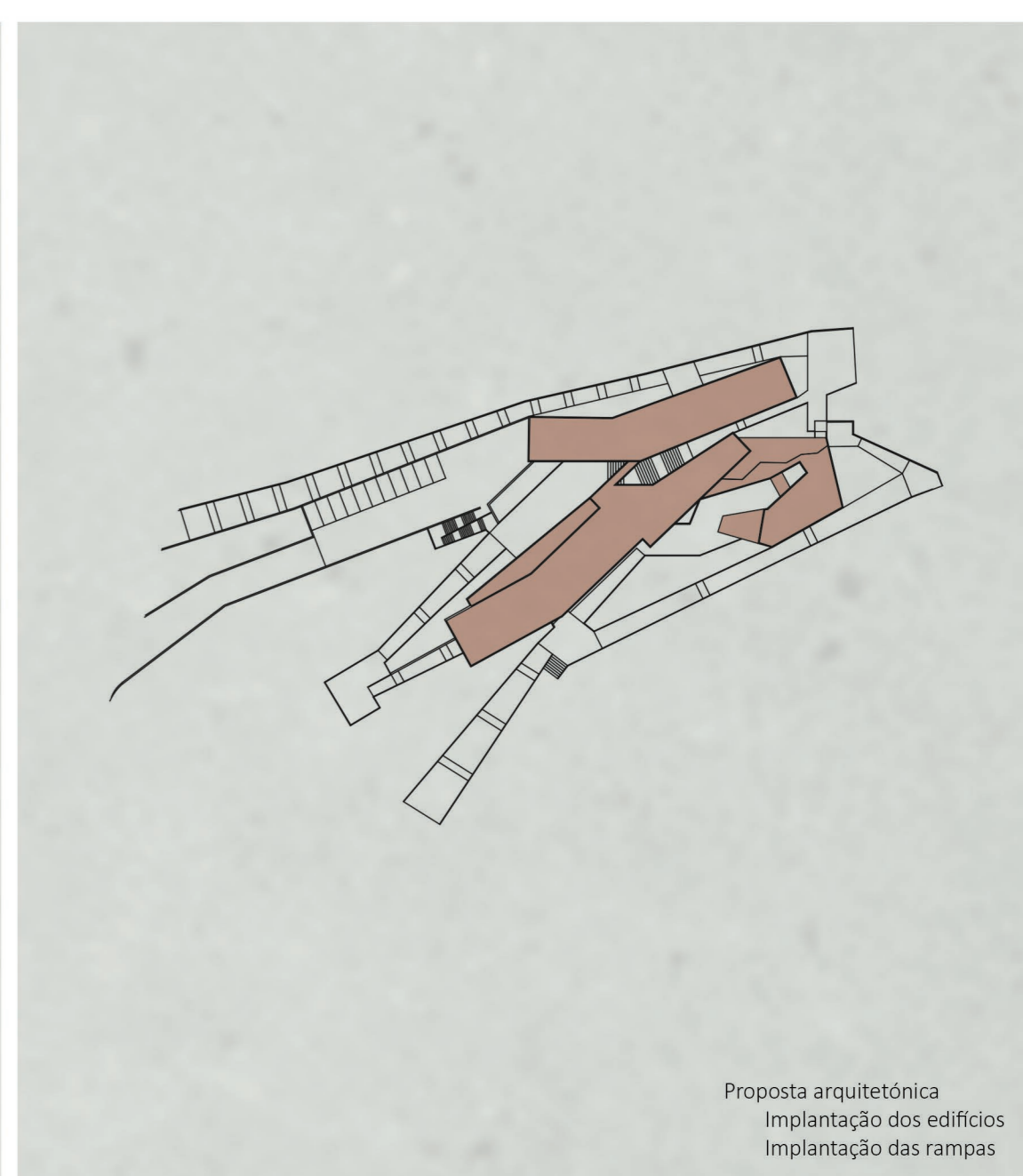
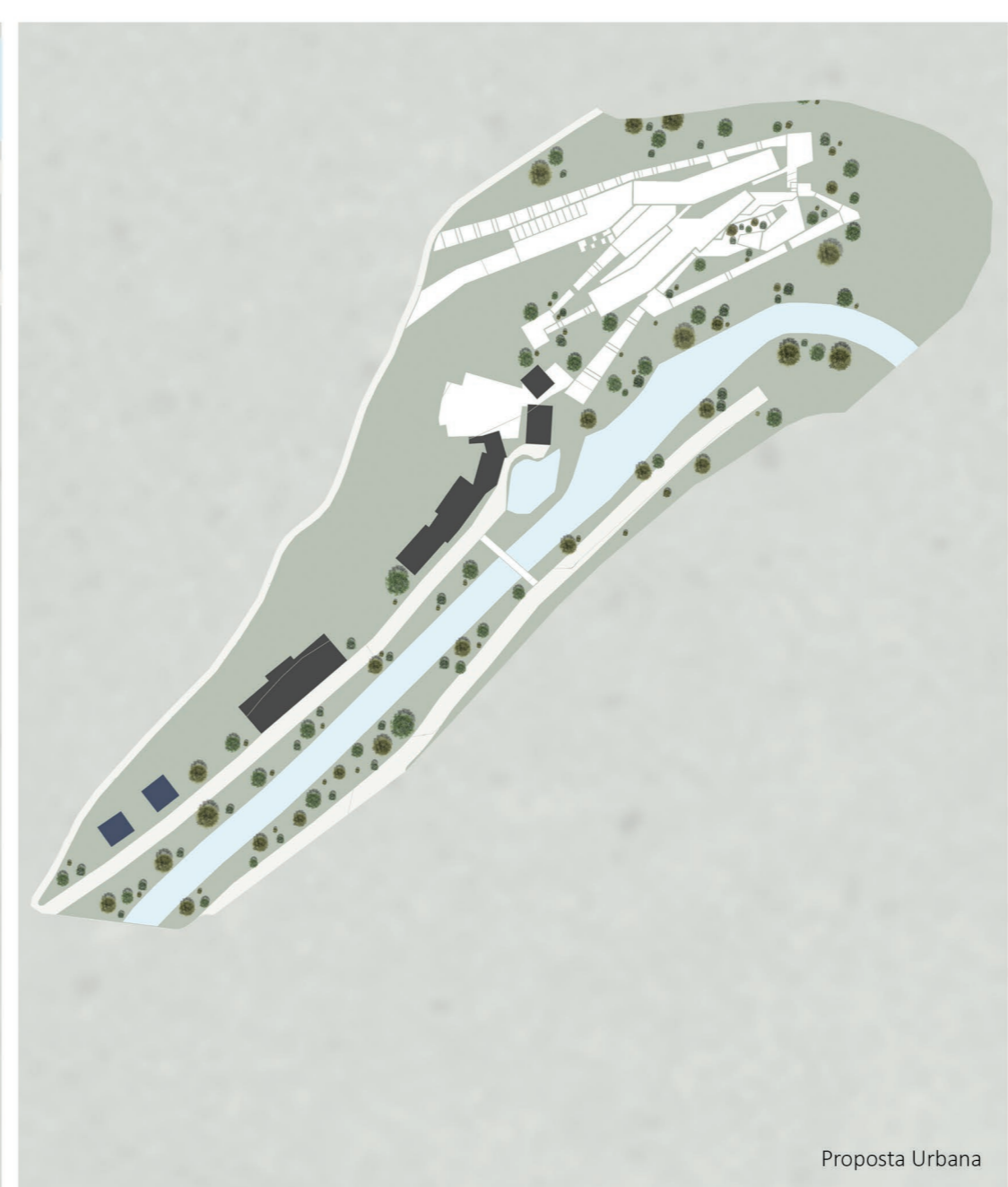
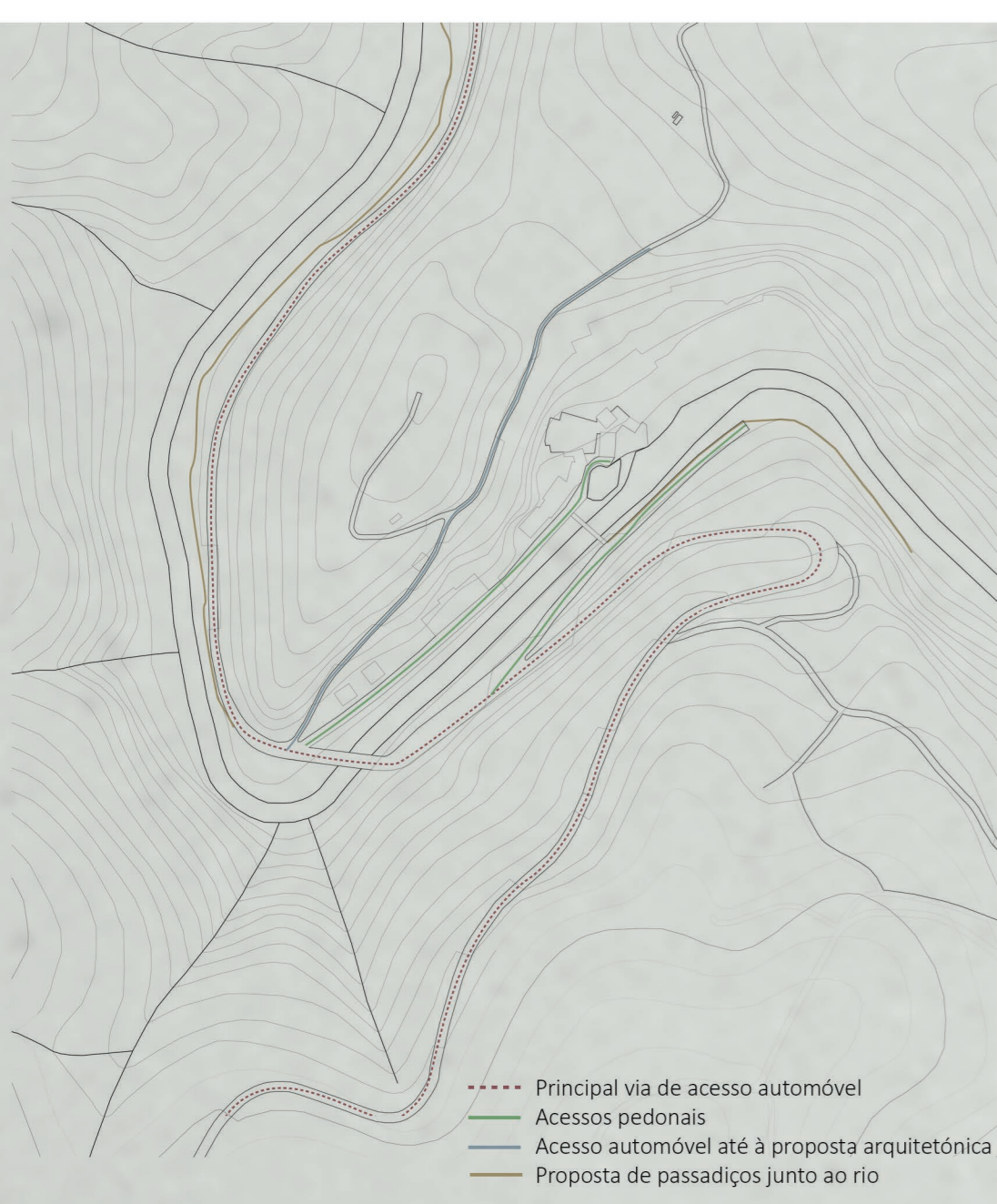
CIDADE DE TOMAR



BAIOICO DO TALEGRE - SERRA DE ALBURITEL



Legenda: **i** Posto de Turismo proposto **P** Parque de estacionamento subterrâneo proposto **●** Piscina da nascente **🚲** Miradouro **🏠** Proposta Arquitetónica **🌳** Zona urbana destinada a lazer **▲** Canhão Fluvio-Cársico





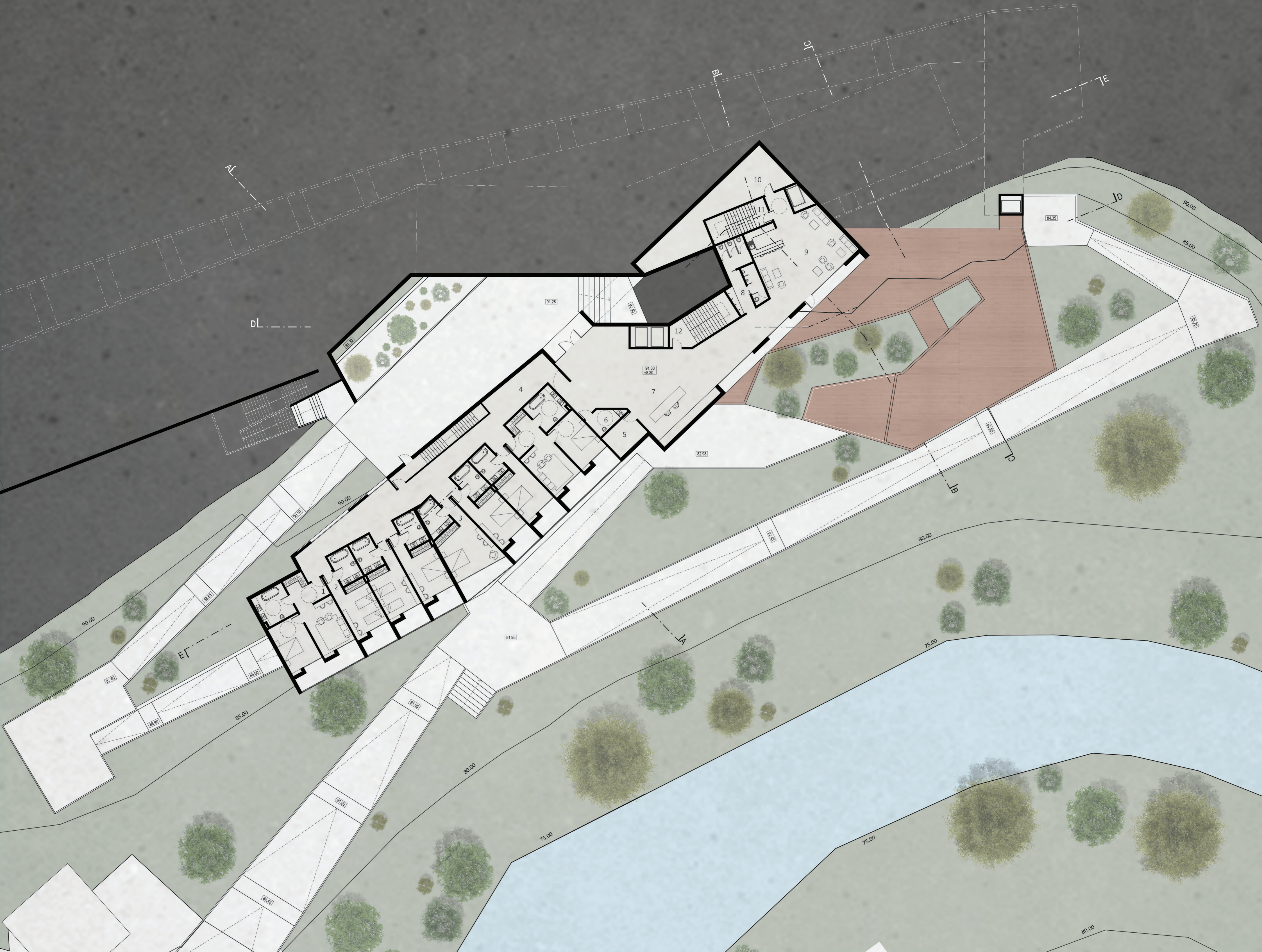
LEGENDA

1 - Espaço de relaxamento | 2 - Banhos individuais | 3 - Piscina de banhos tépidos | 4 - Piscina de banhos quentes | 5 - Balneários | 6 - Salas de inalação | 7 - Duches de massagens | 8 - Duches circulares | 9 - Sauna / Banho turco | 10 - Recepção | 11 - Espaço de estar | 12 - Casas de banho | 13 - Pedilúvio | 14 - Piscina de reabilitação | 15 - Piscina de água fria com 70 cm de altura | 16 - Espaço de estar | 17 - Piscina principal



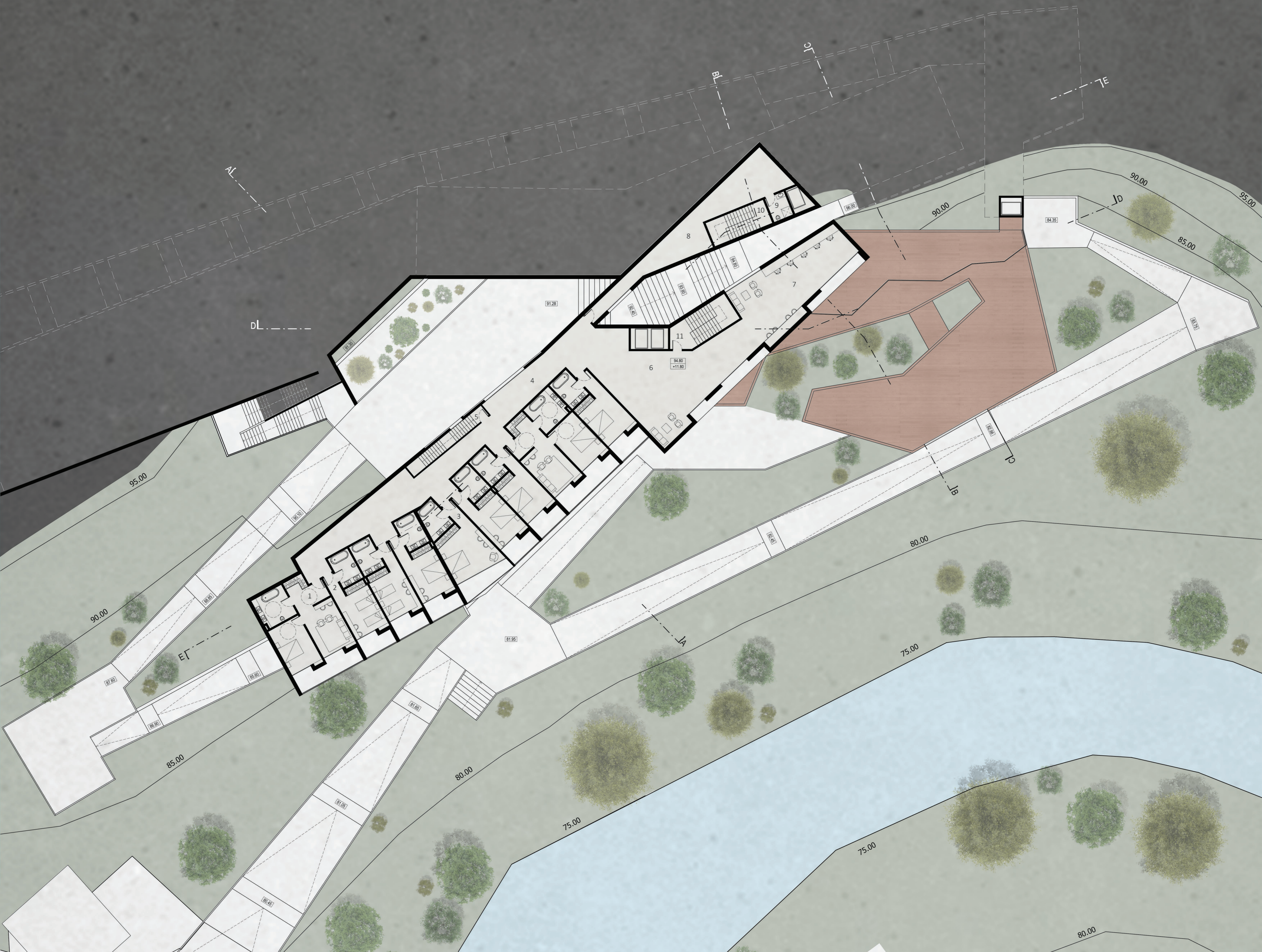
LEGENDA

1 - Quartos de tipologia suite | 2 - Quartos de tipologia comum | 3 - Quartos de tipologia de exceção | 4 - Circulação | 5 - Sala de apoio à receção | 6 - I.S. deficientes | 7 - Receção | 8 - I.S. feminino e masculino | 9 - Lounge | 10 - Arrumos | 11 - Comunicação vertical restaurante | 12 - Comunicação vertical termas



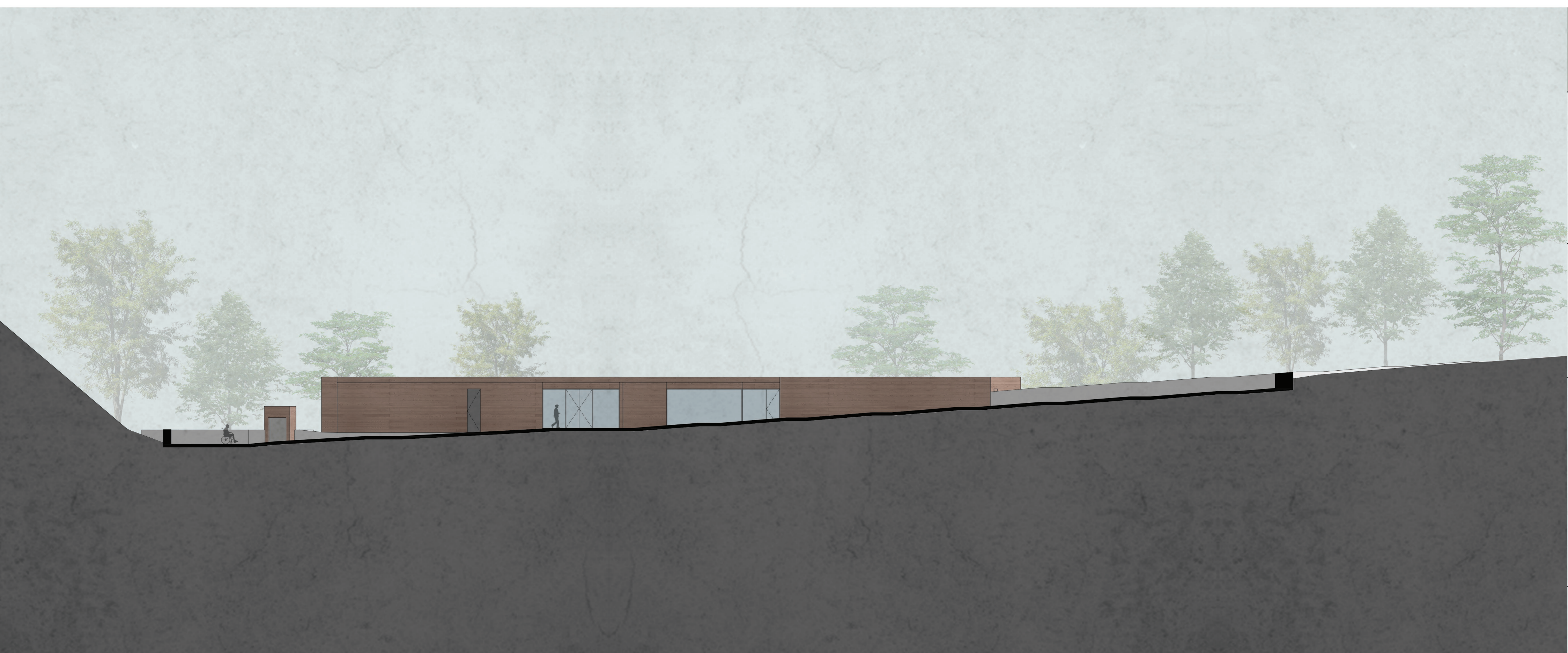
LEGENDA

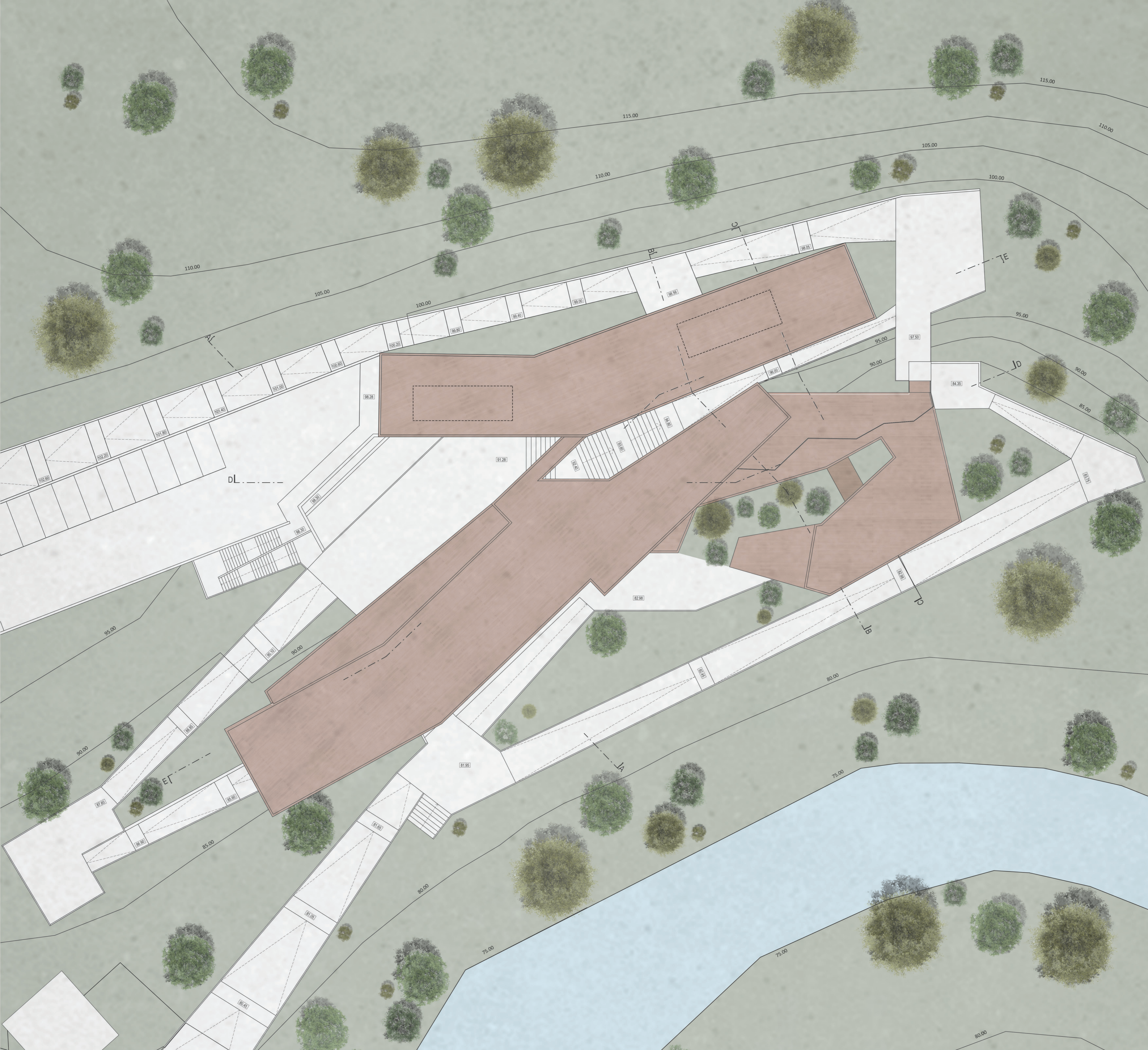
1 - Quartos de tipologia suite | 2 - Quartos de tipologia comum | 3 - Quartos de tipologia de exceção | 4 - Circulação | 5 - Escadas de emergência | 6 - Zona de chegada do piso 1 do hotel | 7 - Sala multimédia e leitura | 8 - Arrumos | 9 - I.S. de apoio | 10 - Comunicação vertical restaurante | 11 - Comunicação vertical hotel e termas

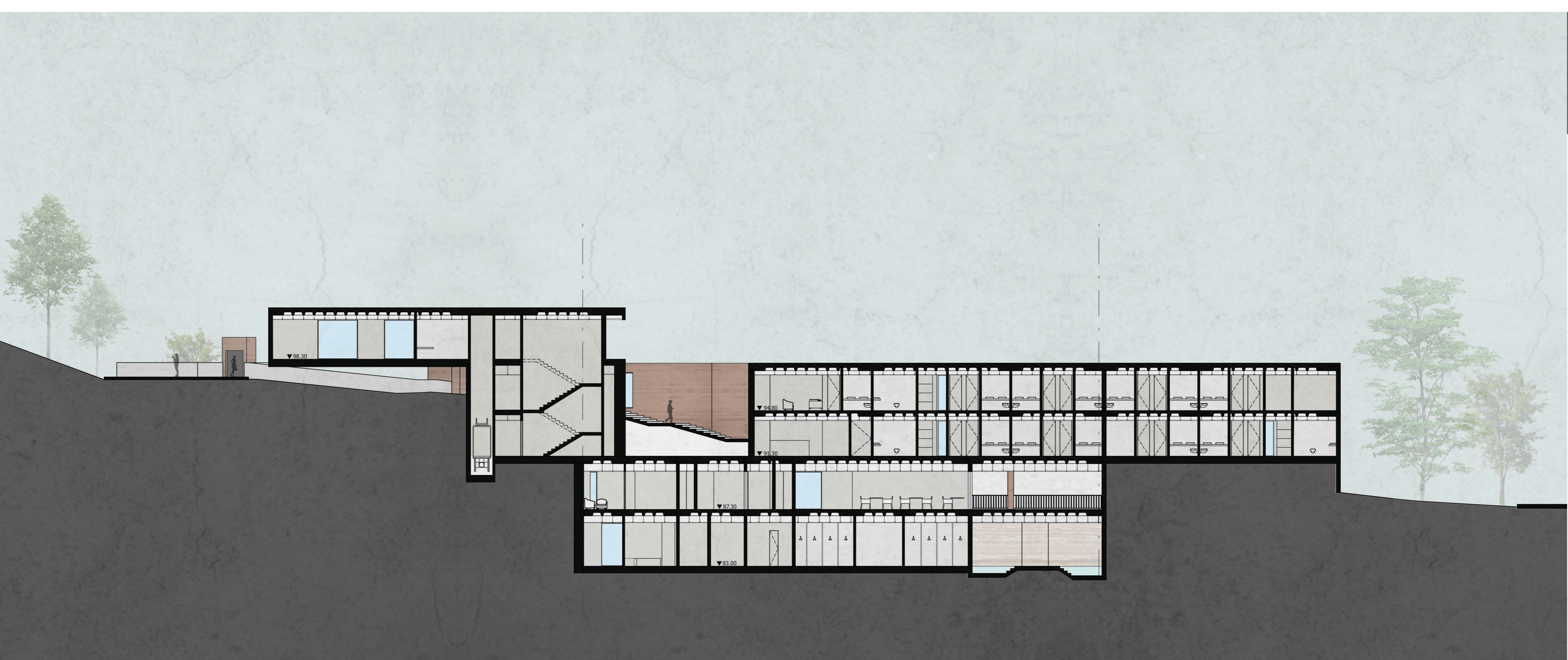


LEGENDA

1 - Entrada de serviços | 2 - Área de funcionários | 3 - Armazenamento de comida | 4 - Copa | 5 - Zona de confeção de comida | 6 - Sala do restaurante | 7 - I.S. acessibilidades | 8 - Receção do restaurante | 9 - Comunicação vertical hotel | 10 - I.S. Feminino | 11 - I.S. Masculino | 12 - Sala polivalente



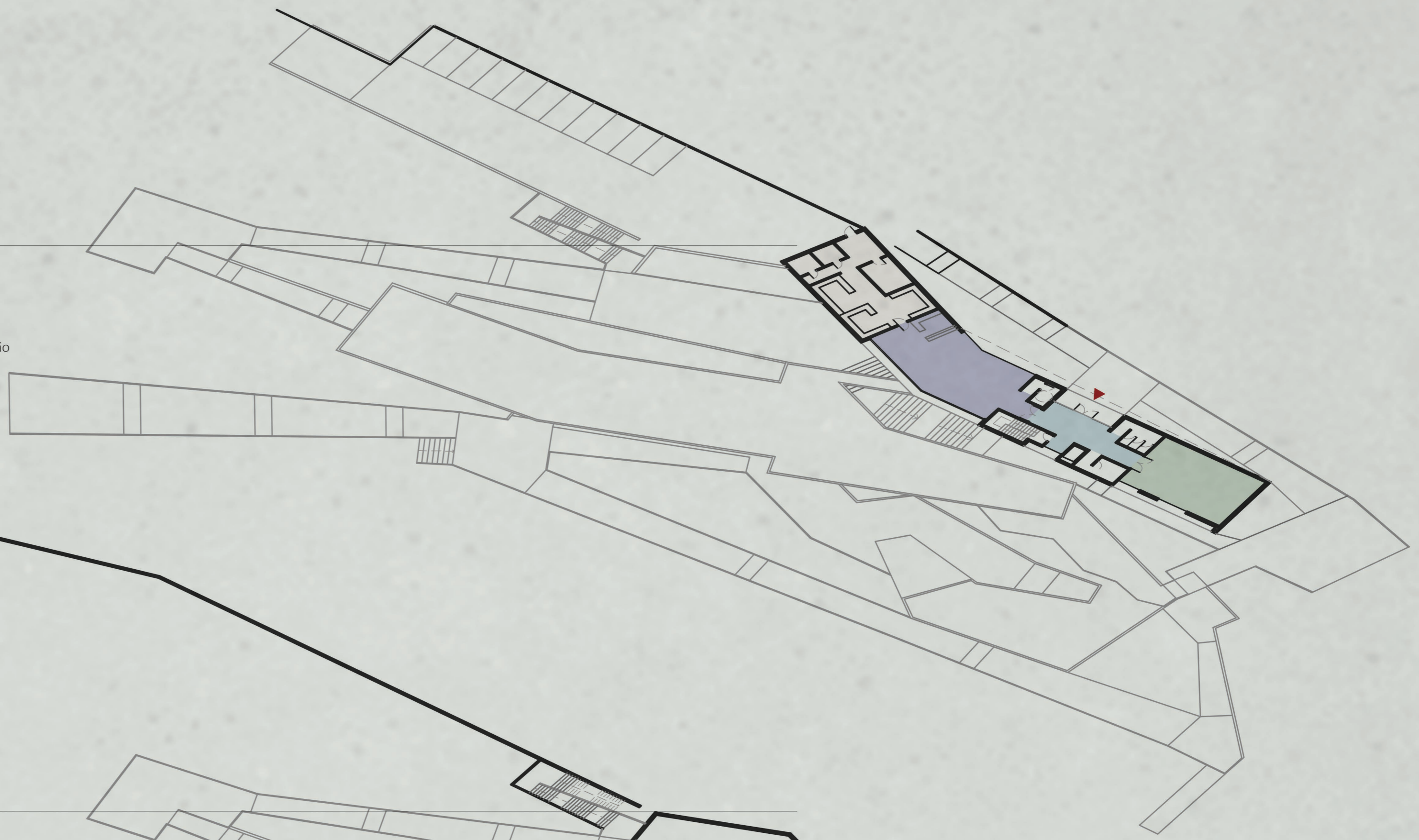




COTA 98.60 ▼

RESTAURANTE . PISO 0

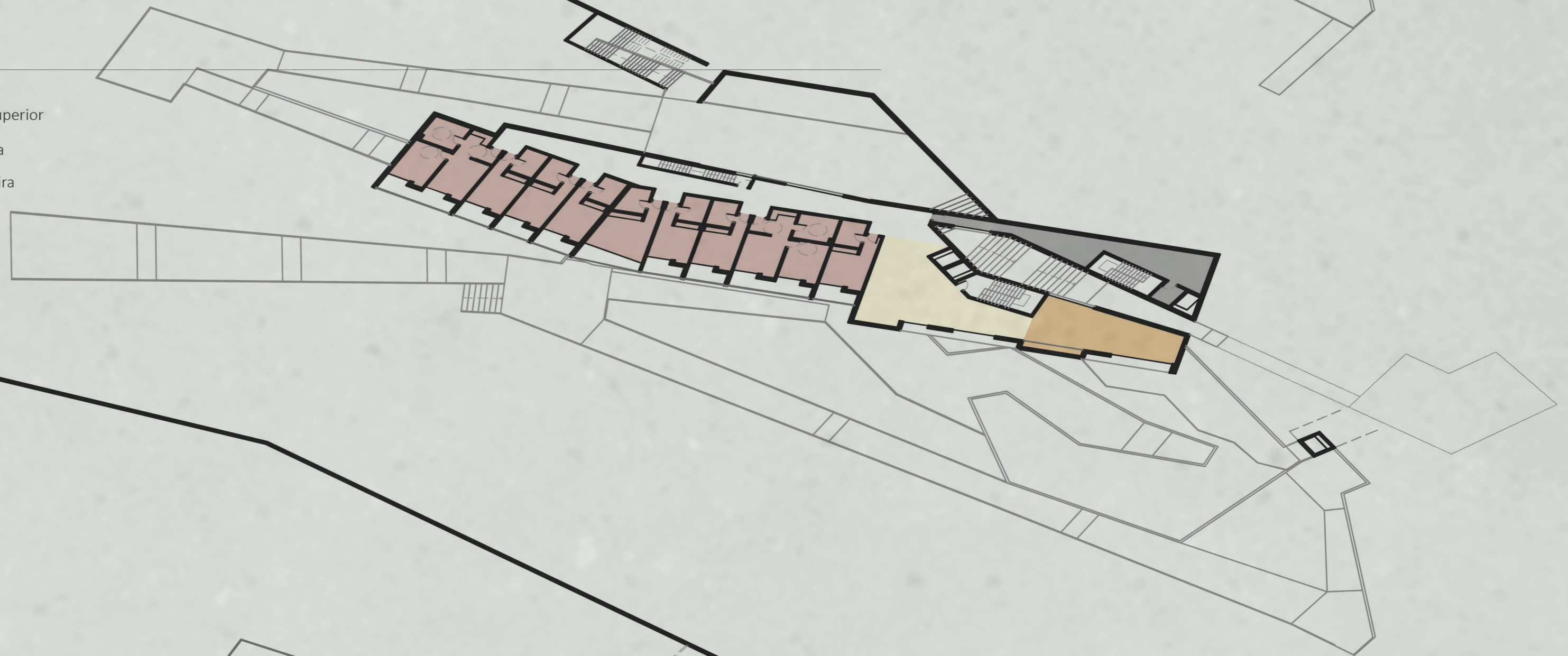
- Cozinha
- Sala de refeições
- Zona de entrada e circulação
- Sala polivalente



COTA 94.80 ▼

HOTEL . PISO 1

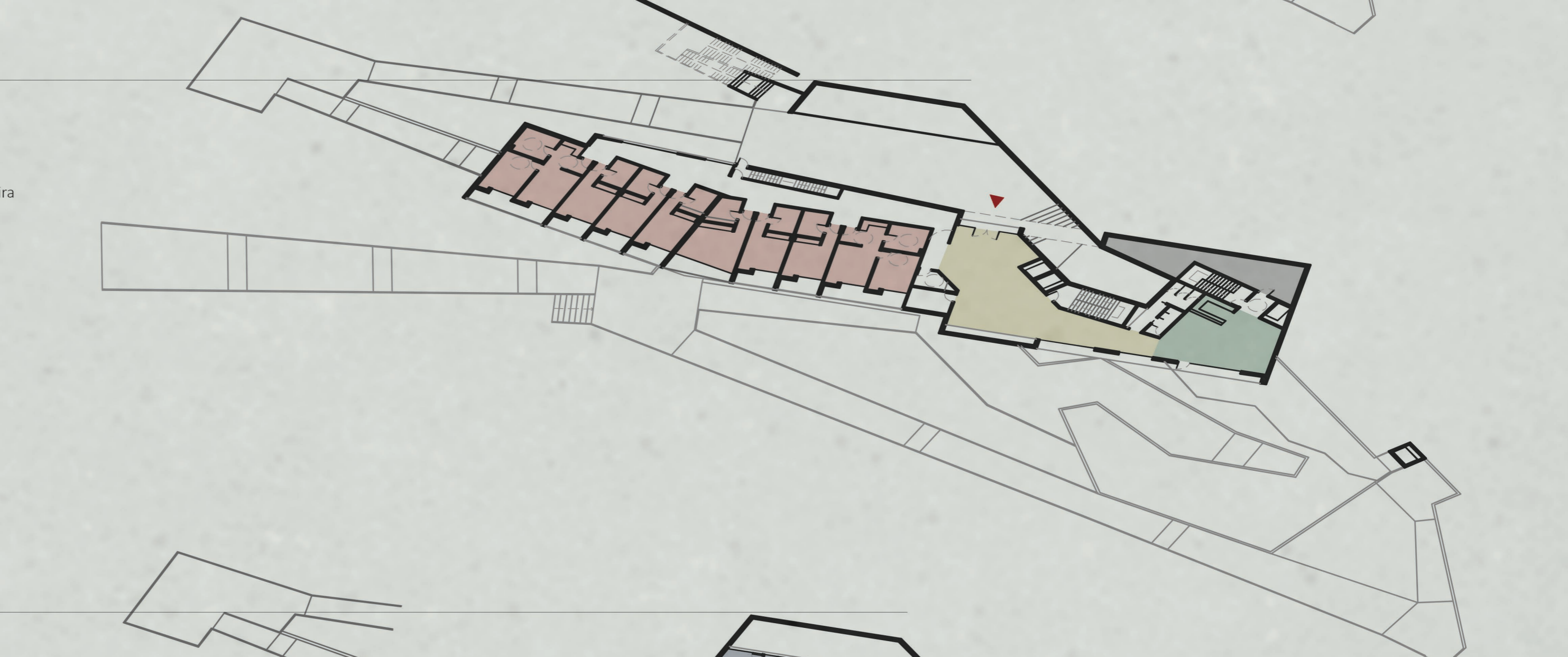
- Zona de chegada ao piso superior
- Espaço multimédia e leitura
- Quartos da unidade hoteleira
- Arrumos



COTA 91.30 ▼

HOTEL . PISO 0

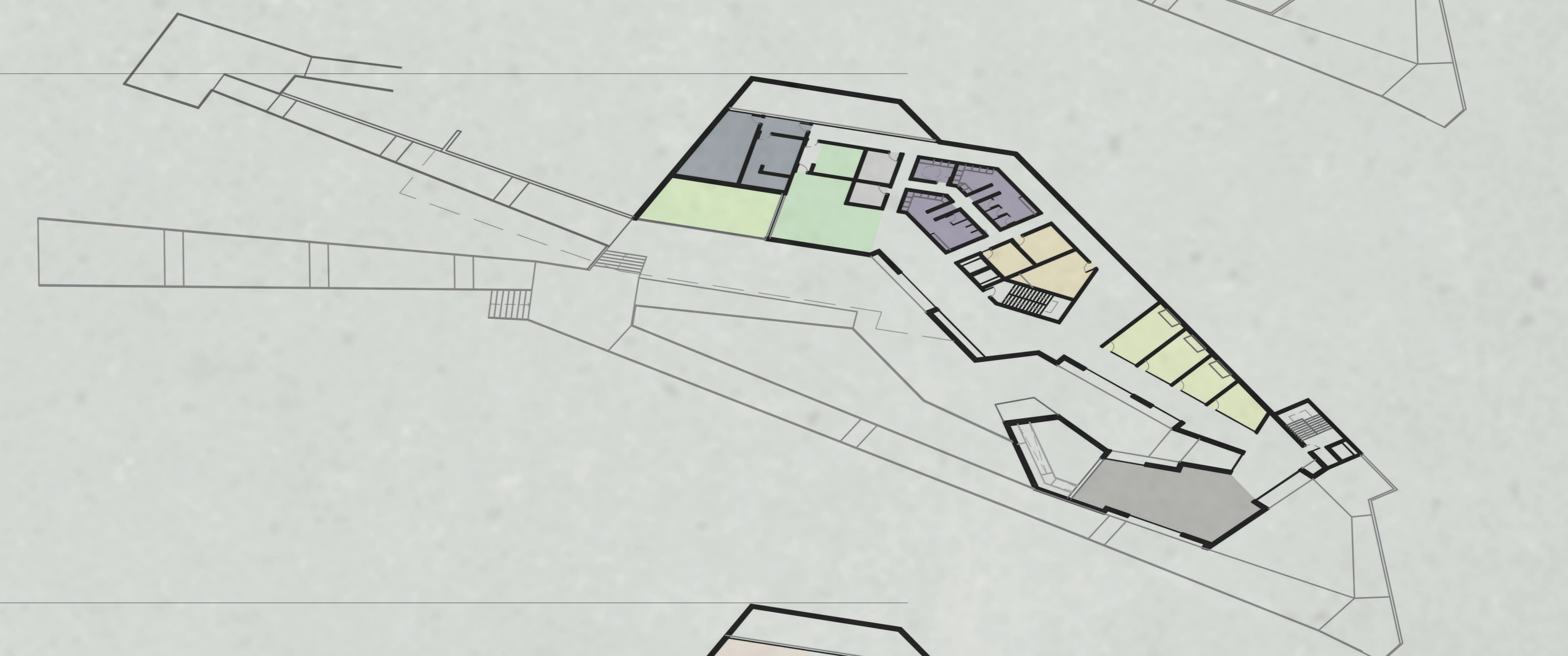
- Recepção e espaço de estar
- Lounge
- Quartos da unidade hoteleira
- Arrumos



COTA 87.30 ▼

TERMAS . PISO 1

- Espaço de cafetaria
- I.S. com cacifos de apoio
- Salas de massagens
- Gabinetes médicos
- Espaço de ginástica e yoga
- Área técnica
- Esplanada



COTA 83.00 ▼

TERMAS . PISO 0

- Banhos quentes
- Balneários
- Salas de tratamentos à base de água
- Pedilúvio
- Piscina de reabilitação
- Piscina de água fria

